Diário de Lisboa

ANO 65 N.º 21 968 Quinta-feira, 23 de Janeiro de 1986 Preço 40$00

António Maria Lisboa no 'Ler/Escrever'

PRESIDENCIAIS

Candidatos animam a noite de Lisboa

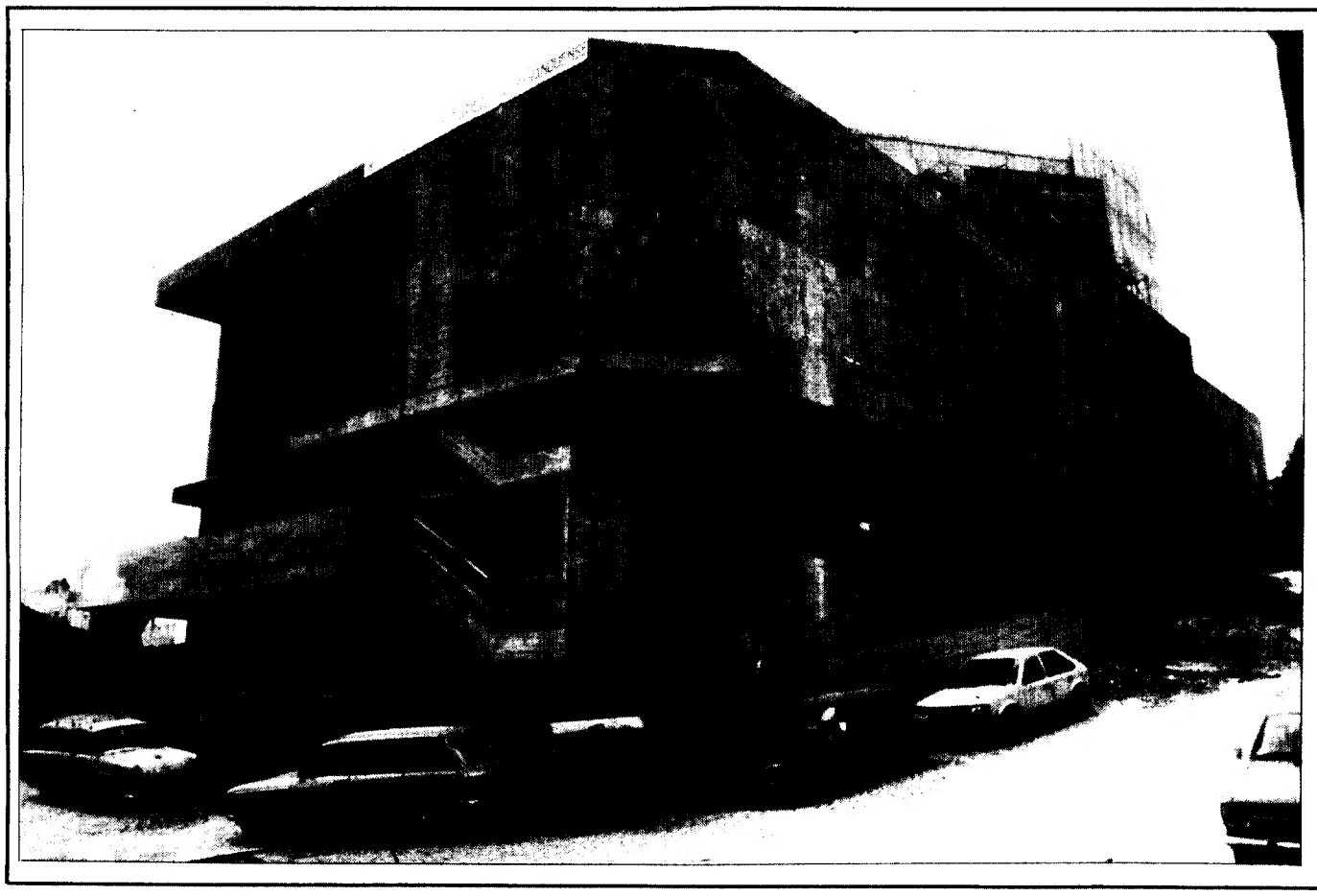
Mário Soares *na Feira Internacional de Lisboa*

Freitas do Amaral *na Alameda Afonso Henriques*

Salgado Zenha *no Pavilhão dos Desportos*

Lurdes Pintasilgo *é excepção: escolheu Setúbal*

Págs. 5 a 8



VILA FRANCA DE XIRA

Ateneu artístico está a um passo

Pág. 12

Ordem dos Médicos constitui fundo para internos

Pág. 9

Fases de crescimento e decréscimo caracterizam o índice anual de produção das indústrias extractivas em Portugal, segundo dados do INE relativos aos últimos 50 anos.

Altos e baixos nas indústrias extractivas

As produções de mármore, tungsténio, antracite, pirites de ferro cupríferas, estanho, sulfuretos de ouro e prata e do ferro (valor bruto) representaram, em 1982, 44 por cento do total da produção das indústrias extractivas.

O mármore e o tungsténio ocupam um lugar destacado. Em termos de quantidade de produto extraído, o mármore revela desde 1935 uma tendência crescente de produção, nomeadamente no período que vai de 1965 a 1969.

As pirites de ferro cupríferas têm uma evolução totalmente diferente, estando em diminuição desde 1950-54.

O índice anual de produção das indústrias extractivas, apresentando dados desde 1968, é extremamente claro: uma fase de crescimento de 1969 a 1973, com particular realce para o acréscimo deste último ano, de 13,5 por cento.

Depois, vem uma fase de decréscimo, entre 1974 e 1977. Finalmente, uma nova fase de crescimento entre 1978 e 1982, mas muito amortecida nos dois últimos anos.

Indústria transformadora

Por sua vez, as séries do índice anual de produção industrial entre 1968 e 1981, das médias anuais do índice mensal desde 1968 a 1984, e das médias anuais de saldos do Inquérito de Conjuntura, permitem detectar algumas tendências significativas.

Os anos de 1972 e 1973 apresentam acréscimos de 12,5 e 14,5 por cento, respectivamente. O ano de 1975 termina com uma quebra de 8,6 por cento resultante, segundo o INE, da situação política interna e do aumento dos preços do petróleo em 1974.

Mas em 1976 e 1977, ocorre uma recuperação, expressa em acréscimos de 7,3 e 14 por cento, respectivamente.

Percentagem de VBP de cada produto

	VBP dos sete produtos (milhares de contos)	Antracite	Ferro	Estanho	Sulfuretos de ouro e prata	Tungsténio	Mármore	Pirites de ferro cupríferas
1970	779	7,4 %	2,9 %	5,5 %	2,0 %	45,4 %	21,4 %	15,4 %
1975	1 198	10,8 %	1,0 %	5,2 %	4,5 %	33,4 %	32,5 %	12,6 %
1980	4 207	8,4 %	1,2 %	5,5 %	6,9 %	33,7 %	35,8 %	8,5 %
1982	5 869	11,0 %	0,6 %	6,8 %	4,7 %	25,5 %	44,5 %	6,9 %

Algumas produções industriais

	Unidades	1940	1950	1960	1970	1980	1983
Concentrado de tomate	10^3 ton.	—	—	—	116	74	78
Conservas de sardinha	10^3 ton.	—	28	58	27	32	33
Alimentos compostos para animais	10^3 ton.	—	28	68	880	3 509	2 995
Tecidos de lã e mistos de lã	10^3 ton.	2	3	5	8	10	9
Tecidos de algodão	10^3 ton.	17	25	32	45	61	70
Camisas	Milhões	—	—	—	16 (a)	17	15
Calças	Milhões	—	—	—	6 (a)	11	12
Rolhas de cortiça	10^3 ton.	—	8	9	14	34	21
Aglomerados de cortiça	10^3 ton.	—	24	23	31	47	62
Pasta de papel	10^3 ton.	7	6	87	427	855	848
Cimento	10^3 ton.	273	573	1 202	2 347	5 914	6 242
Aço bruto	10^3 ton.	—	—	167 (b)	389	663	629
Televisores	Milhares	—	—	—	46	468	723
Telefones	Milhares	—	—	—	138	318	420

(a) 1971; (b) 1962

Nos anos de 1981 e 1983, tornam a registar-se importantes abrandamentos de crescimento, e em 1984 é provável ter-se registado uma ligeira diminuição.

O quadro sobre produções físicas de alguns produtos industriais, pela importância que se revestem na actividade económica do País, põe em evidência que só a partir de 1970 Portugal começou a dispor de uma melhor cobertura de resultados, e que alguns produtos revelam uma evolução francamente positiva ao longo dos anos.

É, entre outros, o caso dos alimentos compostos para animais, os tecidos de algodão, os aglomerados de cortiça, a pasta de papel, o cimento, o aço bruto, os televisores e os telefones.

A revelação VAB/VBP, finalmente, põe em destaque, para o conjunto da Indústria Transformadora, objecto de inquirição anual, uma descida contínua entre 1972 e 1982, sendo este último 29 por cento inferior ao de 1972.

	1971	1975	1980	1981	1982
Valor Bruto de Produção VBP	98	215	899	1 107	1 364
Valor Acrescentado Bruto VAB	35	76	281	323	372

JOVENS PUDESSEM...

José António, 19 anos, empregado numa pastelaria

"Objecção de Consciência? nunca ouvi falar"

— Há quanto tempo trabalha?
— Mais ou menos há quatro anos.
— Sempre teve essa profissão?
— Sim, nunca fiz outra coisa. Quando procurei trabalho não arranjei melhor e por isso tive que aceitar este emprego.
— Gosta do que faz?
— Como não tenho outro trabalho melhor, tenho que gostar.
— Por que começou a trabalhar tão novo?
— Quis deixar de estudar, porque assim tenho a minha independência económica.
— Quanto tempo estudou?
— Fiz o 2.º ano do Ciclo Preparatório, porque era obrigatório.
— Não pensa voltar a estudar?
— Se for possível, gostaria de estudar na tropa.
— Concorda com o serviço militar obrigatório?
— Por um lado acho que é bom, mas por outro gostava de não ter que o fazer, porque me vai atrasar um bocado a vida.
— Quanto a si, quais as vantagens que o serviço militar pode trazer a um jovem?
— É bom conhecer o ambiente daquilo, convive-se um bocado.
— Está a par da possibilidade de recorrer à objecção de consciência?
— Não sei o que é, nunca ouvi falar.
— Como ocupa os tempos livres?
— Vou ao cinema, à discoteca ou fico em casa a ouvir música.
— Que tipo de música prefere?
— Gosto muito de rock, tem um ritmo violento.
— E filmes, o que prefere ver?
— Vejo quase sempre filmes de guerra, porque têm muita acção e gosto de ver lutar.
— Costuma estar informado?
— Leio o jornal.
— Qual a última notícia que lhe despertou mais a atenção?
— Não me lembro de nenhuma em especial.
— Tem acompanhado a campanha eleitoral?
— Tenho, e acho que o que todos querem é encher o bolso, ninguém pensa no povo.
— Se pudesse governar o que começava por mudar?
— Preocupava-me com a questão das casas, para que não houvesse falta e as rendas fossem mais baratas para os que têm mais dificuldades.

Inseminação artificial

Parlamento italiano prepara-se para um longo e árduo debate

Margarita Galvan — IPS

A inseminação artificial, à semelhança do que aconteceu com o aborto há dez anos, parece caminhar, como tudo indica, para um longo debate em Itália. No centro da questão surgem, também desta vez, o alegado «direito à vida», a oposição da Igreja e os médicos sem escrúpulos que aproveitam a situação de angústia profunda com que alguns casais estéreis chegam à decisão de ter um filho inseminado artificialmente.

À margem do debate político que se desenrolará no Parlamento com a discussão do relatório especial sobre o assunto, elaborado por uma comissão «ad hoc» nomeada pelo Ministério da Saúde face ao anúncio do nascimento de um novo «filho da proveta», perfila-se uma discussão social dos problemas de fundo que o tema suscita.

A sociedade italiana parece não ter uma resposta fácil para as perguntas que originará uma lei regulamentadora da inseminação artificial.

Alguns interrogam-se, por exemplo, sobre a justeza de uma mulher solteira, vivendo sozinha, possa aceder à maternidade através da inseminação artificial.

Outros perguntam-se por que razão não poderia um casal de homossexuais masculinos recorrer ao «aluguer do ventre» de uma mulher para ter um filho.

Qual o raciocínio que se segue?

Por outro lado, também surgem perguntas sobre o raciocínio que se segue para proibir um casal de «produzir um embrião» e mantê-lo congelado até à altura em que achar oportuno.

Aparentemente, todas estas perguntas escapam à situação tipo do casal normal, que impossibilitado de procriar, recorre à inseminação artificial.

E, no entanto, numa sociedade de «vanguarda» como esta, que há já tempos que deixou para trás o preconceito que supõe «não falar» do formalmente proibido ou «mal aceite», perguntas desta natureza, bem como a resposta que venham a obter, condicionarão a lei que vier a ser decretada pelo Parlamento.

Embora ainda não tenham sido divulgados os resultados do trabalho da comissão ministerial, sabe-se já que um dos pontos do debate parlamentar girará em torno da inseminação eteróloga, ou seja, a que utiliza o sémen de um homem estranho ao casal.

Sabe-se, ainda, segundo as informações, que este será um dos temas de maior discussão, pois para alguns sectores cristãos e conservadores a inseminação eteróloga representa uma forma de adultério inaceitável para a moral cristã.

Por outro lado, foram filtradas algumas das recomendações da comissão.

Entre elas destacam que a inseminação artifical poderá ser praticada apenas com o consentimento de ambos os cônjuges e por razões de esterilidade do casal e que não será permitido praticá-la nem em mulheres solteiras nem em casais que não estejam legalmente casados, nem em viúvas ou divorciadas que não tenham voltado a casar.

Para evitar a especulação será autorizado o pagamento aos dadores de esperma, e estes não poderão ser utilizados para inseminar mais de dez mulheres as quais, além do mais, deverão viver em diferentes regiões do país.

Num aspecto muito polémico, as recomendações estabelecem que não serão aceites dadores estrangeiros nem será permitido às italianas praticarem a inseminação artificial fora do país.

Ao fazer-se eco destas «filtragens», a Imprensa italiana interrogou-se sobre quais os critérios éticos seguidos pelos membros da comissão ministerial que estudou o problema, e recordou a polémica desencadeada há dez anos pelo aborto.

A mulher e a maternidade, estão no centro do debate. Há já quem se pergunte se os avanços alcançados pela ciência no campo da inseminação artificial não será o fim do único poder que até agora foi reconhecido à mulher, o da maternidade.

Crónica de um lusitano já na CEE

M. Monteiro Lopes

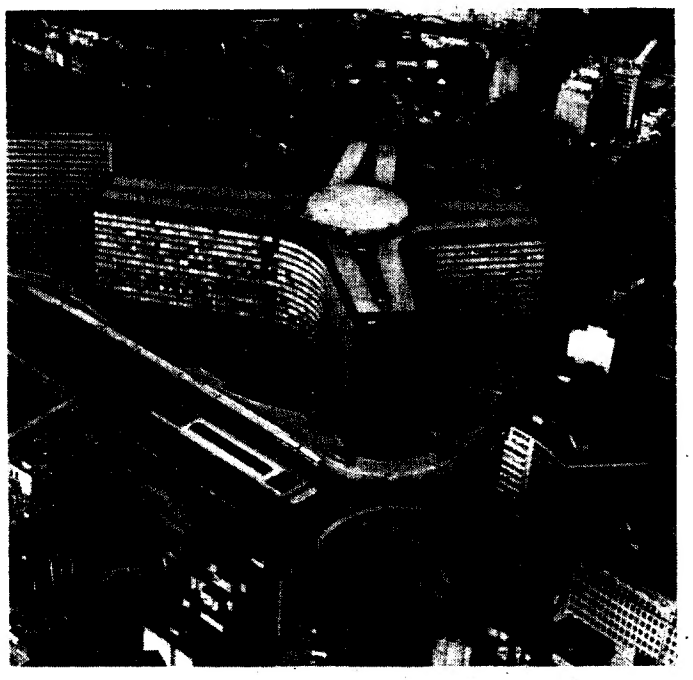
Regressei às origens, ou seja, «virei» lusitano, ali dos Hermínios e tudo, mas agora na CEE.

Escrever sério sobre coisas sérias é, por assim dizer, um acto natural. Mas escrever a rir sobre coisas sérias — com humor negro, amarelo ou branco — é algo, por vezes, bastante difícil. E é difícil, por exemplo, quando aparece um imposto novo, mesmo que mais fácil e mais justo, que nos vai deveras às algibeiras — é portanto uma coisa absolutamente séria, mas também sobre ela se pode escrever a rir, desde que se tenha uns óculos especiais, mesmo muito especiais (não são receitados pelos oftalmologistas, nem se vendem nos oculistas e, portanto, cada um tem que fazer os seus) que ampliem o ridículo de tal maneira que nos ponha a rir, de preferência a bandeiras despregadas, ainda que só mentalmente (para não se incomodar o próximo ou não dizerem que estamos «balhelhas»). E à parte destes casos difíceis, escrever a rir passa a ser um acto quase natural, porque as coisas só dão mesmo para rir. E não queiram saber quantas gargalhadas mentais — e às vezes sonoras — eu dou sozinho!

E agora, um assunto sério, inteiramente «à la page» (ein) da nossa entrada na CEE. Trata-se da afamada, conhecida e discutida gestão (ou «management»), que já o era antes de ser e faz, hoje, parte da nossa linguagem corrente. E digo que já o era antes de ser porque nós próprios, no nosso belo cantinho (não é belo?) à beira-mar plantado, tivemos exemplos — poucos, é certo — de Homens que fizeram autêntica gestão governativa, sem saberem, talvez, para bem deles e nosso, o que era gestão. Senão, atente-se no caso do Marquês de Pombal, sem Távoras, já se vê. Leiam alguma coisa sobre o Marquês e ficarão estarrecidos com a profícua acção que ele desenvolveu, em quase todos os campos de actividade nacionais, numa crise bem grave das nossas continuadas crises.

Mas retomemos o filão puro da tal gestão. É difícil por vezes até extremamente difícil, realizar-se gestão, apenas porque se esquece que o elemento, (não gosto da palavra recurso) nobre e essencial de qualquer corpo ou actividade empresarial (de Estado, pública ou privada) reside nos homens (e mulheres) nossos irmãos (semelhantes é pouco!) que connosco trabalham para a consecução de objectivos (entre os quais se conta o indispensável justo lucro) visando o bem comum, por utilização de recursos materiais e financeiros. E o respeito integral, ou seja, em todos os aspectos e circunstâncias, por estes homens e mulheres colaboradores das acções empresariais, é o segredo e a única via de sucesso na gestão seja do que for, em ordem à realização, repito, do bem comum.

É assim. De vez em quando, fluem nas minhas artérias, veias e capilares (incluindo no cérebro) inspirações verdadeiramente profundas, que dão origem a tiradas como a precedente que justificam dizer-se que «nasci» político...



Repatriados timorenses chegaram já a Lisboa

Trinta e um timorenses de nacionalidade portuguesa chegaram ontem a Lisboa, constituindo o primeiro grupo autorizado pela Indonésia a abandonar Timor, no âmbito de um acordo realizado entre Lisboa e Jacarta sob os auspícios da ONU.

No grupo integrado por sete antigos funcionários da administração portuguesa e seus familiares, estavam mais de 14 crianças.

Assediados pelos numerosos jornalistas no aeroporto, apenas alguns responderam a perguntas, esquivando-se a outras, com um pesado silêncio e vazio no olhar.

«Sim, estou contente por ter vindo. Porque saí de Timor? Porque quis conservar a minha nacionalidade. Estou contente por sair de lá» — afirmou uma das mulheres, apressada, anónima, a primeira a sair pela porta da imigração, onde esperara cerca de uma hora. Outro, com cerca de 40 anos, viajava sozinho. Não disse o nome, confirmou apenas, com um aceno de cabeça, que lhe agradava ter vindo para Portugal.

Era um dos muitos inscritos para o repatriamento, tendo optado pela nacionalidade portuguesa. Soube, em Dezembro passado, que vinha. Como está a situação em Timor? Como se vive em Timor? Não há resposta para além do olhar vazio, do mutismo. Nem sequer um encolher de ombros.

Jacinto, nascido em 1945, limitou-se a dizer que apenas tinha que se «preocupar com a vida». Tinha trabalho? Passava-se fome? «Não sei, olhava apenas pela minha barriguinha...». Jacinto é um dos dois refugiados timorenses que veio sem família.

«Foram intimidados à partida. Recomendaram-lhes que não falassem sobre a situação sob pena de represálias para os restantes que aguardam repatriamento» — confidenciou um dos familiares que os esperavam no aeroporto.

Um funcionário da Cruz Vermelha Internacional, que os acompanhou desde Jacarta, excusou-se a fornecer a lista dos nomes, remetendo os pedidos de informação para a sede da Cruz Vermelha Internacional, em Genebra: «Pois, fizeram boa viagem. Posso considerar-me feliz por eles se encontrarem finalmente em Portugal.»

A identificação de quase todos os refugiados foi feita por timorenses que os aguardavam, amigos de longa data: Simões Madeira e sua mulher Alda Valadares, Jacinto Baptista e Evínia Soares, Domingos Castro e Vitória Pinto, Lourenço e Inácia Amaral e ainda Henrique Simões e Jacinto Baptista.

Entre eles, três enfermeiros e parteiras, uma monitora escolar e funcionários dos CTT, estatísticas e administração civil.

O grupo foi recebido por duas funcionárias do Centro Regional de Segurança Social de Lisboa, que informaram deverem ser alojados num novo centro de alojamento, localizado na Serra das Minas.

Centenas de timorenses receberam calorosamente os recém-chegados com abraços, emoção e gargalhadas de alegria pelo reencontro.

«Olha, olha, como é que conseguiste isso? Deixaram-te sair?» — dizia um timorense de cabelos grisalhos a dar palmadas nas costas de outro, mais jovem, que antes fora saudado com «claque», e palmas.

A comunidade timorense em Portugal está presentemente distribuída pelo Centro Regional do Vale do Jamor e por pensões, apartamentos e moradias em Lisboa e de várias localidades dos concelhos de Oeiras, Sintra, Cascais e Setúbal — refere um representante da «Comissão dos Direitos do Povo Maubere».

Desconhece-se ainda a data de chegada dos restantes portugueses que perfazem o total de 54 antigos funcionários da administração colonial e familiares (cerca de 400 pessoas).

Tendo recusado a nacionalidade indonésia, estão abrangidos pelos acordos negociados entre os governos português e indonésio, em Setembro do ano passado, com a mediação do secretário-geral da ONU, Xavier Peres de Cuellar.

Novos repatriamentos

— Os refugiados portugueses de Timor-Lestes serão repatriados em intervalos de três semanas e em grupos de cerca de 30 pessoas — disse à Anop em Genebra o delegado da Comissão Internacional da Cruz Vermelha encarregado dos refugiados timorenses.

Jean-François Olivier afirmou que a divisão dos cerca de 400 refugiados em grupos de três dezenas se destina a «possibilitar um acolhimento adequado por parte dos serviços sociais portugueses».

O representante da comissão, referindo-se ao primeiro grupo que ontem chegou a Lisboa, considerou que o seu transporte desde Dili «decorreu da forma prevista» e que se espera conseguir organizar o repatriamento dos restantes ao ritmo referido, com intervalos de três semanas.

Parlamento elege representantes para órgãos exteriores à Assembleia

A Mesa da Assembleia da República anunciou ontem os resultados das eleições efectuadas na terça-feira passada para os representantes do Parlamento em nove organismos, um dos quais internacional e os restantes exteriores à Assembleia.

Dos 51 candidatos propostos foram chamados seis: três do PSD, um do PS, outro do PRD e ainda outro do CDS. Apolinário Vaz Portugal, proposto pelos sociais-democratas não foi, por exemplo, eleito presidente do Conselho Nacional do Plano. Para o Conselho Nacional de Fiscalização dos Serviços de Informações foram rejeitados os nomes de Anselmo Rodrigues, do PS, e de Marques Junior, do PRD. Também para o Conselho de Imprensa não foram eleitos Barroso da Fonte do PSD e Alves Fernandes do CDS. Para o Conselho Superior de Defesa Nacional foi rejeitado finalmente o nome do social-democrata Fernando Cardoso Ferreira.

À excepção das eleições para o Conselho de Imprensa, cujos resultados são obtidos por via simples, todas as outras são realizadas tendo em conta o apuramento dos votos por maioria de dois terços dos deputados em efectividade de funções.

Os representantes do Parlamento foram eleitos para o grupo português da União Interparlamentar, Conselho Nacional do Plano, Conselho de Gestão do Centro de Estudos Judiicários, Conselho de Fiscalização dos Serviços de Informações, Instituto de Defesa do Consumidor, Conselho Superior de Defesa Nacional, Conselho de Imprensa, Conselho de Liberdade de Ensino e Conselho Nacional de Alfabetização. Para a presidência de cada um destes órgãos foram eleitos, respectivamente, Montalvão Machado, Fernando Pardal, Montalvão Machado, (outra vez) João Francisco Lopes, Vítor Crespo, e Amélia de Azevedo, todos do PSD. Como já se disse não foram eleitos para presidênciais do CNP e CI Vaz Portugal e Barroso da Fonte.

FREITAS do AMARAL EM

DIA 24 — SEXTA-FEIRA

13H30 – Almada
14H00 – Costa da Caparica
14H30 – Seixal
15H00 – Sesimbra
15H30 – Quinta do Conde
16H00 – Barreiro
16H45 – Alhos Vedros
17H20 – Palmela
18H15 – Montijo
19H00 – Setúbal (comício na Praça Bocage)

HOJE, 5.ª-FEIRA, ÀS 21.00 HORAS
NA ALAMEDA AFONSO HENRIQUES
(COMÍCIO)

Tempos de Antena

RDP Antena 1	17H30
RDP Antena 1	18H24
RDP Antena 1	19H30
RR	20H15
RR	20H54
RTP	20H30
	21H00

Prá Frente Portugal!

aprenda italiano connosco

Abertas as inscrições para os Cursos de Fevereiro — Maio

Instituto Italiano de Cultura

R. do Salitre, 146
1200 LISBOA
Tel. 684172-657117

Cursos por correspondência

Horário da Secretaria
9.30 — 13 h
16.30 — 19 h

MEDICINAS ALTERNATIVAS
CURSOS

Abertas as inscrições para os seguintes cursos:
ACUPUNCTURA * NATUROPATIA * QUIROPRAXIA
OSTEOPATIA * HOMEOPATIA * IRIDOLOGIA
* Professores especializados nacionais e estrangeiros *
INSCRIÇÕES
I.M.N. — Av. Praia da Vitória, n.º 18 — 1.º Esq. * LISBOA
Telefone 55 40 87
* Cursos homologados pelas associações de classe *

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE ALENQUER

ANÚNCIO

No dia 19 de Fevereiro, próximo, pelas 11 horas, no Tribunal Judicial de Alenquer, nos autos de carta precatória n.º 132 da 2.ª Secção, extraídos dos autos de Execução de Sentença n.º 7479 da 3.ª Secção, do 3.º Juízo Cível da comarca de Lisboa, em que é exequente a União Fabril Farmacêutica e executados Silvério Gualdino Neves e mulher Maria de Lurdes Pena Tomaz Neves, residentes na Rua Gil Vicente, Merceana, Alenquer, hão-de ser postos em praça pela primeira vez, para serem arrematados ao maior lanço oferecido acima do valor indicado nos autos, um tapete rolante e um porta paletes, mecânico.

Alenquer, 20 de Janeiro de 1986
O JUIZ DE DIREITO
a) António Oliveira Morais

O ESCRIVÃO ADJUNTO
a) Maria Elisa Damião de Sá

«D.L.» – 23/1/86 – 1.º Pub.

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA

ANÚNCIO

O doutor Abílio Lopes Cardoso, juiz de Direito do oitavo Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa.

Faz saber na acção de contrato individual de trabalho, com processo sumário, pendente na segunda Secção, com o número 80/85, movida pela autora ROSA DA CONCEIÇÃO SANTOS, casada, porteira, residente na Av. General Humberto Delgado, lote 1-9.º Esq.º, na Amadora, contra a ré MARIA ADELAIDE PEREIRA e outros, residente em parte incerta, com última residência conhecida na Av. General Humberto Delgado, lote 1-2.º Esq.º na Amadora, é esta ré citada para contestar, apresentando a sua defesa no prazo de oito dias, que começa a correr depois de finda a dilação de trinta dias, contada da data da segunda e última publicação do anúncio, sob a cominação de vir a ser condenada imediatamente no pedido, que a autora deduz naquele processo e que consiste na reintegração no seu posto de trabalho, e o pagamento de diferenças salariais e o valor do pedido formulado é de cento e trinta e seis mil duzentos e sessenta e um escudos. Mais deve a mesma ré no mesmo prazo, contestar, o pedido de assistência judiciária formulado pela mesma autora.

Lisboa, 9 de Janeiro de 1986
O JUIZ DE DIREITO
Abílio Lopes Cardoso

O Escriturário
Normando Cabral

«D.L.» – 23/1/86 – 1.º Pub.

TRIBUNAL CÍVEL

DA COMARCA DE LISBOA

4.º JUÍZO

ANÚNCIO

O DOUTOR FERNANDO JOSÉ MATOS PINTO MONTEIRO, Juiz de Direito do Quarto Juízo Cível da Comarca de Lisboa.

FAZ SABER que, por este Juízo e Segunda Secção de Processos, correm éditos citando os Réus JOSÉ ANTÓNIO MOUTINHO DOS SANTOS e esposa MARIA DOS SANTOS, ausentes em parte incerta da Alemanha e com último domicílio conhecido em Portugal na Avenida do Uruguai n.º 31-2.º Dt.º — Lisboa, para comparecerem neste Tribunal no dia 24 de Fevereiro próximo, pelas 14,30 horas, a fim de intervirem na tentativa de Conciliação a realizar nos autos de acção de despejo que lhes movem Maria Manuela Romão Saraiva de Carvalho e outros.

Os ora citandos podem fazer-se representar por procurador com poderes especiais para transigir.

No caso de não comparecimento de qualquer das partes, ou de se não obter acordo, o prazo para contestar, que é de cinco dias, começará a contar-se da data da tentativa.

O duplicado da petição inicial encontra-se nesta Secretaria à disposição dos citandos.

Da petição inicial verifica-se que os autores pedem que seja decretada a resolução do contrato de arrendamento, e o despejo imediato do segundo andar, lado direito, do prédio sito na Av. do Uruguai, com o n.º 31 em Lisboa, com fundamento na falta de residência dos réus do andar arrendado.

O Juiz de Direito,

Fernando José Matos Pinto Monteiro

A Escriturária Judicial,

M.ª de Fátima Fernandes

D.L. — 23/1/86 — 2.ª Pub.

PRESIDENCIAIS

Candidatos descem à cidade

Três candidatos — Freitas do Amaral, Mário Soares e Salgado Zenha — reservaram o dia de hoje, penúltimo de campanha, para a região de Lisboa. A única excepção, já que Ângelo Veloso formalizou a desistência esta tarde, é Lourdes Pintasilgo, que estará no distrito de Setúbal.

O contacto directo com a população da capital, designadamente na baixa lisboeta, é preocupação comum daquelas três candidaturas, o que levou a PSP de Lisboa a preparar planos para eventuais engarrafamentos.

O Rossio será local de campanha para as três candidaturas, com a presença nesta zona dos candidatos Freitas do Amaral e Mário Soares e de Manuela Eanes, em campanha por Zenha.

Freitas do Amaral começou o dia com uma viagem Porto-Lisboa, de comboio.

Depois, o candidato estará na baixa e almoça na zona do Bairro Alto. Da parte da tarde, será um passeio na zona de Alvalade — Avenida de Roma e, à noite, um comício na Alameda Afonso Henriques.

Também a candidatura de Mário Soares privilegiará, neste penúltimo dia de campanha, a presença do candidato nas ruas de Lisboa.

Primeiro, Mário Soares estará na Malveira. Depois, já na cidade de Lisboa, começa por estar na zona da Praça do Chile.

Mário Soares almoça com gestores e depois, acompanhado por personalidades apoiantes da sua candidatura, descerá, a pé, da zona do Bairro Alto para o Rossio.

Ao fim da tarde, Mário Soares tem previsto um encontro com advogados. O candidato janta, depois, com estudantes e tem marcado um comício para a FIL.

A mulher do candidato Mário Soares, Maria Barroso, fará campanha pelo marido na Covilhã. Tem prevista uma visita ao Instituto Universitário da Beira Interior e um comício. À noite participará no comício com Mário Soares.

O candidato Salgado Zenha estará também em Lisboa, incluindo os arredores da capital.

Começa por visitar a Fábrica de Sabões, depois o Bairro Chinês, o Clube de Futebol Oriental, a Prodal, o Mercado de Chelas, Olivais Sul, o Mercado da Quinta do Morgado, a Quinta das Laranjeiras, Moscavide, Sacavém, Camarate, Loures, Odivelas e almoça com apoiantes na Feira Popular.

Da parte da tarde e até ao comício à noite no Pavilhão dos Desportos, visita a Musgueira, Carnide, Bairro da Boavista, Bairro da Liberdade, Meia Laranja, Alcântara e Algés.

Esta candidatura conta ainda, em Lisboa, com a presença de Manuela Eanes, que depois participará na divulgação de um manifesto de mulheres apoiantes de Zenha na baixa de Lisboa, estará em Santo Amaro, Algés, na Feira de Carcavelos, Mem Martins, Massamá, Belas, Caneças, Loures, Odivelas, Pontinha, Brandoa, Falagueirea e Ventura.

Lourdes Pintasilgo é o único candidato a estar quinta-feira fora de Lisboa, no distrito de Setúbal.

A candidata visita os mercados de Corroios, da Torre da Marinha e do Seixal. Depois, visitará a Setenave e contactará com trabalhadores.

Lourdes Pintasilgo dedica a parte final do dia à cidade de Setúbal. Estará na baixa da cidade e depois fará um comício no pavilhão do Vitória.

Um compromisso na lezíria

Aurea Sampaio

BELÉM
LURDES PINTASILGO

Foi com um «compromisso de fraternidade», uma espécie de garantia de que «todos podem dar as mãos para construir um novo país e um novo futuro», que Lourdes Pintasilgo se despediu do distrito de Santarém. Ela que ali nasceu e que atravessou ontem as lezírias, «filha pródiga» revivendo origens, esperada horas na escuridão das estradas por gente de carão escuro e olhar de frente. Lá, na Casa do Campino, onde entrou já perto da meia-noite, foi mais uma vez a reafirmação de que a sua «vitória não nascerá dos escombros» dos partidos políticos e de que nada a fará desistir.

Convicta de que a sua candidatura «é um processo nacional e uma expressão da vontade popular», Lourdes Pintasilgo entendeu «devolver à procedência o convite à desistência que me tem sido feito através da Comunicação Social».

A assistência que não enchia completamente o recinto — o comício começou com duas horas e meia de atraso o que provocou a debandada de muitos — insistia, compassadamente num «slogan» que tem vindo a generalizar-se nas iniciativas da campanha de engenheira: «Zenha que desista, Zenha que desista».

Mas já Pintasilgo chamava a atenção para a «responsabilidade histórica daqueles que não se rendem à evidência da vontade do povo», dos que «não têm o mínimo realismo ao quererem lutar contra fantasmas quando está em jogo um movimento nacional de homens e mulheres dispostos a enfrentarem os desafios dos próximos anos», dos que pretendem «reduzir o papel do Presidente da República à mera formalidade, a uma figura decorativa».

Retorno

Foi um descurso cheio, ao jeito dela. Primeiro a falar da terra e das gentes, do seu «retorno» no processo da candidatura — pela sua «persistência, insistência e impertinência», como disse com evidente satisfação. E, como num círculo, contornou o «retorno» para chegar ao ponto de partida: a raiz. Desfez aritméticas para provar que a política «não é uma mera relação de forças», mas sim «um acto cultural, porque desígnio de vontade, determinação de consciência, um desejo do coração».

E para rematar a óbvia alusão aos argumentos com que os dirigentes do PCP afastaram a hipótese de apoio à sua candidatura, Pintasilgo diria que a política «não é uma falsa e truncada relação de forças».

Estimulada pela evidente receptividade com que tem sido recebida de norte a sul do país, Pintasilgo insiste cada vez mais na ideia de que o «seu movimento é hoje parte da cultura do povo português». Porque brota «do seu seio, da sua convicção, da sua energia, porque é novidade». Movimento que, em seu entender «é cultural» porque «libertador», de «reconquista da liberdade», numa espécie de cruzada a favor da consciência em si, do livre arbítrio.

E foi sobre a «nova cultura política» que falou também, ontem, Luís Moita, da Comissão Política da candidata, seu amigo de «muitas lutas». Dela emerge «um novo entendimento dos poderes presidenciais», afinal, um presidente que corresponde «à fase histórica» que actualmente se vive. «Interveniente e activo», «defensor da articulação entre o desenvolvimento e a democracia», impulsionador de uma «revitalização das forças sociais para a reconstrução nacional».

E é porque Lourdes Pintasilgo aposta neste projecto que «nós gostamos dela», diz Luís Moita. Antes, tinha explicado porque não gosta dos outros candidatos. Freitas do Amaral «é uma monstruosa encenação publicitária, o autoritarismo sorridente, a sebenta do marcelismo com 15 anos de atraso».

A este, garantiu o conhecido militante católico, «Só ela pode ganhar». Mário Soares é rejeitado por ser o «protagonista das crises que o País tem vivido». E com uma advertência: «Que ninguém se iluda com o seu malabarismo político», porque «com ele serão transportados para a Presidência da República os vícios do actual sistema político português». Quanto a Salgado Zenha, o único a «merecer consideração» ao orador, o problema tem a ver com a génese da sua candidatura, «corroída de graves erros políticos que a tem condenado ao fracasso».

Porquê? Resposta de Moita: «Porque o PCP e o MDP se tornaram prisioneiros das escolhas do general Eanes». Depois, porque «se criou um desfasamento entre as cúpulas e as bases do PCP». «Desautorização» que, acrescentou de imediato aquele dirigente político, «em nada nos regozija». «Só que — prossegue Luís Moita — Maria de Lourdes Pintasilgo não é responsável por isso, porque parte do eleitorado português já estava fixado na sua eleição antes do aparecimento do dr. Zenha».

Mas o orador teceu ainda considerações importantes sobre os «erros políticos» de Ramalho Eanes e que o levaram a escolher Zenha designado de «candidato da alternância democrática» mas «não da alternativa para Portugal». De acordo com a análise de Luís Moita, o actual Presidente da República «comete o erro» de fazer uma interpretação restritiva dos poderes presidenciais, depois da revisão constitucional de 1982. «Opta então por reforçar os partidos, a sua componente parlamentar e o próprio Governo. Queria um futuro presidente fraco, uma mera emanação do partido, sem projecto próprio.»

Mas tudo isto assenta «num erro de cálculo» que «pressupunha a desistência» da engenheira. «Mas não contaram com a coragem desta mulher.»

Confusão

«Coragem» a que ontem, mais uma vez, foi incitada Pintasilgo por terras do Ribatejo. Num percurso feito a correr que o atraso inicial era de três horas. Motivo: a gravação do último tempo de antena na Televisão a ser emitido hoje. Mas eram impressionantes as esperas. Em Alpiarça foi um espanto, um homem a gritar-lhe para, em caso de eleição, «não esquecer os filhos desta terra que, durante o fascismo tiveram 200 anos de prisão». Populares a garantirem à repórter que «o Soares e o Freitas tiveram menos de um terço das presenças» e que o último «tinha mais cães-polícias do que gente».

Mais além, na Chamusca, em conversa à toa, na rua, conseguimos aperceber-nos da confusão com que se debate o eleitorado, sobretudo na divisão de votos entre Zenha e Pintasilgo. Mas um comerciante garantia que «para as presidenciais ninguém liga aos partidos».

No Entroncamento era evidente a decepção, segundo apurámos. O largo junto à Câmara, cheio, aguardou, durante horas a candidata. Mesmo assim, centenas de pessoas não tinham arredado pé e Lourdes Pintasilgo teve mesmo de falar da varanda da Câmara. Ainda em Torres Novas o mesmo reboliço em ambiente festivo e triunfalista.

Em direcção a Tomar eram dezenas os carros com bandeiras e retratos da candidata, mas a ordem foi a desmobilização de todos os que a aguardavam. O adiantado da hora não permitia mais desvios.

SIC

Mário Soares

«Conto com o apoio vibrante da juventude.»

«Sejam meninos bonitos.»

«Estes são filhos de família, que não têm nada que fazer» — dirigindo-se a jovens que assobiavam a caravana.

Torres Couto: «Freitas do Amaral tem medo de ir à Marinha Grande.»

Torres Couto: «Um candidato à Presidência da República não deve ser um anticomunista, mas também não deve ter medo dos comunistas.»

Valentim Loureiro: «Ao contrário de muitos PS's tenho a coragem de vir aqui dizer que apoio Mário Soares para Presidente.»

Freitas do Amaral

«O povo português compreendeu e respondeu ao meu apelo.»

«É hoje um verdadeiro movimento nacional de esperança na regeneração de Portugal» (referindo-se à sua campanha)

«Foi uma campanha feita de forma positiva.»

«A minha candidatura uniu, enquanto as outras dividiram.»

«Podemos chamar ao Porto cidade da alegria.»

«Portugal está vivo e bem vivo.»

Salgado Zenha

«Se ele não ganha, fico doente» — popular na Costa de Caparica.

Popular: «Quero vê-lo. Quero ter o privilégio de dizer que já estive em frente de um Presidente da República.»

«Vamos votar todos no 26 de Janeiro para continuar o 25 de Abril.»

«O povo será o objectivo final da minha candidatura.»

«O remédio para a democracia que temos é mais democracia.»

«Devemos lutar contra a abstenção e a indiferença.»

«Serei Presidente da República para que se concretizem as esperanças do 25 de Abril.»

«Não há Portugal que se construa contra o povo português.»

António Galhordas: «Não se pode ser simultaneamente democrata e contra os partidos políticos.»

Lourdes Pintasilgo

«É altura de reflectir se o convite à minha desistência não deve ser devolvido à procedência.»

«A gravidade do momento impõe-nos uma reflexão.»

«Zenha que desista.»

«Com a minha vitória ninguém será derrotado.»

«Encontrei o povo ribatejano entusiasmado e sóbrio.»

Luís Moita: «Ângelo Veloso e Álvaro Cunhal nunca responderam à questão da segunda volta em que só Lourdes Pintasilgo tem condições para vencer Freitas.»

Ângelo Veloso

«A minha candidatura não duplicou nada.»

«Até ao último dia, até ao último minuto a batalha pela vitória democrática continuará.»

«Queriam que o PCP mentisse, enganasse, fingisse porque isso lhes deixaria campo livre para prosseguir o equívoco, a mistificação e a divisão.»

«Amanhã irei formalizar a minha desistência.»

Álvaro Cunhal: «O camarada Veloso cumpriu com honra a difícil missão que o partido lhe confiou.»

«Quiseram silenciar completamente a voz do PCP na campanha.»

«A voz da verdade foi chegando às massas.»

«Soares não é um mal menor. Soares e Freitas são dois males maiores.»

No terreno do PSD

Augusto Vilela

BELÉM — MARIO SOARES

A o regressar esta manhã a Lisboa, depois de uma ronda altamente positiva pelo norte, Mário Soares leva possibilidades acrescidas para ser o beneficiário de uma deslocação de votos importante, que pode eventualmente atingir praticamente todas as faixas do eleitorado. A sua mensagem estratégica, repete-se de terra em terra, com poucas variantes é a mensagem da «paz social e da estabilidade», dirigida sobretudo às mulheres que ele afirma terem sido as primeiras a compreendê-la. Aos trabalhadores e aos empresários garante que estamos em condições de criar mais riqueza e mais progresso, desde que exista essa «paz social e essa tranquilidade política» que afirma ser o único candidato a proporcionar. Para os jovens que cada vez aparecem em maior número «Soares é fixe», um «slogan» que pegou com grande força.

Tudo isto tem feito com que a campanha de Mário Soares crescesse ao longo destes últimos dias e tomasse um desenvolvimento que não era imaginável à partida.

Um dos fenómenos curiosos é, entre a multidão que o aplaude com entusiasmo, encontrar frequente pessoas que, simultaneamente criticam duramente a sua actuação anterior e, sobretudo, a sua ligação governamental com o CDS e as cedências que, afirmam, ele fez à direita. «Mas nós estamos com ela», afirmam também com a mesma convicção.

Os meninos do coro

Até ao meio da tarde de ontem, Soares percorreu uma zona densamente povoada e de forte concentração industrial: Vale de Cambra, Arouca, Oliveira de Azeméis, S. João da Madeira, Ovar, Espinho, e já de noite as zonas piscatórias de vila do Conde e Póvoa de Varzim, para terminar em Santo Tirso, outro grande centro da indústria textil nortenha.

Por toda a parte juntou apoios, individualizados e apoios populares, sentiu-se envolvido por um calor que já não sentia há muito tempo.

Oliveira de Azeméis marcou um dos pontos altos do programa. Muita gente de facto, foguetes e «olés» gritados por jovens que durante todo o dia seguiram os passos do candidato.

O «corredor de fundo», como há tempos se qualificou a si próprio já mal consegue disfarçar o cansaço, mas a sensação de que tem a meta pelo menos à vista é o seu reconstituinte diário.

Aqui apareceram de novo algumas dezenas de jovens freitistas, que ocupavam toda a escadaria de um prédio frente ao largo onde Soares falou, gritando e agitando bandeiras.

«Portugal pode ser...»

Soares não conseguiu acabar. O coro de meninos e meninas interrompeu-o ruidosamente, mas apenas uma breve interrupção, volta-se para os contestatários e diz: «Vocês já vão gritar Freitas do Amaral e eu já vou cumprimentá-los. Mas agora estejam calados, como manda a boa educação, para eu poder falar um pouco. Assim é que vocês são meninos bonitos».

Os meninos calaram-se e, discretamente desapareceram.

... «Bem, como ia dizendo, podemos produzir mais riqueza, pagar melhores salários. É a minha mensagem aos trabalhadores e aos empresários.

Em S. João da Madeira, meia dúzia de quilómetros à frente, centenas de pessoas esperavam há mais de uma hora pela chegada do candidato. Lá estavam novamente os jovens freitistas. Ao todo não seriam mais de duas dezenas. Eram as mesmas caras que tinham sido vistas em Oliveira de Azeméis. Não foi uma presença expontânea. Alguém pegou neles e os transportou para ali.

Soares sai do carro e foi ao seu encontro. Calaram-se por momentos mas quando o candidato principou a falar voltaram a manifestar-se ruidosamente.

O público começava já a impacientar-se mas Soares sanou o incidente dizendo: «Deixem-nos. São filhos de família que, naturalmente, não têm nada que fazer. Mas eu dirijo-me aos trabalhadores, à gente que produz riqueza».

Seguiu-se um almoço, a correr em Lourosa e partida para Ovar. Bastante gente também, mas menor entusiasmo. Era perceptível a presença bastante numerosa de simples espectadores, daqueles que vão a todas, sem denunciarem a sua preferência.

A breve intervenção do candidato foi mais ou menos tirada a papel químico das anteriores. Apenas uma nota diferente quando disse que tinha ido à Câmara apresentar cumprimentos e «pela primeira vez tive o prazer de saudar os vereadores de todos os partidos, inclusivamente da APU. Isto significa que o pluralismo está a avançar em Portugal e que Ovar é pioneira desse pluralismo».

Espinho não tem espinhos

O cenário mudou pouco depois em Espinho. Aqui pode falar-se de multidão, e multidão entusiástica, saída dos bairros de pescadores, principalmente.

Ao nosso lado uma mulher, enquanto agita uma bandeira do MASP comenta: «Nós vamos por ele, mas olhe que ele não fez nada por nós». Logo outra corrige para dizer que «os outros» é que não o deixaram fazer.

Quais outros?

«Os Carneiros, os Amarais».

Na Câmara Municipal, Soares foi recebido amigavelmente por todos os vereadores. É uma autarquia PSD, presidida pelo dr. Gomes de Almeida, que não lhe manifesta claramente o seu apoio mas não deixa de dizer que «ficaria muito contente se ele ganhasse». Gomes de Almeida é autarca de grande prestígio local. A opinião generalizada entre muita gente que ouvimos, e extraída de comentários que escutámos, é de que vai ser difícil a Freitas do Amaral colher ali os votos PSD.

Curto-circuito em Vila do Conde

Em Vila do Conde houve curto-circuito. E não faltou muito para haver explosão. As caravanas de Freitas e de Soaares, anbas com atrasos consideráveis, encontraram-se. Soares tinha como local escolhido o largo em frente à câmara municipal. Freitas falava no cinema, a escassas centenas de metros dali. Só que os acessos eram os mesmos.

Soares demorara-se na Póvoa de Varzim e nas Caxinas, onde a recepção «excedeu tudo o previsto», garantiam, entusiasmados, os seus apoiantes.

Ainda sem Freitas, começaram entretanto a chegar as caravanas do «professor» que se haviam concentrado ao longo de mais de um quilómetro na estrada Porto - Vila do Conde, dando bem conta da sua presença através de manifestações, de uma insuportável arrogância, para os ocupantes dos carros que passavam e que não fossem portadores dos estandartes freitistas.

Os primeiros carros passam a acelerar entre a multidão que esperava Soares surgem os primeiros assobios. Uma agressão de cima de um carro aberto a um apoiante de Soares, quase provocava a faísca. Entretanto, chegou Mário Soares e tudo serenou.

Ficou porém desvendado o mistério das «multidões» que têm «vitoriado» Freitas do Algarve ao Minho e até ao Alentejo e em Loures, imagine-se.

Trata-se, afinal, de uma espécie de milagre da multiplicação das multidões. Este milagre é feito pelos Mercedes, pelos BMW's, pelos Jeeps, que transferem a «multidão» de sítio para sítio. Há sempre a mesma multidão que vai de fora, ou no mínimo são multidões distritais.

De facto, quando o comício acabou, enquanto os soaristas recolhiam às suas casas em Vila do Conde, a «multidão» freitista vilacondense tomou a estrada do Porto e, pouco tempo depois, era «multidão» de portuenses na Avenida dos Aliados.

O discurso de Soares em Vila do Conde foi muito curto. A voz do candidato era já quase irreconhecível, ao fim de um dia estenuante. Dali seguiu ainda para Gondomar e Santo Tirso, onde concluiria a jornada com um comício.

Mulheres do ZAP reuniram com a Imprensa. Foi esta manhã com a presença de Teresa Ambrósio, Ruth Arons, Emília Brederode, Manuela Morgado, Clara Pinto Correia e Graça Fernandes. Presentes ainda Alcina Bastos, Ana Cardoso Pires, Ivone Silva, Io Apoloni e Teresa Horta.

Apoteose na margem esquerda

José Manuel Vilaça

BELÉM
SALGADO ZENHA

«Estou comovido por toda esta jornada, testemunho de que nós vamos ganhar as eleições». Salgado Zenha, eufórico e exausto, levanta os braços e acena com as duas mãos, enquanto na plateia da Academia Almadense centenas de pessoas, punhos no ar, insistem em duas palavras de ordem: «Facismo, nunca mais» e «25 de Abril, sempre». Um pouco mais tarde, depois de Zenha terminar o discurso, ouve-se como habitualmente o hino nacional que costuma encerrar os discursos do ZAP. E logo de seguida, pela primeira vez nesta campanha eleitoral, as muitas centenas de pessoas presentes entoam a canção do 25 de Abril, a «Grândola, Vila Morena».

Terminava assim um dia apoteótico para Salgado Zenha que percorreu toda a margem sul do Tejo no meio de milhares de pessoas que o aclamaram e à sua candidatura. Logo desde manhã, desde a Costa de Caparica que foi a primeira etapa, percebeu-se que ia ser um dia diferente na vida do candidato.

Não era só uma passagem por terreno «conquistado». Mais do que isso, era a mobilização popular que se verificava logo na formação da caravana, pela primeira vez a estender-se atrás da comitiva que habitualmente acompanha o candidato e, depois, nas inúmeras paragens do percurso, as previstas e as impostas pelos populares concentrados à beira da estrada.

E era também o número de pessoas que aumentava conforme o dia se aproximava do ocaso. Primeiro, mulheres, muitas mulheres e reformados a aplaudir, a abraçar o candidato. Depois, mais para o fim do dia, com as fábricas a fechar, viu-se aumentar o número de pessoas, com enormes massas humanas engrossadas pela presença de trabalhadores saídos dos empregos. No Lavradio e no Barreiro foi a máxima apoteose com a caravana do ZAP quase impedida de se mover.

Para Salgado Zenha, repousado depois de uma deslocação aos Açores, este dia de campanha eleitoral representou também a oportunidade de outro tipo de discurso, mais caracterizadamente de esquerda.

«Sou o candidato do 25 de Abril», disse repetidamente durante todo o dia. E recordou, «O voto é a arma do povo», recuperando um «slogan» das eleições de 1969.

Os discursos do candidato não variaram muito, a mensagem era sempre a afirmação de um compromisso com os eleitores para garantir como Presidente, a igualdade na diferença entre todos os portugueses, era também o sublinhar da importância de votar no dia 26, para que a 27 o acordar não seja marcado pela desilusão».

Para além dos discursos, desdobrava-se em abraços, beijos e acenos, finalmente conquistada a desenvoltura da campanha.

Sempre com o candidato intervindo nos locais mais importantes, viam-se Marques Júnior, deputado do PRD e António Galhordas, dirigente do MDP. Mas no Barreiro, falou também Hélder Madeira, comunista, presidente da câmara local. E em Almada, Zenha testemunhou uma enorme ovação a José Vieira, também presidente da câmara, acarinhado com gritos «Vieira! Vieira!»

Foi aliás em Almada que se realizou o mais importante comício do dia. Na sala da Academia Almadense não havia espaço para mais ninguém. Coisas cheias, as pessoas espalhavam-se pelo átrio, pelos corredores, pela rua. No meio da assistência, inúmeras bandeiras empunhadas na maioria dos casos por jovens, que são os animadores das palavras de ordem. Bandeiras do ZAP, quase todas, uma apenas da JCP a marcar presença.

«Quando o povo se une, nas suas diferenças, para construir o Portugal que desejamos, nós vencemos», afirmou Zenha logo de entrada. E sublinhou o «nós» colectivo que envolve a assistência. Na qual homeageou a margem esquerda, esquerda também política. «Ela tem sido um dos mais inexpugnáveis bastiões na defesa das liberdades».

Disse a seguir: «Só nós podemos construir o Portugal que o povo português merece». E assegura: «Os ricos e os poderosos nem sequer precisam de democracia. Quando estão mal dispostos vão para a Inglaterra ou o Brasil. Eu serei Presidente para os que sofrem». «Os corruptos», explica, «não são povo português, não é para eles que a democracia é feita, eles não constituem o povo português que eu representarei na Presidência da República».

Um projecto explicitado para Belém: «O povo quer que o Presidente seja também um símbolo de esperança. A minha presidência será um contrato de esperança com o povo português para que se concretizem as esperanças do 25 de Abril».

Antes de Salgado Zenha, Marques Júnior, também ele impressionado pelas manifestações populares — para as quais chama a atenção dos «senhores da Comunicação Social»— reflectiu já um sabor de vitória: «Já não temos candidato, temos, sim, o Presidente da República».

E salientou que «não há vários candidatos da democracia», num alerta a Lourdes Pintasilgo, «mas só um». Que, garante, atirando um cravo para a assistência, «vai devolver o 25 de Abril aos portugueses».

José Carlos Vasconcelos denunciou o «frentismo anti-Salgado Zenha» defendendo depois que «é preciso caminhar para o futuro, pra frente mas para o futuro». Com Zenha, claro!

António Galhordas, do MDP apelou para a desistência de Lourdes Pintasilgo, citando o exemplo de Arlindo Vicente que desistiu quando se perfilou outro candidato com maiores possibilidades para vencer, o general Humberto Delgado. «Zenha percorreu um rio humano de democratas que o vai levar à Presidência da República», afirmou da jornada de ontem.

O que, concluiu, «comprova que se perderam as ilusões e entrou-se na realidade.»

Foi um dos últimos cartuchos da campanha. Hoje é a grande Lisboa que Zenha percorre fechando à noite com um comício no Pavilhão dos Desportos, que se repete na sexta-feira, em Setúbal. Mas hoje também Zenha utiliza o mais importante dos seus trunfos. O general Eanes aparece no tempo de antena do ZAP, poderá comparecer noutra iniciativa da campanha.

Os dados estão lançados, para dia 27.

N.R. Por lapso técnico o texto ontem publicado sobre a campanha de Zenha nos Açores apareceu assinado pelo repórter que tem acompanhado a actividade eleitoral do ZAP. No entanto, esse texto foi elaborado apenas com material noticioso fornecido pelas agências ANOP e NP. Do lapso pedimos as devidas desculpas.

À margem

■ O PS desmentiu que Humberto Martins Raimundo, autor de uma carta lida num comício de Freitas do Amaral seja, tal como foi apresentado, presidente da Comissão Política de Moscavide do partido. «Esse indivíduo não ocupa qualquer cargo na secção» — disse à Anop fonte do PS — «já entrou e saiu por três vezes do partido, está há vários meses em situação irregular e foi-lhe levantado um processo disciplinar por problemas criados na secção», acrescentou.

■ Sérgio Godinho, Janita Salomé e António Pinho Vargas decidiram apoiar Maria de Lourdes Pintasilgo, anunciou o gabinete do Porto desta candidatura. Uma lista divulgada pela candidatura integra também diversas pessoas ligadas ao teatro, à literatura e às artes plásticas, que se juntam a António Vitorino de Almeida, Maria João Pires, José Afonso, Eunice Munoz, Lia Gama, Maria do Céu Guerra e outros.

■ O sector da juventude do Movimento de Apoio à eleição de Maria de Lourdes Pintasilgo solidarizou-se com os jovens médicos e estudantes de Medicina e a sua luta pelo direito ao trabalho. Em comunicado, a secção norte do movimento apelou à solidariedade da opinião pública com esta luta pelo «direito à saúde e ao trabalho em condições de dignidade e justiça».

■ A Comissão Nacional de Eeleições participou à Polícia Judiciária do jornal «Semanário», depois de analisar uma queixa da candidatura de Salgado Zenha. Em carta ao ZAP, a CNE dá conta desta decisão, com base na legislação eleitoral e «para efeitos legais». O fundamento da queixa da candidatura de Zenha foi a publicação de sondagens no referido jornal, do passado dia 18.

■ A União dos Sindicatos de Coimbra apelou aos trabalhadores para que votem no «candidato democrático que estiver em melhores condições de congregar os votos necessários para derrotar os dois candidatos da direita». Em comunicado, aquela estrutura sindical refere que a existência de duas candidaturas «no campo democrático» coloca «sérios perigos à democracia».

■ Um comunicado dos serviços da candidatura de Lourdes Pintasilgo protestou contra as «acções sistemáticas de destruição de propaganda eleitoral» que «culminaram na noite de terça para quarta-feira com a destruição de cartazes, faixas e outro material de propaganda desta candidatura» no Cacém, em Sesimbra e na Costa da Caparica.

■ «Se ele não ganha fico doente», dizia na Costa da Caparica uma mulher humilde, já de idade, vestida de escuro e de lenço na cabeça. A mulher, Eulália dos Santos, de 62 anos, adiantou as suas razões: «Não quero que ganhem os de direita, porque eles vão trazer-nos ainda mais miséria e mais fome. Até agora tem sido o Eanes que tem segurado as coisas. Temos de eleger o Zenha».

■ Em Quinta do Anjo, próximo de Palmela, um homem suportou empurrões para conseguir aproximar-se de Salgado Zenha. Foi uma tarefa árdua, mas acabou por chegar junto do candidato. Abraçou Salgado Zenha e, de um alfinete da lapela do casaco puxou um papel que lhe meteu na mão. Quisemos saber o conteúdo da mensagem. «Não é nenhuma mensagem, é uma cautela. É o número 74273, para a lotaria de sexta-feira. Já dei uma a Pintasilgo e dou esta ao Zenha, para lhe dar sorte», respondeu-nos o homem, António Reis, cauteleiro de profissão.

■ A candidatura de Salgado Zenha comunicou ontem à noite ao Governo Civil de Lisboa que cede as instalações da FIL hoje e sexta-feira à candidatura de Mário Soares. Esta atitude do ZAP segue-se a um pedido de cedência do salão da FIL para a noite de dia 23 feito numa carta enviada pelo director nacional da campanha de Mário Soares à candidatura de Zenha.

■ A candidatura de Salgado Zenha apresentou um recurso ao Tribunal Constitucional protestando pela atitude do governador civil do Porto que não permite a utilização sexta-feira no Palácio de Cristal pelos seus serviços. A candidatura refere que «em devido tempo, a candidatura de Zenha tinha feito uma troca com a candidatura de Ângelo Veloso, que lhe permitia a utilização do Palácio de Cristal sexta-feira, o que foi comunicado prontamente ao respectivo governador civil».

■ As populações das freguesias de Lever e da Vila de Vizela deverão abster-se colectivamente nas eleições de domingo, a exemplo do que vêm fazendo nos últimos anos. Lever tem uma disputa de limites com a vizinha freguesia de Crestuma, também no concelho de Gaia, e Vizela pretende ser elevada à categoria de concelho. O problema de Vizela poderá ficar resolvido nesta legislatura se vierem a ser agendados e votados, tanto na generalidade como na especialidade, os vários projectos de lei sobre a matéria que foram apresentados na Assembleia desde as eleições de 6 de Outubro.

● Várias assembleias de apuramento em cada um dos principais distritos vão pela primeira vez, nestas eleições, trabalhar na contagem dos votos locais. De facto, as alterações introduzidas recentemente pelo Parlamento na Lei Eleitoral para o Presidente da República vieram possibilitar a criação de quatro assembleias em Lisboa, outras tantas no Porto e duas em Setúbal, Aveiro e Braga.

Continua na pág. 8

Êxito no Porto

Um imponente comício na Praça Humberto Delgado, com intervenções de Adriano Moreira, presidente do CDS, Eurico de Melo, vice-presidente do PSD, Proença de Carvalho, director político da campanha, Agustina Bessa Luís, mandatária nacional, e do próprio candidato (já depois da meia-noite), culminou a segunda ronda de Freitas do Amaral ao segundo distrito eleitoral do País.

A jornada começou cerca das 11 horas, na segunda maior feira nortenha, a dos Carvalhos, com Freitas a acenar de pé, no seu carro de capota aberta, aos numerosos feirantes e visitantes. Prolongou-se depois por Matosinhos, Gondomar (onde pediu um minuto de silêncio em homenagem ao vereador do PS morto em acidente de automóvel), Marco de Canavezes (milhares de manifestantes), Felgueiras, Lousada, Paços de Ferreira, Maia (Câmara CDS — recepção triunfal), Vila do Conde e Póvoa de Varzim, sua terra natal, onde dirigiu «um abraço aos poveiros, deste poveiro», correspondido com o «slógan» da multidão «a Póvoa vai votar e o poveiro vai ganhar».

Neste percurso, que antecedeu o comício do Porto, o candidato repetiu pontos dominantes do seu discurso de campanha, com particular destaque para o apelo à não abstenção e à necessidade de «estabilidade governativa» como «garantia da melhoria das condições de vida dos portugueses».

A chuva que se fez sentir em boa parte do percurso e a forte caravana automóvel que acompanhou o candidato causaram grandes perturbações no trânsito do Grande Porto, originando um atraso de mais de duas horas no programa a cumprir.

Adriano Moreira

Adriano Moreira, presidente actual do CDS, e que esteve ausente no comício do dia 19 no Palácio de Cristal (apesar de se encontrar no Porto, no Congresso da Juventude Centrista), fez a sua primeira intervenção nesta campanha. Disse que eleger Freitas do Amaral é eleger «um presidente novo com espírito novo» e que este terá uma «dura batalha» a travar no sentido de evitar que a actual juventude se venha a transformar em mais uma «geração frustrada».

O líder do CDS apelou ainda a uma votação em massa, que conduza à vitória de um PR que deverá estar «comprometido com a maneira portuguesa de estar no mundo».

Eurico de Melo, que fez a sua primeira aparição no comício de Braga, voltou ao Porto para reafirmar o «activo empenhamento» do PSD na campanha de Freitas e garantir, com o seu testemunho pessoal, que «Sá Carneiro nunca teve aliado mais fiel e eficaz na sua carreira política que Freitas do Amaral». Considerou ainda que com a eleição do candidato o Governo de Cavaco «terá mais condições para resolver os problemas dos portugueses».

A presença e apoios de militantes do PSD nas iniciativas e campanha de Mário Soares foram, por outro lado, apelidadas pelo também ministro da Administração Interna de «traição aos planos e memória de Sá Carneiro».

Proença de Carvalho voltou a falar no Porto. Foi um discurso mais comedido (no Palácio de Cristal apelidara a candidatura de Zenha instigadora do «ódio e intolerância»), a insistir na «mensagem de harmonia e grito de esperança» de Freitas e a defender que a campanha não recorreu a «calúnias e insultos».

Defeito mental

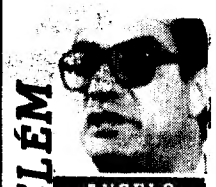
Agustina Bessa Luís, antecedeu Freitas. A autora de «Os meninos de oiro» considerou que o 25 de Abril tornou-se uma «espécie de defeito mental dos portugueses», garantindo que Freitas «traz uma esperança».

«Forte sim. Um sistema de força nunca», disse ainda a escritora sobre o seu candidato, para sublinhar que «a única força que se converte num imenso espaço liberto no mundo de hoje é a força da educação». E usou a linguagem poética: «julguei que era noite e é dia claro. Julguei que era Inverno e é a Primavera».

Freitas do Amaral, fez como que o balanço da sua campanha. Frisou, primeiro, ter sido uma campanha «feita de forma positiva» sobre Portugal e sobre os problemas dos portugueses. «Foi ainda — disse — uma campanha de alegria, entusiasmo e juventude transbordante de energia, provando que, apesar das crises e do pessimismo, Portugal está vivo e bem vivo».

Eufórico pela presença da forte multidão, Freitas aludiu à passagem do Papa e à sua frase sobre o Porto como «cidade do trabalho» para acrescentar que é hoje também a «cidade da alegria». E fez a promessa de que, se for eleito, continuará, enquanto PR, «sem projectos pessoais, ideológicos ou partidários».

Veloso despede-se da campanha



Com o Pavilhão dos Desportos completamente cheio, o PCP fechou com chave de ouro o último dia da campanha eleitoral do candidato Ângelo Veloso, cuja desistência da corrida a Belém será formalizada durante o dia de hoje, até às 17 horas, no Tribunal Constitucional. Nos discursos proferidos quer pelo secretário-geral do Partido Comunista, quer pelo dirigente do mesmo partido Ângelo Veloso, foi feito um apelo à «convergência dos votos num só candidato da democracia».

Ambos os oradores manifestaram-se convencidos de que a candidatura do PCP contribuiu decisivamente para a batalha presidencial e para o esclarecimento do eleitorado de esquerda sobre a necessidade de concentrar os votos em Salgado Zenha. Ao despedir-se da campanha em que participara, Veloso disse que a sua candidatura «não duplicou nada». Foi, segundo as suas próprias palavras, «uma intervenção independente e insubstituível na batalha política das presidenciais».

Álvaro Cunhal, que esteve acompanhado de quase todos os membros do Comité Central do partido, considerou também que a candidatura de Ângelo Veloso «pareceu assim com a dupla finalidade de reafirmar e lembrar o pleno direito que os comunistas têm de exercer todos os cargos públicos e ainda o pleno direito do povo eleger um Presidente da República, comunista se assim o entender».

O líder do PCP acrescentou porém que o seu partido continuará a batalha do seu candidato «até ao último minuto para o consenso e a convergência de apoio dos votos em Salgado Zenha». Referiu-se ainda à decisão do Tribunal Constitucional que indeferiu os recursos apresentados por Freitas do Amaral e Maria de Lourdes Pintsilgo e de Mário Soares no sentido de serem retirados os tempos de antena ao candidato do PCP e criticou os órgãos de comunicação social de «limitarem e discriminarem» a voz do partido.

Veloso contra os moralistas da direita

No seu discurso, o candidato comunista teceu algumas considerações sobre o significado da sua candidatura e das razões que estiveram por detrás da sua desistência à corrida para Belém. Tal como Álvaro Cunhal, também ele criticou os «analistas e analóides políticos» que fizeram «caracterizações insultuosas» da sua candidatura, os que procederam a discriminações e falsidades na comunicação social, à instauração de processos judiciais que envolviam penas de prisão os que proclamaram hipócritas sentenças éticas», com o objectivo de silenciarem o PCP e a sua «voz autónoma e independente».

Manifestou-se ainda contra os «ascéticos e impolutos moralistas, da direita, responsáveis máximos pela manipulação e falta de verdade da informação, directos autores e co-autores da corrupção e imoralidade que por aí grassa». Queriam eles, disse Ângelo Beloso, «que até ao último minuto mentíssemos e fingíssemos que hesitávamos entre Maria de Lourdes Pintasilgo e Salgado Zenha; queriam que mentíssemos e fingíssemos até ao último minuto que não pensávamos que o único voto útil era em Salgado Zenha».

Queriam, finalmente, segundo o mesmo orador, que «o PCP mentisse, enganasse, fingisse porque isso lhes deixaria o campo livre para prosseguir o equívoco, a mistificação e a divisão dos trabalhadores e dos democratas».

A questão da candidatura de Maria de Lurdes Pintasilgo foi também um assunto referido, como não podia deixar de ser, pelo secretário-geral do PCP, Álvaro Cunhal disse então que o perigo real consiste no facto de esta candidata, «que não tem quaisquer possibilidades de ganhar as eleições, vá até ao fim tal como a incita Mário Soares e que, em consequência disso, a divisão dos votos do campo democrátiico, conduza à eliminação à primeira volta não só dela – o que é inevitável – mas também de Salgado Zenha».

Lembrou ainda que a apreciação que o seu partido fez desta candidata, desde a primeira hora, foi «inteiramente justa». «Afirmando que se tratava da candidatura de uma democrata (e repetidas vezes o afirmámos, designadamente quando publicamente procuravam contestá-la lembrando o passado da candidata no tempo de Marcelo Caetano) afirmámos ao mesmo tempo (e repetidas vezes também) que era uma candidatura «precipitada». No entendimento do PCP esta candidatura é «precipitada», exactamente «porque avançou sem considerar a realidade política portuguesa, desinteressando-se completamente do consenso eventual apoio e convergência das forças e sectores democráticos».

Nesta grande manifestação política que o PCP promoveu no Pavilhão dos Desportos, a cantora Maria Guinot leu um texto de sua autoria, no qual, com uma certa coragem e dignidade, proclamou que votaria em Salgado Zenha apesar de ter simpatizado com a candidatura de Maria de Lurdes Pintasilgo. Maria Guinot ouviu porventura uma das maiores ovações da noite.

À margem

Continuação da pág. 7

● Um pequeno incidente entre elementos afectos à Juventude Centrista e uma jovem acompanhante da caravana de Salgado Zenha registou-se na Guarda, quando Manuela Eanes falava numa concentração. A mulher do Presidente da República citou depois a escritora Matilde Rosa Araújo, referindo-se ao incidente: «Os jovens são generosos e quando os vejo insultar penso que não são eles, mas são instigados pelos adultos.»

● Nas eleições presidenciais não há uma terceira tentativa de votação em caso de boicote, como acontece nos sufrágios para a Assembleia da República e para as Autarquias. O sistema que o legislador decidiu para as presidenciais é ligeiramente diferente do que vigora para os restantes actos eleitorais. Se não houver votação no dia 26 por a mesa se não ter constituído ou por qualquer tumulto ou grave perturbação da ordem pública, o acto eleitoral repete-se no dia 28. Se não houver nova votação no dia 28, há uma segunda tentativa no dia 2 de Fevereiro.

● Pela primeira vez em eleições presidenciais, no dia 26 não é punível a abstenção ao acto eleitoral. Nas eleições de 76 e de 80 a lei previa sanções de tipo cívico para quem não votasse, mas o Conselho da Revolução declarou em 1981 a inconstitucionalidade dessas sanções.

● Mário Soares encerra a campanha eleitoral no Porto, no dia 24, na Praça Humberto Delgado. Inicialmente tinha sido previsto como local para o comício final o Palácio de Cristal, mas Ângelo Veloso ganhou o sorteio realizado no Governo Civil do Porto. Nestes termos, e para evitar mais problemas, os serviços da candidatura resolveram marcar o comício final para a Praça Humberto Delgado.

● O ex-ministro da Saúde, Maldonado Gonelha, disse ontem à noite em Castelo Branco que uma vitória de Freitas do Amaral poderia «motivar uma 'revanche' de acertar contas relativamente a 1975 e levar a confrontos». Gonelha falava num debate sobre saúde integrado na campanha de Mário Soares e considerou também que a eleição de Lourdes Pintasilgo poderia «desencadear forças que ele própria poderia no futuro não controlar».

● Uma centena de professores da Universidade de Coimbra divulgou um manifesto de apoio a Lourdes Pintasilgo em que consideram que a candidata representa «uma síntese inovadora de justiça e liberdade». Subscrevem o manifesto, entre outros, o catedrático jubilado da Faculdade de Letras Paulo Quintela, o catedrático jubilado de Direito Azevedo Keating e Rui Namorado, assistente da Faculdade de Economia.

Serviços de amanhã serão normais

Ordem dos Médicos constitui fundos para apoio aos jovens internos

A Ordem dos Médicos decidiu ontem substituir a suspensão de um dia de trabalho, anteriormente proposta para amanhã, pela entrega do valor monetário auferido pelos médicos dos serviços do Ministério da Saúde, durante essas 24 horas. Trata-se de uma tomada de posição face às declarações da ministra ontem proferidas através da Televisão, que mereceram também o «mais veemente protesto» da Ordem.

A Ordem «reconsiderou a forma de demonstrar a solidariedade de toda a classe aos internos gerais e chegou à conclusão de que a suspensão de um dia de trabalho iria objectivamente contra os interesses da classe médica, vítima da agressão do Governo».

Em comunicado, a Ordem esclarece que sexta-feira — data anteriormente marcada para a suspensão — devem os médicos manter o seu regime habitual de serviço, enviando o produto desse dia de trabalho para um fundo a constituir, tendo em vista apoiar os internos gerais.

Esse apoio, refere ainda a Ordem dos Médicos, destina-se «nomeadamente ao esclarecimento da opinião pública dos graves inconvenientes que decorrem dos desígnios expressos pela ministra da Saúde», ao alterar o estatuto que regula as carreiras médicas que retira aos internos gerais o vínculo provisório à Função Pública.

A Ordem recomenda que «em cada serviço dependente do Ministério da Saúde, se organizem listas nominativas em que os médicos exprimem o seu desejo de participar no movimento de solidariedade».

Os internos «são licenciados e membros de pleno direito desta Ordem e, como tal, devem ser remunerados e gozar de todos os direitos e regalias inerentes a quem presta serviço ao Estado» — sublinha o documento.

«Aliás, a extensão do raciocínio da senhora ministra da Saúde — segundo o qual o internato geral é apenas um período de aprendizagem e não de trabalho efectivo — acabaria por conferir o mesmo estatuto, menor, aos médicos do internato das especialidades que, noutro nível, se encontram também em fase de aprendizagem» — conclui a Ordem dos Médicos.

A posição do Governo

«Os internos gerais não podem servir os problemas de falta de médicos dos serviços, incluindo as urgências» — afirmou ontem na RTP a ministra da Saúde.

Leonor Beleza que, através da Televisão, apresentou uma comunicação ao País, adiantou já ter dado instruções aos serviços dependentes do seu Ministério no sentido dos internos gerais não serem utilizados nas urgências.

O ministro da Saúde sublinhou que aqueles médicos «só devem estar onde possam aprender a ser avaliados, pois o internato geral é um período de formação profissional e não um trabalho».

Defendendo que as alterações agora introduzidas no estatuto das carreiras médicas pretendem garantir aos utentes dos serviços de saúde um melhor atendimento, Leonor Beleza reafirmou que os internos gerais não são trabalhadores ao serviço do Estado, contrariamente ao que entendem os jovens licenciados.

O ministro da Saúde afirmou também que o Estado assegura a todos os médicos do internato geral uma remuneração que é equivalente à letra G da Função Pública (44 400 escudos mais a actualização a efectuar), e esclareceu que segundo o novo estatuto eles «não terão as regalias da Função Pública».

«Mais nenhum licenciado tem este tratamento por parte do Estado» — sublinhou o ministro da Saúde.

Referindo-se aos médicos que em Fevereiro terminam o internato geral, Leonor Beleza reafirmou que o Estado não poderá assegurar emprego a todos, sublinhando que «serão abertas tantas vagas quantas as necessárias».

«O Serviço Nacional de Saúde dará tantos empregos quantos forem legítimos» acrescentou, recordando que «em 1985 o Estado gastou 18 milhões de contos a pagar a médicos privados.»

Letras sem saída profissional

Que futuro para os licenciados de Lisboa, Porto e Coimbra?

Está a evidenciar-se cada vez mais absurda a situação em que foram colocados os estudantes e os licenciados das três Faculdades de Letras das Universidades de Lisboa, Coimbra e Porto: para além das dificuldades e insuficiências de formação dentro da própria Faculdade e do destino quase certo do desemprego, sofrem licenciados e estudantes ainda de discriminação no próprio acesso à profissionalização do ensino secundário e preparatório em termos de «competição» com os licenciados pelas Universidades Novas e com os futuros diplomados pelas escolas superiores de educação. Toda esta realidade se salda, actualmente, num total de, aproximadamente, 6000 licenciados no desemprego.

No decorrer do presente ano lectivo, as Associações de Estudantes de Letras de Lisboa e Porto, a Direcção-Geral da AAC e a Intercomissão de Cursos da FLUC, têm vindo a unir esforços no sentido de divulgar esta situação e de acelerar o processo da sua superação. Ora como...?

Iniciativas

Foi levado a cabo o II Encontro Nacional de Estudates de Letras (Lisboa, FIL, em 7 e 8 de Dezembro, conclusões divulgadas). Efectuou-se, posteriormente, uma primeira reunião da Comissão Nacional Coordenadora de Estudantes de Letras (Coimbra, AAC, 11 de Janeiro, também com conclusões divulgadas). Foram também concretizadas jornadas de debate sobre as várias questões que enquadram e condicionam as possibilidades de formação, profissionalização e emprego dos licenciados das Faculdades de Letras (jornadas pedagógicas da UC, reuniões gerais de alunos, assembleias gerais de escolas, debates entre os estudantes e os órgãos de gestão das Faculdades, professores dos mesmos sindicatos dos professores, etc). Ponderou-se também a participação dos alunos, através das suas estruturas representativas, nos processos de reestruturação das licenciaturas, em realização a nível de Faculdade.

No dia 15 do corrente mês de Janeiro, programaram e realizaram os estudantes das três Faculdades um conjunto de iniciativas (greve às aulas; sensibilização dos estudantes, professores, órgãos de gestão, reitorias, órgãos de Informação; desfiles de protesto e informação das populações de Coimbra e Lisboa; debates com a participação de órgãos de gestão, reitorias, professores e estudantes) que visaram a divulgação dos seus problemas e a sensibilização da comunidade nacional.

Além disso, procurou-se afirmar a crescente indignação dos estudantes de Letras perante a passividade com que tais situações têm sido encaradas.

A adesão à greve foi quase total nas três Faculdades, e, no caso de Coimbra, a participação dos estudantes nas referidas iniciativas «paralelas» terá rondado a percentagem de 20% — percentagem bastante significativa se se tiver em conta a situação a que tinha chegado, na Academia de Coimbra, isto é, a vivência e o movimento do associativismo estudantil.

Orelhas moucas

Apesar da gravidade dos problemas em causa, do número importante de pessoas neles envolvidos, da importância (relativa) das acções de luta encetadas e dos esforços de divulgação dos problemas, propostas e exigências, etc., o certo é que se encontrou pouca ou nenhuma receptividade por parte dos principais órgãos de Informação nacionais (RTP e RDP). «Algo de semelhante (afirmam estudantes e licenciados) se tem passado com o Mnistério da Educação e Cultura e com a Assembleia da República».

No entanto, alguns dos órgãos de informação escrita, a maioria dos professores da Faculdade de Letras de Coimbra, os respectivos órgãos de gestão e a reotiria, bem assim como os sindicatos dos professores, «mostram-se sensibilizados e empenhados na divulgação e resolução destes problemas, através da realização de iniciativas comuns com vista à sua ultrapassagem».

O problema, porém, «exige mais atenção» — e, nessa ordem de ideias, licenciados e estudantes apelam aos órgãos de Informação por «uma atitude mais pedagógica, de divulgação do que se passa, do que se encontra, realmente, em crise».

PUBLICIS

AGORA
(As 4as e Sábados)
24 contos
LISBOA
LONDRES
LISBOA
Londres por quase nada!

A TAP Air Portugal e a British Airways criaram uma tarifa "quase nada" **ainda mais barata.**

Agora, às 4.as e Sábados, uma viagem Lisboa - Londres - Lisboa, fica apenas por 24 contos.*

Para esclarecimentos mais detalhados consulte o seu Agente de Viagens ou dirija-se aos balcões da British Airways ou da TAP Air Portugal.

* Imposto de selo não incluído.

(Válida de 18-1 a 15-3-86)

BRITISH AIRWAYS
AIR PORTUGAL

Estiveram em frente do ME

Manifestação das CERCI's não fez renascer esperança

Dirigentes da Federação Nacional das Cooperativas de Educação e Reabilitação de crianças Inadaptadas manifestaram o seu descontentamento com a resposta do governo às reivindicações que apresentaram numa manifestação ontem frente ao Ministério da Educação.

«Apenas o presidente da Federação foi recebido pelo chefe de gabinete da Secretaria de Estado do Ensino Básico, que o informou de que está a ser formado um grupo de trabalho para tratar da questão das cooperativas e associações para o ensino de crianças diminuídas mentais», disse à Anop um dirigente daquela organização.

A mesma fonte declarou que «as esperanças de que os nossos problemas financeiros venham a ser resolvidos com a brevidade que necessitamos são muito poucas».

A Federação declarou a sua intenção de convocar uma manifestação que integre os pais das crianças diminuídas mentais e elas próprias frente ao Ministério da Educação, caso este não responda às suas reivindicações.

Estas instituições — 71 em todo o país englobando 47 cooperativas e 24 associações — empregam 900 trabalhadores e dão assistência a 4000 crianças e jovens, dos 7 aos 24 anos.

António José Correia, da direcção da FENACERCI, declarou que «os apoios financeiros oficiais às associações e cooperativas não têm sido revistos» e que «no ano lectivo de 1984-/1985, em vez de um aumento nos subsídios às crianças diminuídas mentais, se verificou o contrário: dos subsídios passou a ser deduzido o abono de família».

«O que sucede agora é que pais de deficientes, além de não disporem de uma escola gratuita para os seus filhos, têm que dispor do abono de família para ajudar as mensalidades» — disse à Anop Jaime Calado, pai de uma criança deficiente e dirigente da FENACERCI.

Os promotores da manifestação consideraram ainda que as instituições de ensino especial «estão prejudicadas porque foram obrigadas a funcionar nos meses de Julho e Setembro, sem que para tal fosse previsto um subsídio para alimentação e transporte», o que representou «prejuízos da ordem dos 1000 contos anuais para cada cooperativa».

Além disso, o Ministério da Educação decidiu, em Setembro, reduzir o subsídio de refeição para as crianças diminuídas mentais de 75 para 25 escudos, o que representa «uma miséria», declarou outro pai.

As Cooperativas de Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas (CERCI) são, além dos colégios particulares, mas contrariamente a estes, sem fins lucrativos, as únicas que ministram em Portugal educação a crianças diminuídas mentais.

Os seus trabalhadores defrontam-se com o problema dos salários em atraso, uma vez que as CERCI recebem do governo um apoio cada vez mais reduzido.

A FENACERCI pediu, em Novembro, uma audiência ao ministro da Educação para lhe expor as dificuldades com que se debatem as cooperativas.

A falta de resposta oficial às suas reivindicações levou à realização, esta tarde, de uma manifestação na qual — afirmaram os participantes — «não esteve presente mais gente, porque não houve dinheiro para as deslocações».

Eleições na AAC

Primeira volta termina hoje

Termina hoje a primeira volta das eleições dos corpos gerentes da Associação Académica de Coimbra. No caso de ser necessária uma segunda volta, dverá realizar-se, em princípio, dentro de uma semana.

A estas eleições concorrem seis listas, conotadas com a JS, a JSD, a JCP, duas de independentes e uma que integra militantes da JSD, JC e PRD.

Nos últimos três anos, a Associação Académica de Coimbra foi liderada pela Lista C, afecta à JS, que quebrou a hegemonia da JSD desde 1978.

Os factos mais relevantes da gestão da JS nestes três anos foram a ingração do futebol profissional do Académico na AAC e a contestação que assumiu contra o então Ministro da Educação, José Augusto Seabra, a propósito do aumento dos preços das refeições nas cantinas universitárias.

A AAC congrega todas as Universidades de Coimbra e tem secções desportivas, culturais e recreativas, integrando ainda na sua estrutura vários organismos autónomos como o Orfeão Académico, a Tuna e o Teatro de Estudantes da Universidade de Coimbra.

Professores do Norte também admitem greve

O Sindicato dos Professores do Norte declarou a «firme disposição de encetar todas as formas de luta necessárias à defesa intransigente dos direitos dos professores, incluindo a greve».

Em comunicado, o Sindicato dos Professores do Norte manifesta «o mais vivo repúdio pelo teor da proposta apresentada pelo Governo» relativa à revisão da tabela salarial para 1986, considerando-a «inaceitável».

O comunicado alerta todos os professores para o que representa a proposta do Governo já que, no entender do sindicato, «Além de não iniciar a recuperação do poder de compra perdido pelos professores ao longo dos últimos anos vem, claramente, agravar as suas condições de vida».

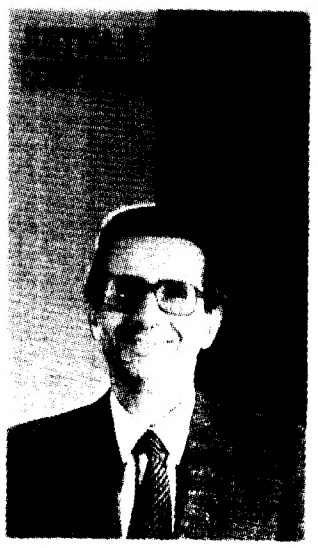
COMÍCIO EM LISBOA

PAVILHÃO DOS DESPORTOS

QUINTA-FEIRA, DIA 23

ESPECTÁCULO ÀS 21 HORAS

COMÍCIO ÀS 22 HORAS



ORADORES:

FRANCISCO SALGADO ZENHA
HENRIQUE DE BARROS
MANUELA EANES
HERMÍNIO MARTINHO
MÁRIO MESQUITA
TERESA AMBRÓSIO
DAVID MOURÃO FERREIRA
JOAQUIM LETRIA
JOSÉ MANUEL DELGADO

PARA PRESIDENTE UM HOMEM DE PALAVRA

FRANCISCO SALGADO ZENHA

QUINTA-FEIRA, DIA 23

PERCURSO A EFECTUAR PELO CANDIDATO

08.20 – Fábrica de Sabões
08.45 – Bairro Chinês
09.10 – Clube de Futebol Oriental
09.15 – Prodal
09.25 – Chelas (mercado)
09.50 – Olivais Sul
10.25 – Quinta do Morgado (mercado)
10.50 – Quinta das Laranjeiras
10.55 – Sede do ZAP em Moscavide
11.15 – Mercado 1.º de Maio de Sacavém
11.45 – Camarate (Largo da Igreja)
12.10 – Loures (Largo da Câmara Municipal)
12.50 – Bairro Mimosa / Sede do ZAP
13.30 – Feira Popular (almoço)
14.35 – Centro Social da Musgueira
15.05 – Carnide
15.30 – Bairro da Boavista
16.05 – Bairro da Liberdade
16.35 – Meia Laranja
17.05 – Alcântara
17.40 – Algés
21.30 – Comício no Pavilhão dos Desportos (Lisboa)

MANUELA EANES

09.30 – Conferência de Imprensa, com a sua presença, de divulgação do Manifesto da Mulher (Rua Latino Coelho, n.º 85-A)
10.30 – Rossio
11.10 – Santo Amaro
11.40 – Algés (Mercado)
12.00 – Carcavelos (Feira)
12.30 – Albarraque (Tabaqueira)
13.00 – Algueirão
13.30 – Massamá
14.10 – Queluz
14.30 – Belas
15.00 – Caneças
15.30 – Loures
15.55 – Odivelas
17.00 – Pontinha
17.30 – Amadora
21.30 – Comício no Pavilhão dos Desportos (Lisboa).

Segundo o prof. Carneiro de Moura

Registados 21 casos de SIDA

Em Portugal há 21 casos de SIDA (Síndroma de Imunodeficiência Adquirida) confirmados, prevendo-se um aumento da ordem dos 30 casos por ano, revelou à Anop o professor Carneiro de Moura.

«O reduzido número de doentes de SIDA confere-nos as condições ideais para tratar bem os doentes e fazer uma acção profiláctica adequada» declarou o médico, professor catedrático da Faculdade de Medicina da Universidade Clássica de Lisboa e chefe de serviço de gastroentoreologia.

O professor Carneiro de Moura explicou que dos 21 doentes de SIDA confirmados até 31 de Dezembro de 1985, um é mulher, havendo uma percentagem de 66 por cento de homossexuais.

«Não há no grupo português nenhum toxicómano, apenas um hemofílico. A maioria dos doentes são, efectivamente, homossexuais do sexo masculino, havendo ainda um bissexual» disse o professor.

Existe ainda um caso de SIDA infantil, além dos 21 casos referidos — afirmou Carneiro de Moura, que acrescentou tratar-se de um menino de idade inferior a três anos que recebeu uma transfusão de sangue.

O especialista sublinhou a necessidade de proceder a análises ao sangue utilizado nas transfusões, considerando esta «uma das medidas preventivas mais importantes no que respeita à SIDA».

Carneiro de Moura disse que a pesquisa sistemática ao sangue dos dadores só se faz no Instituto Nacional de Sangue, não havendo praticamente controlo da quase totalidade do sangue utilizado nas transfusões.

Os doentes portugueses recebem um tratamento semelhante ao que se faz no estrangeiro, disse o médico, que esta manhã abordou o tema «Síndroma de Imunodeficiência Adquirida (SIDA)» numa conferência realizada no âmbito do Sexto Congresso Nacional do Médico Interno, que ontem começou em Lisboa.

As descobertas mais recentes sobre a patogenia da SIDA, como a produção de substâncias supressoras da imunidade pelas células infectadas pelo vírus, foram apresentadas pelo médico na conferência que proferiu perante mais de 1000 jovens médicos oriundos de diversos pontos do País.

O facto de se ter descoberto este mecanismo de lançamento, pelas células infectadas, de substâncias inibidoras da imunidade «abre novas perspectivas terapêuticas» declarou Carneiro de Moura.

O especialista considerou ainda que «se tivéssemos em Portugal as centenas de casos de SIDA que existem em Espanha, os hospitais ficariam sem resposta».

Um número apreciável dos doentes portugueses com SIDA — cerca de 40 por cento apresentam queixas do foro digestivo.

Num convento em França

Freira portuguesa enclausurada há 69 anos

Uma freira portuguesa, natural da ilha de S. Jorge nos Açores e que vive enclausurada no Mosteiro de La Visitation, em Puy, França, esteve 69 anos sem ver a família. A irmã Salomé, actualmente com 96 anos, emigrou dos Açores há 70 anos e apenas o ano passado foi visitada por um casal de sobrinhos-netos, José Elmiro e Cidália, netos de uma sua irmã radicada nos Estados Unidos.

Esta, com 88 anos, e que saiu dos Açores com onze, disse que «a ordem a que Salomé pertence é muito rigorosa, não deixavam ver ninguém nem escrever à família. Agora já deixam escrever e por isso já começámos a trocar fotografias».

A irmã Solomé é a mais idosa das freiras do convento e apesar de já não ouvir rádio ainda lê o jornal e fala português.

Arquitecto municipal vitimado em Gondomar

Um arquitecto da Câmara Municipal de Gondomar morreu ontem ao volante do seu automóvel quando o veículo embateu frontalmente com uma camioneta na Ponte da Foz do Sousa. A vítima, Orlando Vieira de Moura Cancela, de 35 anos, foi conduzida numa ambulância dos Bombeiros ao Hospital de S. João, no Porto, onde chegou já sem vida.

Assassinado à paulada por jovem de 17 anos

Um adolescente de 17 anos foi detido pela GNR sob a acusação de ter assassinado em Beringel, no concelho de Beja, António Francisco, de 56 anos, conhecido pelo apelido de «Alfaiate», a quem roubou um blusão, um par de botas, um relógio e 500 escudos em dinheiro. Segundo a GNR, o crime ocorreu numa moradia que António Francisco estava a construir naquela localidade, tendo o crime sido perpetrado à paulada e à martelada. A vítima apresentava a cabeça esfacelada.

Um caso para a Interpol

Iate apresado tem dois proprietários

O iate «Mobila» está apresado no porto de Ponta Delgada por suspeita de roubo, apurou a Agência Notícias de Portugal.

O «Mobila», que até agora se encontrava numa pequena marina do porto de Ponta Delgada, foi amarrado ao cais à frente de uma corveta da Marinha de Guerra em serviço nos Açores, para uma maior vigilância ao iate.

Estas precauções das autoridades navais açorianas surgem após pressões de dois belgas que reivindicam para si a posse do iate e interpelando a Polícia Marítima para que lhes fosse cedida a chave do iate.

Após um cruzeiro pela América Central, um dos presumíveis proprietários do «Mobila» que agora reivindica a pertença do iate em Ponta Delgada, contratou uma tripulação para levar o catamaran até França com escala nos Açores.

Conhecendo a trajectória do «Mobila», um outro indivíduo belga que diz ser também proprietário do iate deslocou-se de avião a Ponta Delgada.

Com base num pedido da Interpol, as autoridades marítimas de Ponta Delgada apresaram o «Mobila», mas, posteriormente, a polícia internacional levantou o pedido de apresamento e o iate ficou momentaneamente livre.

Contudo, o belga que se havia deslocada a Ponta Delgada por avião entregou uma queixa no tribunal da comarca por roubo do «Mobila», e, o juiz de instrução criminal emitiu um despacho para as autoridades marítimas apresarem novamente o iate.

Embora o processo ainda esteja num período de investigação, as autoridades marítimas do Açores admitem que o «Mobila» tenha sido vendido duas vezes pelos antigos proprietários.

Agora, cada uma das partes que comprou o iate advoga-se seu dono.

O tribunal de Ponta Delgada está a tentar encontrar a solução para o caso com a colaboração da Interpol.

Gado de contrabando no matadouro de Chaves

A Guarda Fiscal do Porto apreendeu nas áreas de Travanvus e Dadim, Tronco e Chaves, cabeças de gado bovino, avaliadas em cerca de 2.500 contos. O gado de contrabando foi entregue no matadouro de Chaves sendo encaminhados os respectivos autos de notícia para o Tribunal Judicial da Comarca da mesma localidade.

Lançou-se ao Douro na ponte D. Luís

Mergulhadores do Batalhão de Sapadores Bombeiros do Porto procuravam, à hora do fecho do nosso jornal, o cadáver de um jovem, ainda não identificado que, cerca das 15 horas de ontem, se lançou ao rio Douro, do tabuleiro superior da ponte D. Luís, em Vila Nova de Gaia. O alerta foi lançado por um grupo de populares que presenciou o trágico incidente.

TEMPO
DE
ANTENA
RTP
QUINTA-FEIRA
DIA 23
ÀS 20.45

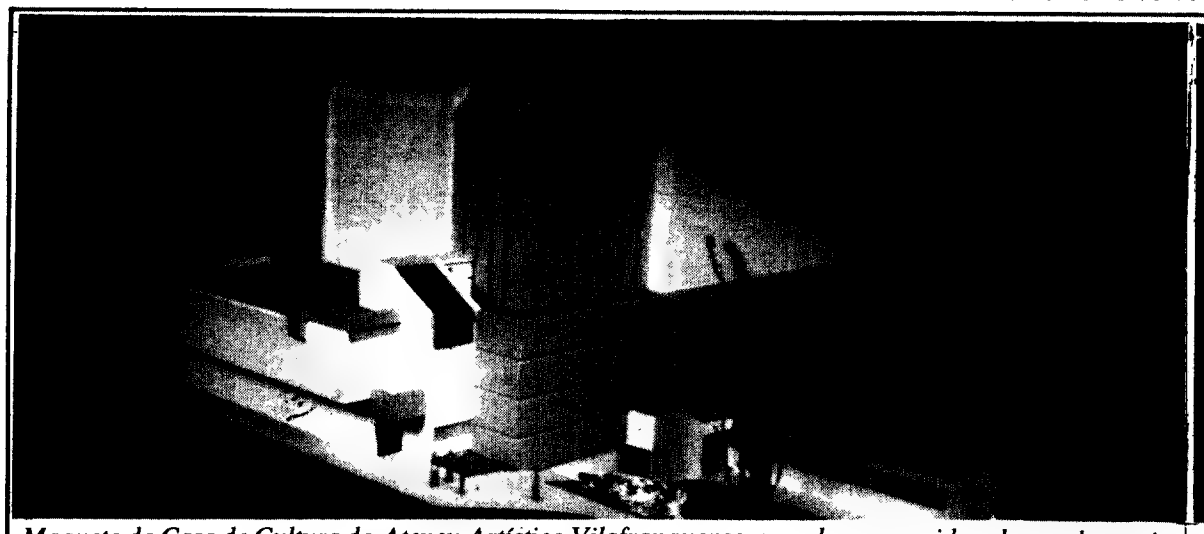
COM
FRANCISCO SALGADO ZENHA
ANTÓNIO RAMALHO EANES

Maria de Lourdes
Pintasilgo
COMÍCIOS

SETÚBAL 5.ª-feira, 23 Jan.
às 21.00 h
PAV. DO VITÓRIA

LISBOA 6.ª-feira, 24 Jan.
às 21.00 h
PAV. DOS DESPORTOS

6.ª-feira recepção às 18.45 h
NO ROSSIO



Maqueta da Casa de Cultura do Ateneu Artístico Vilafranquense, por alguns considerado um dos maiores centros de cultura da Europa na área arquitectónica

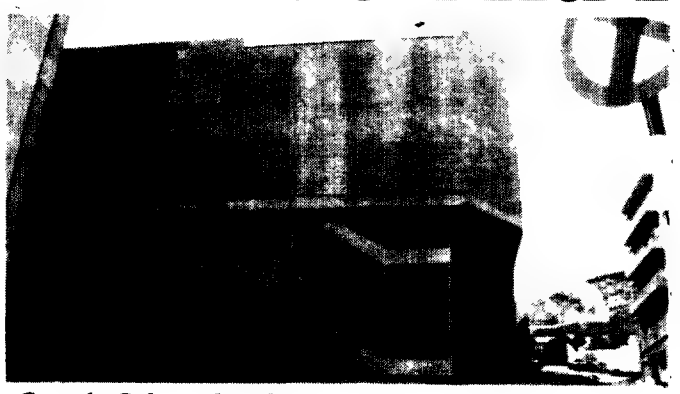
A banda de música do Ateneu Vilafranquense à saída da sede antiga (onde ainda ensaia) para mais uma saudação à população da cidade

Obra começou em 1981 e estará pronta em 1989

Fase a fase ergue-se Casa de Cultura do Ateneu Artístico de Vila Franca

Júlio Rodrigues

De dois artistas se orgulha o Ateneu Artístico Vilafranquense: de Eunice Muñoz, que no palco do velho edifício desta colectividade representou pela primeira vez, tinha ela sete ou oito anos, e de Vítor Mendes, que se não fosse o grande matador de toiros que é, seguramente seria um dos mais brilhantes músicos do Ateneu. Orgulha-se desses dois artistas, evoca-os (e a muitos outros) sempre que pode ou as circunstâncias o impõem ou aconselham, e do novo edifício que com inabalável esperança vem construindo perto da igreja matriz, ao fundo da Rua José Falcão (fazendo esquina com a Gomes Freire): a Casa da Cultura. Uma obra hoje em dia de 200 mil contos, pelo menos, se bem que há cinco anos fosse calculada para 150 mil. Nela já foram despendidos nas duas primeiras fases (betão e alvenaria) qualquer coisa como 140 mil contos. A terceira fase, adjudicada em Novembro último, ficará por 60 mil contos. Mas a parada poderá subir...



Casa de Cultura de Vila Franca de Xira: uma obra de 200 mil contos a que o Ateneu Artístico se abalançou em 1981 com o apoio da DGERU (Secretaria de Estado das Obras Públicas)

É essa a expressão mais apropriada para a imponência e, sobretudo, os objectivos culturais que norteiam uma colectividade quase com 96 anos (a completar no 1.º de Maio, Dia do Trabalhador) que ao teatro, à música e ao xadrez tem dedicado particular afeição. Uma expressão — Casa de Cultura ou Centro Cultural, como também já lhe chamaram — que perderia toda a razão de ser caso não tivesse, como teve, o apoio empenhado da Secretaria de Estado das Obras Públicas desde o início.

Foi, contudo, Eugénio Nobre, nos primeiros meses de 1984, que desbloqueou algumas das dificuldades que se deparavam à própria marcha dos trabalhos. Estava a nova sede — neste momento na sua terceira e decisiva fase — a menos de meio, em amostra uma maquete que entra pelos olhos dentro de quem a vê e cativa todo aquele que da moderna concepção arquitectónica tem um conceito vanguardista, quando o então secretário de estado das Obras Públicas foi lá. Ouviu o que Raul Carvalho (então presidente do Ateneu) e Júlio Serra (hoje presidente, na ocasião vice-presidente) tinham para dizer (e muito em especial pedir), assumindo largas responsabilidades para que a futura cidade de vila-franquense fosse dotada de um centro como o que estruturalmente está montado.

Obras Públicas: ajuda decisiva

Vale a pena, a quem entra em Vila Franca de Xira, perguntar pelo futuro Centro Cultural da cidade. Ou, como normalmente dizem os dirigentes do AAT (Ateneu Artístico Vila-franquense), a Casa de Cultura da cidade, para a qual — além do SEOP antes e nos próximos meses, como está previsto — também a Câmara Municipal tem contribuído dentro das suas possibilidades. Ainda o ano passado — disse Júlio Serra ao «DL» — nos concedeu 2500 contos.

Como atrás referimos, tem sido a Direcção-Geral do Equipamento Rural e Urbano, mais «agregada», neste Governo, à Secretaria de Estado das Obras Públicas, a mola real — financeira — da obra, comparticipando nas duas anteriores fases com 60 por cento do seu custo o que, em cerca de 140 mil contos, é importante: 84 mil contos. As iniciativas da Direcção da AAT, em particular os espectáculos taurinos que tem promovido com a colaboração de Vítor Mendes (que de Espanha traz até as principais figuras do toureio a pé), não têm surtido o efeito esperado. Paciência, porque nesses instantes até o tempo tem sido adverso.

Estão duas fases concluídas e o novo edifício-sede do Ateneu Artístico (cuja sede ainda está instalada na Rua Gomes Freire, na parte mais antiga e no próprio «coração» da cidade) apresente já «provas» de que a terceira e última deverá permitir a sua inauguração em 1989, o mais tardar. É claro que depois dessa terceira e última fase (acabamento exterior, fecho do edifício e rebocos interiores), se entrará propriamente naquilo que Júlio Serra sublinhou ao «DL» ser a «recta final», como disse.

Mais casamentos a saírem da sede

Recta final que assentará na instauração eléctrica e no equipamento do novo edifício-sede do Ateneu Artístico Vila-franquense, neste momento dotado de uma escola de música frequentada por 60 alunos, mas que neste aspecto cultural «vive» da sua banda de mMúsica constituída por cerca de meia-centena de executantes, a qual tem participado em concursos de bandas e festejos diversos.

«Metade dos seus membros são, curiosamente, mulheres, havendo até entre eles dois casais», vincou Júlio Serra ao «DL». Disse mais: «É muito saudável este ponto, porque as pessoas se aproximam e não me espantará nada ver mais casamentos sair da sede do Ateneu Artístico Vila-franquense».

Está em marcha a terceira e última fase que precede a instalação eléctrica e o equipamento da Casa da Cultura de Vila Franca de Xira, adjudicada pelo empreiteiro Arantes de Oliveira, igualmente responsável pelas duas anteriores e que é «um grande amigo do Ateneu», frisou o seu presidente. O engenheiro responsável por este notável empreendimento que virá a constituir o mais importante Centro Cultural português — ao nível do que de melhor há por essa Europa fora — é Pinto Martins.

«É claro que esta terceira fase de construção foi adjudicada por 60 mil contos mas deverá ficar por mais alguns milhares de contos, se se repetir o que nos aconteceu anteriormente», disse Júlio Serra. A sua previsão, se bem que a inflação prevista para este ano seja de 15 por cento, tem perfeito cabimento. Ele próprio lembra que, quando as obras se iniciaram em 1981, se previa um investimento de 90 mil contos (um ano antes tinha-se admitido 85 mil).

Mas em Abril de 1984 já haviam sido gastos 82 mil contos nas duas primeiras fases, comparticipadas pela DGERU (SEOP) em 34 800 e 14 mil contos. Ora, como a referida comparticipação era e (ainda) é de 60 por cento, contas devidamente feitas significa que na primeira fase se despenderam 5 mil e na segunda 24 mil contos... E de Fevereiro/Abril de 1984 até há dias mais cerca de 60 mil.

Por isso o próprio presidente da direcção do AAT, Júlio Serra, com o ar mais optimista deste mundo nos avançou: «Pode ser que não fique por muito mais de 200 mil contos. Mas, neste momento, é esse o custo total da obra. E seguramente que a inflação subirá ainda o seu custo», acrescentou.

O que Vila Franca tem e o que lhe falta

Vila Franca de Xira é hoje uma cidade com mais de 25 mil habitantes, dos quais 15 205 estão recenseados, estão aptos a irem às urnas no próximo domingo. Tem uma equipa de futebol que esteve a um passo da II divisão sob a direcção de José Cerejo (hoje é presidida por Rogélio Soares), uma praça de toiros a época finda administrada como nos tempos de José Guerra, mais de mil ginastas (mulheres), um Hospital Distrital que serve mais de 200 mil pessoas (o concelho de Vila Franca e seis dos que lhe ficam em volta), mas que quanto a cultura, para além de episódicos «Encontros de Biblioteca» promovidos pela Câmara Municipal (e nem sempre com a devida assistência e participação), muito lhe fica a dever.

O Ateneu Artístico deitou mãos a esta obra, ela aí está já muito próxima da sua versão definitiva, se bem que, na melhor das hipóteses, só nos primeiros meses de 1989 seja inaugurada. «Mas às vezes acontecem milagres, e bem gostaríamos de também ser contemplados», acrescenta José Serra.

Uma cidade assim, com uma Associação Humanitária de Bombeiros que é a sua mais velha colectividade (mais de um século), aposta na Casa de Cultura, vive para ela, e na juventude, que não tem uma atracção local fixa e se dispersa nas horas livres. A proposta é esse Centro Cultural, uma obra monumental, sem dúvida, que há doze anos atrás — quando para isso foram dados os primeiros passos —, poucos acreditariam que viesse a ter não apenas a dimensão que agora nos apresenta, mas a impressividade arquitectónica que encanta os mais exigentes. E, no entanto, os seus pouco mais de mil sócios só pagam 50 escudos/mês.

Escola de Música com menos alunos

A Escola de Música tem hoje menos alunos que há três anos atrás. É a «menina dos olhos» do AAT. Funciona, ainda hoje, no acanhado edifício que faz esquina na Gomes Freire com a Rua José Palha e chegou a apresentar 150 alunos. Mas o edifício, vetusto, exíguo, não aguentava. Interessante: os monitores dos actuais 60 alunos são instrumentistas da banda. Quem os quiser ver, aparece na sede (velha, claro) e, se por acaso chegar antes das 20.30 horas, ainda com o bar fechado, depara com os alunos à espera dos mestres — como há dias nos aconteceu.

Depois de pronta a obra apresentar-se-á assim: um salão de festas, parte da sede social do Ateneu, locais para actividades desportivas (luta, ginástica rítmica, dança-jazz, artes marciais e ténis de mesa); no piso imediato, administrativos, o gabinete da direcção, uma biblioteca, um salão nobre, carpintaria de cenários e adereços, e várias secções; no piso superior, um auditório principal e um pequeno auditório (com a capacidade para mais de mil pessoas), servidos por um palco elevatório.

É claro que neste «mundo» haverá, ainda, um fosso de orquestra para 35 músicos, uma cabina de projecção, cabinas para órgãos de luzes, bombeiros e electricistas e que no primeiro piso está já instalado um pequeno palco, uma cabina de projecção, sala de ensaios para a banda, assim como um bar, balneários e sanitários. Ao lado do edifício principal sobressai um anexo de três pisos, dois deles para aulas de música e ensino de «ballet».

O caso dos pavilhões de Loures

Vamos fazer um bairro com 120 fogos

— *afirma Vice-Governador Civil de Lisboa*

«Estamos a trabalhar no sentido de fazer ali um bairro com 120 fogos», afirmou ontem ao «DL» o vice-governador civil de Lisboa referindo-se ao caso dos pavilhões que a Câmara de Loures pretende instalar no Bairro de Santa Maria, na Urneira, em Odivelas.

A oposição do Governo Civil à construção de tais pavilhões foi também reafirmada por Machado Lourenço: «logo que se arranje um lugar para as famílias, as barracas serão desmontadas», sublinhou. «As famílias estão lá em situações de emergência, e disseram-nos que a Câmara Municipal de Loures lhes anda a prometer casa há quatro anos», adiantou o vice-governador civil de Lisboa.

Sobre a autorização verbal do seu antecessor que, segundo a Câmara de Loures, legitima a instalação dos pavilhões, Machado Lourenço foi peremptório: «não é verdade que tenha havido autorização verbal, falei com o meu antecessor para confirmar, e ele disse-me que era absolutamente falso». E, historiando o processo, prosseguiu: «em Junho, e mais tarde em Setembro, ele (o ex-vice-governador civil de Lisboa, Jorge Vassalo Oliveira) não deixou que as obras fossem para a frente».

Sobre a pretensão da Câmara de recuperar o pavilhão gimnodesportivo que se encontra em adiantado estado de degradação, Machado Lourenço afirmou «que ninguém encontrou o ofício que a Câmara diz ter mandado» e, refutando acusações dos autarcas de Loures sobre a sua indisponibilidade para o diálogo, adiantou que as críticas não têm qualquer fundamento porque «quando quero falar com o senhor presidente da Câmara de Loures, ele nunca está» e «até hoje não apareceu ninguém a falar connosco». Machado Lourenço refutou, ainda, as acusações do vereador Duarte Nuno que, em declarações aos jornalistas, considerou que «há o propósito de hostilizar as autarquias que não são das mesmas posições políticas que o poder central». «Estou aberto a qualquer diálogo, em cumprimento das directrizes que tenho», sublinhou. «Da minha parte, tratarei toda a gente em igualdade de circunstâncias», acentuou.

Em causa a não atribuição de pelouros à APU

Presidente da Câmara de Setúbal contra críticas do PRD

O Presidente da Câmara Municipal de Setúbal, Mata Cáceres, criticou ontem o PRD por este partido ter censurado a não atribuição de pelouros aos vereadores eleitos pela Aliança Povo Unido. Em conferência de Imprensa realizada na passada terça-feira os renovadores democráticos sublinharam que nenhuma força política deve ser marginalizada da Câmara.

«Não se afigura lógico o PRD formular exigências para satisfazer a APU, quando nem a própria APU fez exigências», considerou Mata Cáceres em declarações à agência Anop. Para o Presidente da Câmara de Setúbal, eleito numa lista do PS/PSD, as críticas formuladas pelos renovadores democráicos podem criar uma situação difícil. «O PRD pode ser útil ao funcionamento da Câmara e não quererá assumir a responsabilidade pela criação de um impasse», sublinhou.

Para os renovadores democráticos, no entanto, a questão põe-se de outro modo. Falando no decorrer da conferência de Imprensa realizada na terça-feira, José Rebelo, vereador do pelouro da Informação e Cultura sublinhou que «o PRD entende que de todas as forças políticas deve haver vereadores em permanência: se o PS e o PSD já têm, porque não a APU?», interrogou. E, explicitando a sua posição, o correspondente do «Le Monde» em Portugal afirmou, peremptório, que não aceita o cargo proposto «sem a APU ter tempo (meio ou inteiro)». «Se o executivo não funcionar», sublinhou, «a culpa será da coligação». «Com esta posição», concluiu José Rebelo, «não estamos a favorecer a APU, somente estamos a cumprir o programa do PRD que é o de não marginalizar outras forças políticas».

Por seu lado, o Presidente da comissão concelhia de Setúbal dos renovadores democráticos, Máximo Rosado, sublinhou que o seu partido «não pactua com a marginalização da APU na Câmara Municipal de Setúbal, e não concorda que àquela força política não seja distribuído qualquer tempo inteiro».

Ex-vereador do Barreiro alvo de inquérito

O vereador Manuel Pina do PS que pertenceu ao último executivo da Câmara Municipal do Barreiro, onde era responsável pelo pelouro das actividades económicas, está a ser objecto de um inquérito. Segundo apurou a Notícias de Portugal, o inquérito foi decidido depois de terem sido apresentadas várias queixas dos talhantes dos mercados municipais que reclamavam terem de pagar os alugures atrasados.

Os talhantes alegavam que os alugueres já tinham sido pagos àquele autarca através de recibos provisórios.

Entretanto, na Freguesia de Loures poderão estar à vista novas eleições, uma vez que os dois eleitos pelos renovadores democráticos renunciaram ao mandato para «se distanciarem da APU», mas «fizeram-no de forma irregular», pelo que a renuncia não foi aceite. Em resultado das eleições de 15 de Dezembro aquela autarquia, que é a maior freguesia do País, passou a ter como representantes nove eleitos nas listas do «bloco central autárquico», oito da Aliança Povo Unido e dois dos renovadores democráticos.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E SEGURANÇA SOCIAL

SALÁRIOS EM ATRASO

Medidas de Apoio segundo a nova Legislação

— **Aplicam-se:**
aos trabalhadores a quem a retribuição devida esteja vencida e não paga há mais de 30 dias, e tenham pedido a **rescisão** unilateral ou a **suspensão** do contrato de trabalho.

— **OS TRABALHADORES COM SALÁRIOS EM ATRASO**
podem requerer ao CENTRO REGIONAL DE SEGURANÇA SOCIAL, através do CENTRO DE EMPREGO da área da sua residência, a equiparação a desempregados involuntários.

— Assim, **os trabalhadores com salários em atraso,** podem então:

a) no caso de terem optado pela **rescisão** unilateral, requerer o pagamento da
INDEMNIZAÇÃO devida até ao limite de 6 meses de retribuição, no caso de se comprovar a impossibilidade de a empresa a pagar
e do
SUBSÍDIO DE DESEMPREGO ou subsídio social de desemprego, nos termos da legislação em vigor

b) quando optarem pela simples **suspensão** do contrato de trabalho, requerer o pagamento do **SUBSÍDIO DE DESEMPREGO** durante 6 meses.

INFORME-SE NO SEU CENTRO DE EMPREGO

ALMOÇO DE APOIANTES DE

FRANCISCO SALGADO ZENHA

QUINTA-FEIRA — DIA 23
13 HORAS

RESTAURANTE BIERHAUS
— FEIRA POPULAR —

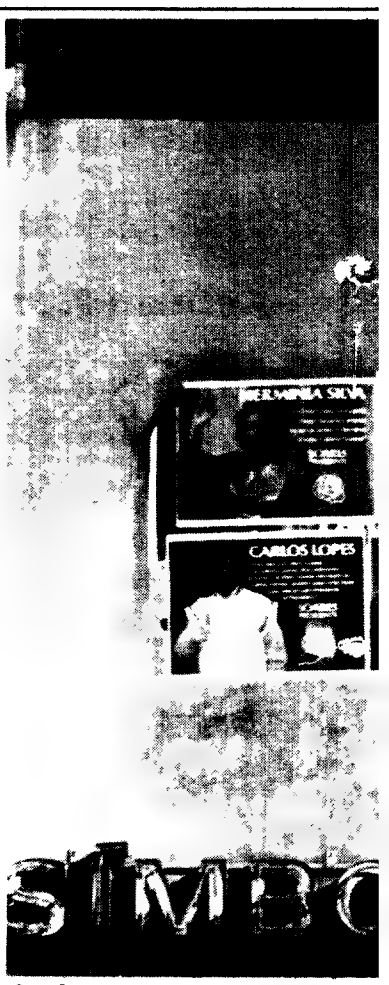
Inscrições no ZAP

Rua Latino Coelho, n.º 85
Telefones: 52 70 41
52 71 83
52 73 25
52 73 96

Contacto com Filipe Coelho (SINZAP)

A banca ao serviço do candidato

Será que as esperanças dos portugueses cabem num simples saco? Então não há por aí tanta parede à espera de inspiração?

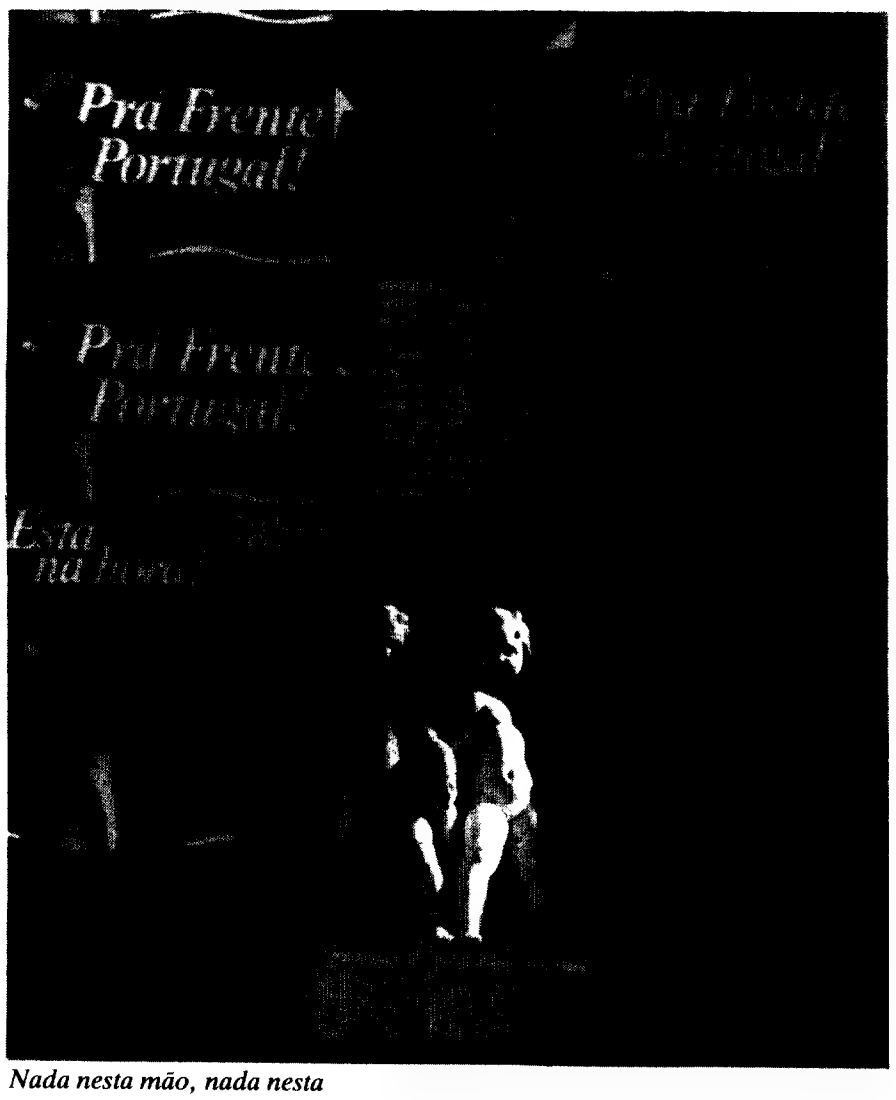


Ou de como se vê se a cintura é i

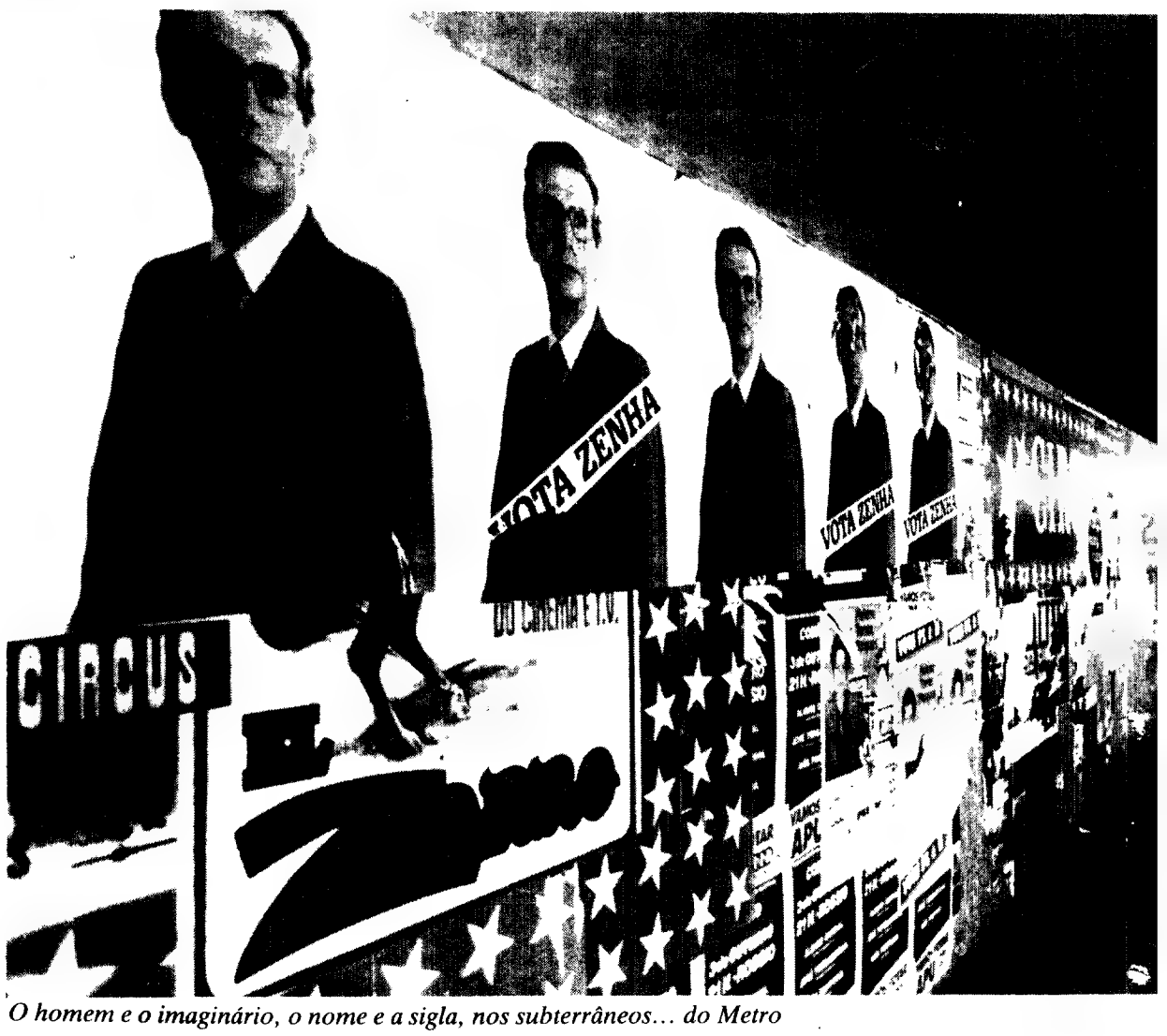
Retratos de

O anedotário nacional é sempre enriquecido por ocasião de qualquer acto eleitoral. Ou, mais modestamente, velhas piadas são adaptadas às circunstâncias e servem para diminuir ou tentar influenciar o sentido de voto de quem ouve.

A
toda
ções
evid
puro
dos
pass
rer t



Nada nesta mão, nada nesta



O homem e o imaginário, o nome e a sigla, nos subterrâneos... do Metro

É só para a hipótese de alguém mostrar a careca

industrial...

e campanha, enquanto ainda mexe

Fotos Carlos Gil

A verdade, porém, é que de as as vezes surgem as situa- s caricatas, os paradoxos, a dência, por força do acaso, o e simples. Na maior parte s casos, contudo, a gente sa, apressados ou a não que- ter vagar, e não vê.

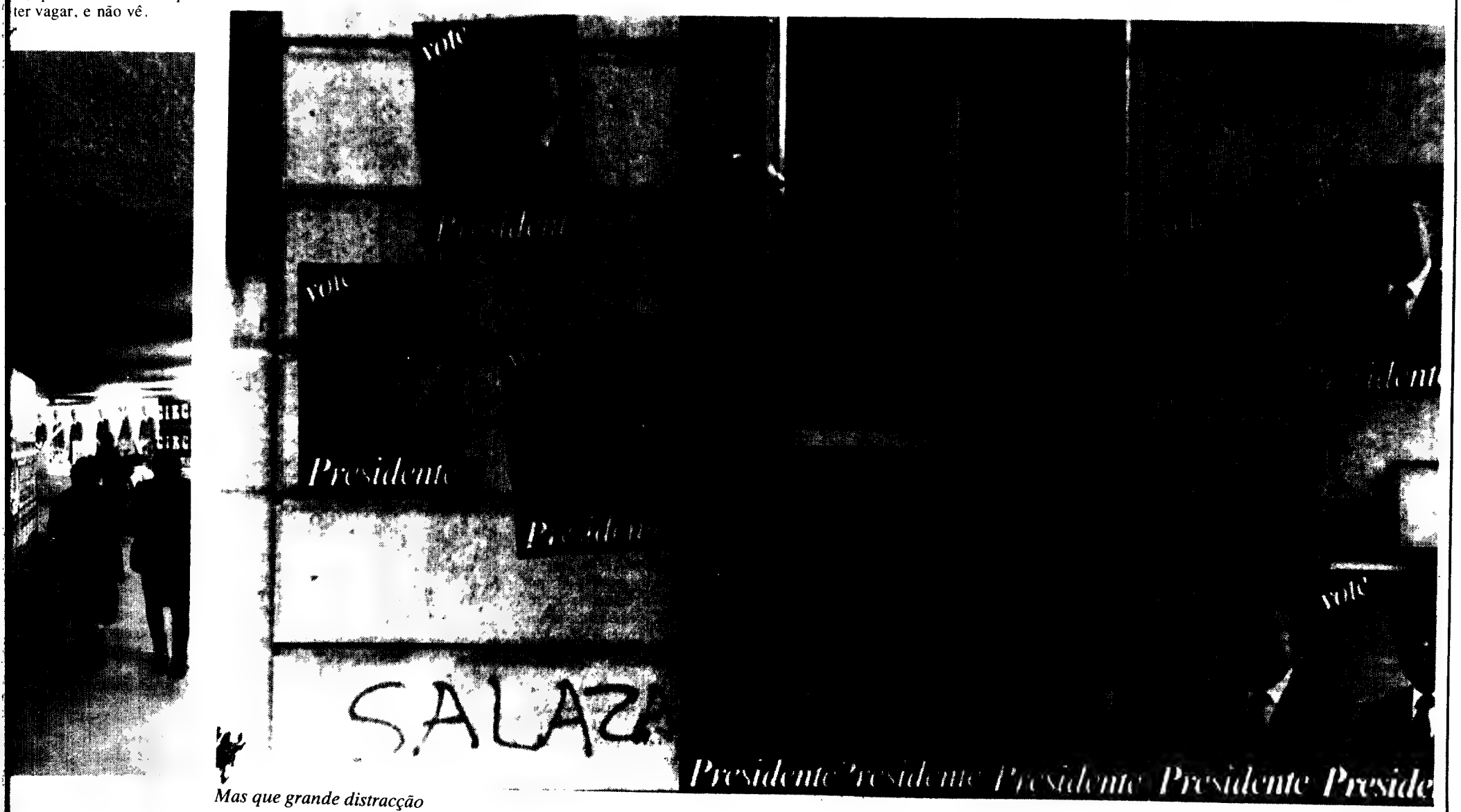
Por isso se justifica o olhar atento do fotógrafo.

As fotos que hoje publicamos, da autoria do nosso colaborador Carlos Gil, reflectem um pouco do humor, contradições, alegrias e tristezas que forram as nossas paredes.

São exemplares fotos como a do homem que de sacola ao ombro, com a inscrição «Portugal», caminha para um painel de propaganda numa esquina do Chiado. Ou a das esculturas dos infantes que ostentam movimentos de mão semelhantes nas de sentido contrário ao de um dos candidatos.

Ou, ainda, aquela outra em que os cartazes do mesmo candidato, começam onde o nome do velho ditador Salazar acaba, como se aquela parede tivesse sido feita com o destino marcado... Enfim, aqui fica um resumo diferente de uma campanha que ainda mexe.

Ri-te, ri-te



Mas que grande distracção

Paris ganhou a corrida pela Disneylandia

O contrato definitivo para a instalação da «Eurodisneylândia» em Marne-la-Vallée, a 30 quilómetros de Paris, será assinado em 18 de Março, revelou o vice-presidente da «Walt Disney Productions», Richard Nunis.

A cerimónia da assinatura realizar-se-á em Paris adiantou Nunis.

Indicou, ainda, que as negociações entre os responsáveis da sociedade Disney e as autoridades francesas prosseguem e que a «Eurodisneylândia» será uma cópia do «Reino Mágico de Mickey», de Orlando, Florida «com o castelo da Gata Borralheira, o rio dos Piratas e muitas outras atracções».

A abertura do primeiro parque está prevista para finais de 1990 ou princípio de 1991.

Os responsáveis da «Walt Disney Productions» explicaram, na altura, que a escolha da França, em lugar da Espanha, para a instalação do parque de diversões se ficara a dever à boa localização da região proposta pelos franceses e a existência nela de «uma boa rede de comunicações».

Espanha: mais turistas que habitantes

A Espanha foi visitada, em 1985, por 43,2 milhões de estrangeiros, mais 0,7 por cento que no ano anterior, divulgaram fontes governamentais espanholas.

Durante o ano de 1985 entraram na Espanha mais 303 673 turistas estrangeiros do que em 1984, totalizando 43,2 milhões de turistas. Estes números significam um recorde absoluto relativamente aos anos anteriores.

O conjunto da população espanhola — uns 38 milhões de habitantes — é inferior ao total de turistas entrados no país durante um ano.

Confirmada previsão do DL

Exportações para Angola acima dos 26 milhões

Confirmaram-se em absoluto as previsões adiantadas pelo «DL» no início de Dezembro (suplemento dedicado à Feira de Luanda), quanto à evolução das exportações portuguesas para Angola: elas atingiram os 26 milhões de contos em 1985, embora tenham conhecido uma relativa estagnação percentual comparativamente ao ano anterior. Segundo o boletim «África Económica», ontem divulgado, as razões principais para essa estagnação foram as dificuldades relativas à capacidade importadora daquele país africano e as que resultam do estado das relações políticas entre as autoridades portuguesas e angolanas, «que se agravou durante a vigência do anterior governo».

«Mesmo assim» acrescenta o artigo «Angola deverá ser, no final do ano passado, o nono cliente de produtos portugueses, só ultrapassado pelos mais importantes países industrializados».

O boletim da CESO (Centro de Estudos Economia e Sociedade) assinala que «em contrapartida, as exportações angolanas para Portugal aumentaram espectacularmente, quase decuplicando, devendo atingir 10 milhões de contos em Dezembro do ano passado, dos quais 8,5 milhões constituídos por ramas petrolíferas».

O comércio entre Angola e Espanha tem, entretanto, crescido substancialmente nos últimos anos, conforme indicam dados revelados pelo «África Enonómica»: **1983** — exportações de Angola para Espanha: 170 milhões de dólares, importações: 34 milhões; **1984** — exportações: 192 milhões, importações: 75 milhões; **1985** (primeiro semestre) — exportações: 160 milhões, importações: 21 milhões.

O boletim refere também, citando o Banco Nacional de Angola, que a balança de pagamentos daquele país africano registou um saldo positivo de 61 milhões de contos em 1984.

O saldo foi, no entanto, obtido graças ao recurso a empréstimos a médio e longo prazos, tornados necessários pela degradação do saldo das operações correntes (— 57,2 milhões de dólares em 1984 contra — 34,1 milhões em 1983).

Esta deterioração vem na sequência do défice recorde da balança de serviços (— 787,1 milhões de dólares), ligada ao custo de assistência técnica das sociedades estrangeiras, principalmente petrolíferas.

Este défice não foi compensado pelo saldo positivo da balança comercial, em progressão regular desde 1982 e que atingiu +695 milhões de dólares em 1984.

A dívida externa de Angola orçou os 2600 milhões de dólares em 1984, contra 2200 milhões em 1981. O serviço da dívida representava, em 1984, 1,8 meses das exportações, enquanto as reservas cambiais se elevavam, no mesmo ano, a 172 milhões de dólares, ou seja, 1,6 meses das importações (contra 0,9 em 1982), assinala o «África Económica».

NOTARIADO PORTUGUÊS

QUARTO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

Rua Nova do Almada, 80, 2.º Dt.º — 1200 LISBOA

L.º 146 C
Fls 36 v.º

O signatário, Maria Manuela Brito, Esct.º Superior deste Cartório, certifica que a fotocópia que segue, com cinco folhas, está conforme com o original, exarado de folhas trinta e seis verso a folhas trinta e oito verso do livro número cento e quarenta e seis C deste Cartório.

Lisboa, 20 de Novembro de mil novecentos e oitenta e cinco.

O Esct. Superior
MANUELA BRITO

CONSTITUIÇÃO DE SOCIEDADE

Aos dezoito de Novembro de mil novecentos oitenta e cinco, no Quarto Cartório Notarial de Lisboa, perante mim, Notário, licenciado José Maria Martins Soares, compareceram:

PRIMEIRO

FRANCISCO MARIA POTES AMARAL, natural de Évora, São Mamede, Évora, casado sob o regime de separação de bens com Maria José Calheiros Veiga da Silva Amaral, residente na Rua da Quinta das Palmeiras, número sessenta e quatro, em Oeiras.

SEGUNDO

ANTÓNIO JOÃO TELES GARCIA DE FARIA, natural de São Sebastião da Pedreira, Lisboa, casado sob o regime da comunhão de adquiridos com Natália Maria Lopes Isidoro da Silva Daniel Garcia de Faria, residente na Praça da República, número quatro, segundo esquerdo, em Carcavelos, concelho de Cascais.

TERCEIRO

ABÍLIO ILDEFONSO TELES GARCIA DE FARIA, solteiro, maior, natural de São Sebastião da Pedreira, Lisboa, residente na Rua Joaquim de Almeida, número trinta, em Carcavelos, Cascais.

Verifiquei a identidade dos outorgantes pela exibição dos respectivos bilhetes de identidade números 1298460, de 16 de Julho de 1980, 4873189, de 10 de Setembro de 1985 e 5357420, de 25 de Agosto de 1980, emitidos em Lisboa

E DISSERAM

Que, pela presente escritura constituem entre si uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, que se regerá nos termos constantes dos artigos seguintes

Primeiro

A sociedade adopta a denominação «SOCIEDADE AGRÍCOLA SERRA BRAVA, LIMITADA», tem a sua sede na Vila de Fronteira e durará por tempo indeterminado, a partir de hoje.

Segundo

A sociedade tem por objecto a exploração agro-pecuária.

Terceiro

O capital social integralmente realizado em dinheiro, é de QUINHENTOS MIL ESCUDOS e corresponde à soma das seguintes quotas:

— uma, de trezentos mil escudos, pertencente ao sócio António João Teles Garcia de Faria; uma de cem mil escudos pertencente ao sócio Abílio Ildefonso Teles Garcia de Faria; e uma, de cem mil escudos, pertencente ao sócio Francisco Maria Potes Amaral.

PARÁGRAFO ÚNICO — Poderão ser exigidas dos sócios prestações suplementares nos termos a estabelecer em Assembleia Geral.

Quarto

A gerência da Sociedade, dispensada de caução, e com ou sem remuneração, conforme vier a ser acordado em Assembleia Geral, pertence aos sócios António João Teles Garcia de Faria e Abílio Ildefonso Teles Garcia de Faria, que desde já, ficam nomeados gerentes;

PARÁFRAGO PRIMEIRO — A sociedade pode constituir mandatários, nos termos do artigo duzentos cinquenta e seis do Código Comercial e os gerentes, podem delegar, por meio de procuração, os seus poderes, no todo ou em parte, em outro gerente, ou sócio, ou mesmo em estranho, mas neste caso, com o prévio consentimento da Sociedade, dado em Assembleia Geral

PARÁGRAFO SEGUNDO — Para obrigar a Sociedade, em todos os seus actos e contratos, são necessárias as assinaturas de dois gerentes ou de um gerente e um procurador de outro, ou ainda, de procurador da Sociedade, mas quanto àqueles e a este sempre dentro dos limites específicos, do respectivo mandato.

PARÁGRAFO TERCEIRO — Os gerentes, não podem obrigar a Sociedade em actos e contratos estranhos ao objecto social, tais como, fianças, abonações, avales, letras de favor ou outros semelhantes

Quinto

Por morte, interdição ou inabilitação de um sócio, a Sociedade continuará com os herdeiros do falecido ou representante do interdito ou inabilitado, devendo aqueles, no prazo de sessenta dias, escolher de entre si um que a todos represente na Sociedade, enquanto a respectiva quota se mantiver indivisa.

Sexto

As Assembleias Gerais, serão convocadas, por meio de avisos postais registados, dirigidos para o domicílio dos sócios, com indicação dos assuntos a tratar e com a antecedência mínima de dez dias, desde que a Lei não exija outros prazos e formalidades.

ASSIM O DISSERAM.

Exibiram:

— certificado de admissibilidade da denominação adoptada, passado pelo Registo Nacional de Pessoas Colectivas aos 25 de Julho findo.

Aos outorgantes, na presença simultânea de todos, fiz em voz alta a leitura desta escritura e a explicação do seu conteúdo e a advertência da obrigatoriedade do registo dentro de noventa dias.

ASSINATURA ILEGÍVEL

O NOTÁRIO
JOSÉ MARIA MARTINS SOARES

Verbete n.º AA-C279-2 Custa-registo n.º 57

«DL» — 23/1/1986

Trabalhadores da Câmara de Lisboa recusam aumento de 15 por cento

O Sindicato dos Trabalhadores da Câmara Municipal de Lisboa não aceita a proposta governamental de 15 por cento de aumentos para a função pública, disse Pina Gonçalves, da Direcção do Sindicato.

Pina Gonçalves, que falava numa conferência de Imprensa dada pelo Sindicato, afirmou que a proposta do Governo «é inaceitável».

O Sindicato vai promover uma série de plenários da Câmara Municipal de Lisboa para discutir as formas de luta contra a proposta do Governo, que poderão ser a greve, acrescentou.

A proposta do Sindicato dos trabalhadores, que está integrado nas negociações do contrato colectivo para 1986 na Frente Comum dos Sindicatos da Função Pública, é de 25 por cento.

Pina Gonçalves adiantou que o Sindicato está a elaborar um caderno reivindicativo que será apresentado à nova administração da Câmara Municipal de Lisboa.

«Exigimos que a administração da Câmara pague a dívida aos trabalhadores do Parque de Campismo de Monsanto, cujo valor já ultrapassa os 3000 contos e que se refere a horas extraordinárias em atraso», disse.

Os dirigentes daquele Sindicato exigem também que a nova administração da Câmara proceda à alteração do regulamento de concurso do pessoal do município, que foi prometido em 1983.

No caderno reivindicativo, será também exigida a integração do pessoal do Gabinete Técnico da Habitação nos quadros do pessoal do município e a resolução dos trabalhadores da Central Pasteurizadora de Leite de Lisboa, da Câmara Municipal, que foi encerrada em 1984.

«Os trabalhadores da Central Pasteurizadora foram distribuídos por vários serviços do município, estando a exercer funções que não são as suas e a prejudicar a sua progressão nas carreiras», adiantou.

Trabalho ilegal na Suiça cada vez mais difícil

A Suíça, onde um em cada quatro trabalhadores é estrangeiro, anunciou planos para introduzir penalizações mais duras, a partir de Maio, para as empresas que empreguem imigrantes sem autorização de trabalho.

Sob as novas medidas, os empregadores podem ser multados até 5000 francos por, reconhecidamente, admitirem um trabalhador estrangeiro sem uma autorização de trabalho, com penas de prisão, possíveis para os que reincidirem, disse um porta-voz do Ministério de Justiça. As penalizações são actualmente mais baixas e nem sempre cumpridas.

Não haverá mudanças relativamente à actual determinação de enviar os trabalhadores ilegais para a fronteira e de lhes ser recusada a reentrada.

Cerca de 1400 estrangeiros, na sua maioria da Jugoslávia, Portugal, Turquia e Itália, foram encontrados em situação ilegal na Suíça em 1984, último ano de que existem números disponíveis.

As autoridades suíças afirmam, contudo, que o verdadeiro número dos ilegais, na sua maioria a trabalharem nos sectores da hotelaria, construção e agricultura poderá ser muito mais elevado.

A Suíça, juntamente com o Luxemburgo, tem uma das mais altas proporções de trabalhadores estrangeiros em condições legalizadas da Europa Ocidental. Mais de 700 000 dos três milhões que constituem a força de trabalho na Suíça, são estrangeiros.

Moda portuguesa na Espanha

O secretário de Estado do Comércio Externo, Caldeira da Silva, inaugura hoje em Madrid uma exposição de moda portuguesa, no âmbito da qual serão apresentadas as colecções Outono/Inverno 86/87 de 17 empresas portuguesas de confecções.

Esta acção de promoção contempla três passagens de modelos com 20 manequins portugueses e insere-se numa ofensiva dos exportadores nacionais de têxteis e confecções no mercado espanhol, face à abertura deste, embora com restrições, após a adesão à CEE.

Todas as empresas apresentam as suas próprias colecções e, algumas delas, vão mesmo expor sob marca própria.

Angústia Desespero Solidão
54 45 45
centro S.O.S. voz amiga
uma voz amiga estará contigo

Lisboa cidade limpa

A ilusão da lei dos salários em atraso

A CGTP-Intersindical acusou o Governo de estar a enganar os trabalhadores com salários em atraso e alertou-os para que ninguém é obrigado a decidir pelas opções que o Governo oferece para a resolução do problema.

A Central sindical afirma que se o trabalhador se despedir não recebe nenhum salário em atraso, mas sim «uma falsa indemnização que é determinada na base da retribuição que serve de cálculo ao subsídio de doença».

Diz também que se o trabalhador optar pela suspensão do seu contrato de trabalho «não tem qualquer garantia de ser readmitido na empresa, não recebe nem os salários em atraso, nem as diferenças e fica prejudicado nos seus direitos de reforma».

Vão ser recebidos por membros do Governo

Mineiros da Borralha estão em Lisboa para impedir o encerramento da mina

Mineiros da Borralha estão em Lisboa em luta pela defesa dos seus postos de trabalho e têm entrevistas marcadas para hoje com o ministro do Trabalho e com o Primeiro-Ministro.

Os trabalhadores afirmam que na sequência de uma greve que encetaram pelo pagamento de salários em atraso, a administração avançou com um «lock-out» encerrando a empresa.

O Governo, por seu lado, dizem os mineiros da Borralha, não desbloqueou o empréstimo necessário à viabilização da empresa, uma unidade industrial que em seu entender pode contribuir decisivamente para a melhoria da situação económica do País.

Transferências da miséria entre estratos sociais

O Movimento Unitário dos Reformados, Pensionistas e Idosos (MURPI) entende que é injusta e geradora de maior miséria a decisão do Governo de isentar do pagamento de contribuições para a Segurança Social os empresários que dêem primeiro emprego aos jovens de 18 a 25 anos de idade.

O MURPI diz estar com os desempregados e com as vítimas dos salários em atraso, mas afirma que a solução destes problemas não está na transferência da miséria entre estratos sociais desfavorecidos.

Manifestação de funcionários públicos

A Comissão Negociadora Sindical da Frente Comum de Sindicatos da Função Pública anunciou a realização de uma jornada de luta em 5 de Fevereiro, que culminará com uma manifestação em Lisboa.

A acção decorre do rompimento das negociações salariais do sector e do facto de os dirigentes sindicais do ramo acusarem a administração pública de má-fé negocial e de não ter em conta a reposição do poder de compra dos trabalhadores.

Os sindicatos da Frente Comum pretendem levar o seu problema a todos os grupos parlamentares da Assembleia da República, tendo em vista a próxima discussão pelo Parlamento do Orçamento do Estado para 1986.

Foi pedida pelo Sindicato da Hotelaria a intervenção da Inspecção de Trabalho e do provedor de Justiça na sequência da proibição pelo Conselho de Gerência da TAP de um plenário de trabalhadores do refeitório da empresa marcado para hoje.

O sindicato diz que o Conselho de Gerência da TAP «invocou simplesmente que decidiu não autorizar» e nota que tal decorre do desrespeito pela legislação sindical, pela contratação colectiva e pelo direito de reunião.

Gráficos e jornalistas decidem acções de luta comuns pela negociação salarial

As Direcções do Sindicato dos Jornalistas e da Federação dos Gráficos e Imprensa, em reunião realizada ontem, concluiram que ambas as estruturas sindicais vão ter de enfrentar a má vontade e bloqueio das negociações impostos pela Associação da Imprensa Diária.

Ambas as Direcções entendem que, perante a incapacidade negocial de algumas entidades patronais, cabe ao Governo (não só por ser um importante proprietário do sector) um papel relevante na resolução do conflito que se afigura inevitável e que oporá todos os trabalhadores da Imprensa às administrações públicas e privadas das empresas do sector.

A Federação dos Gráficos e Imprensa e o Sindicato dos Jornalistas apresentaram, em tempo útil, as respectivas propostas de revisão contratual e puseram todo o empenho em negociá-las. Tentaram trazer ao diálogo quem, nos últimos anos, tem porcurado alimentar conflitos — a Associação da Imprensa Diária — e anualmente se apresenta com posições intransigentes. A AID, este ano, superou-se e, às propostas sindicais, respondeu que nada tinha a negociar.

Perante «esta clara violação dos princípios da livre negociação, o Governo terá de assumir-se: não o fazendo, permitirá às estruturas sindicais concluir que a AID e Governo têm a mesma estratégia» — dizem as duas estruturas sindicais em comunicado conjunto.

Apesar dos processos reivindicativos dos jornalistas e dos gráficos estarem em fases diferentes — nomeadamente por os jornalistas já terem aprovado a realização de uma greve de cinco dias a desencadear em caso de ruptura negocial — ambas as direcções sindicais consideram que há acções que podem ser analisadas globalmente: «É o caso das movimentações que se prevê continuem nos próximos dias, nalgumas empresas, no sentido de pressionar as respectivas administrações a avançarem para a negociação».

Se os jornalistas já falam abertamente em greve, os gráficos e os demais trabalhadores da Imprensa vão iniciar um processo de discussão sobre o recurso a diferentes formas de luta que podem passar pela greve, caso até ao final do mês de Janeiro não haja garantia de que as reivindicações já formuladas serão aceites. Este processo de discussão em plenários iniciar-se-á se a reunião de conciliação marcada para dia 29 no Ministério do Trabalho não der resultados positivos.

A direcção do Sindicato dos Jornalistas e a Federação dos Gráficos e Imprensa decidiram intensificar contactos com vista à adopção de medidas conjuntas ou convergentes para garantir uma rápida revisão dos respectivos contratos de trabalho.

Militares americanos vestem à portuguesa

As cooperativas militares dos Estados Unidos na Europa vão comprar vestuário português, disse uma fonte da Embaixada norte-americana.

A encomenda de vestuário, pronto-a-vestir para homem, é produzido por três empresas portuguesas, a Alcot, a Maconde e a Supercorte, consistindo principalmente em casacos, calças, camisas e roupas desportivas, e destinando-se a um mercado de meio milhão de pessoas, composto por militares, homens e mulheres, e seus familiares.

Um porta-voz da Embaixada dos Estados Unidos referiu à ANOP que «a encomenda será entregue na sede das cooperativas, em Munique, na Alemanha Federal e é depois canalizada para quase todos os países da NATO, na Europa, em particular a Alemanha Federal, Itália, Grécia e Espanha».

Os clientes das cooperativas militares norte-americanas têm vindo a manifestar uma crescente procura de produtos portugueses e «espera-se vir a concretizar novas e importantes aquisições de outras mercadorias e artigos domésticos portugueses», concluiu.

Para agricultores ribatejanos

Eucalipto sinónimo de cataclismo

Para a Federação dos Agricultores do Distrito de Santarém, «o Ribatejo é uma região fortemente penalizada pela eucaliptização indiscriminada», sendo a situação particularmente grave nos concelhos de Abrantes, Chamusca, Rio Maior, Tomar, Constância, Vila Nova da Barquinha, Cartaxo e Benavente.

Na visita que a Federação realizou há dias com os jornalistas que cobriam um debate sobre eucaliptização, na Chamusca, foram mostrados terrenos, na sua maioria marginais, de aptidão florestal, mas que a Federação afirma ter dado no passado «grandes searas de aveia ou centeio».

Evidente, com abuso da plantação de eucaliptos, foi a utilização de uma várzea para esse tipo de árvore, a escassas dezenas de metros de um arrozal.

Aparte este claro atropelo a regra de que só se devem plantar eucaliptos em solos de clara aptidão florestal (tipo C, D ou E), a Federação mostrou terrenos eucaliptizados e que anteriormente eram montados de sobro ou olivais.

Para a Federação o eucalipto é sinónimo de cataclismo, «de isolamento das populações e parcelas agrícolas», para além de ser, quanto a esta organização, responsável pela «seca de fontes, poços e pequenas barragens», pelo «abandono da agricultura devido ao isolamento em que ficam estas parcelas agrícolas», para além de outros e variados malefícios.

O jornalista, como bola de «ping-pong», é atirado de um argumento para outro, uma vez levantado pela indústria da celulose, outra, pela Federação.

Do ponto de vista da indústria, é natural a protecção e expansão de garantia da sua matéria-prima, afirmando que já não há hoje abusos, que hoje o eucalipto não invade solos de aptidão agrícola e que o sector dá divisas consideráveis ao país, para além de empregos cada vez mais numerosos.

Portugal deverá trr exportado em 1985 cerca de 150 milhões de contos em produtos florestais, dos quais mais de metade são em pasta de papel.

Dado que importa cerca de 120 milhões de contos por ano em alimentos, essencialmente cereais, poder-se-á dizer que o perfil florestal português dá de comer à população e ainda sobram alguns milhões de contos.

Neste momento, Portugal tem cerca de dois terços do seu território dedicados à agricultuira, quando se sabe que apenas um terço tem aptidão para esse fim, sendo os outros dois terços solos de aptidão florestal.

Por outro lado, cerca de 30 por cento da sua mão-de-obra activa está hoje empregada na agricultura, uma percentagem que dá ideia do atraso a que o sector está votado, dada a sua fraca produtividade.

Portugal, país agrícola ou país silvícola?

A resposta terá de ser dada pelos especialistas, mas através do debate com as populações, do convencimento gradual, mas seguro da lavoura, e não do poder económico irresistível das empresas de celulose.

Porque, independentemente de se saber ou não se o eucalipto é aquilo que o «pintam», o facto é que nos últimos anos Portugal foi indiscriminadamente eucaliptizado, sendo hoje impossível até mesmo às celuloses dizer ao certo qual é a área nacional ou regional entregue a este tipo de árvore.

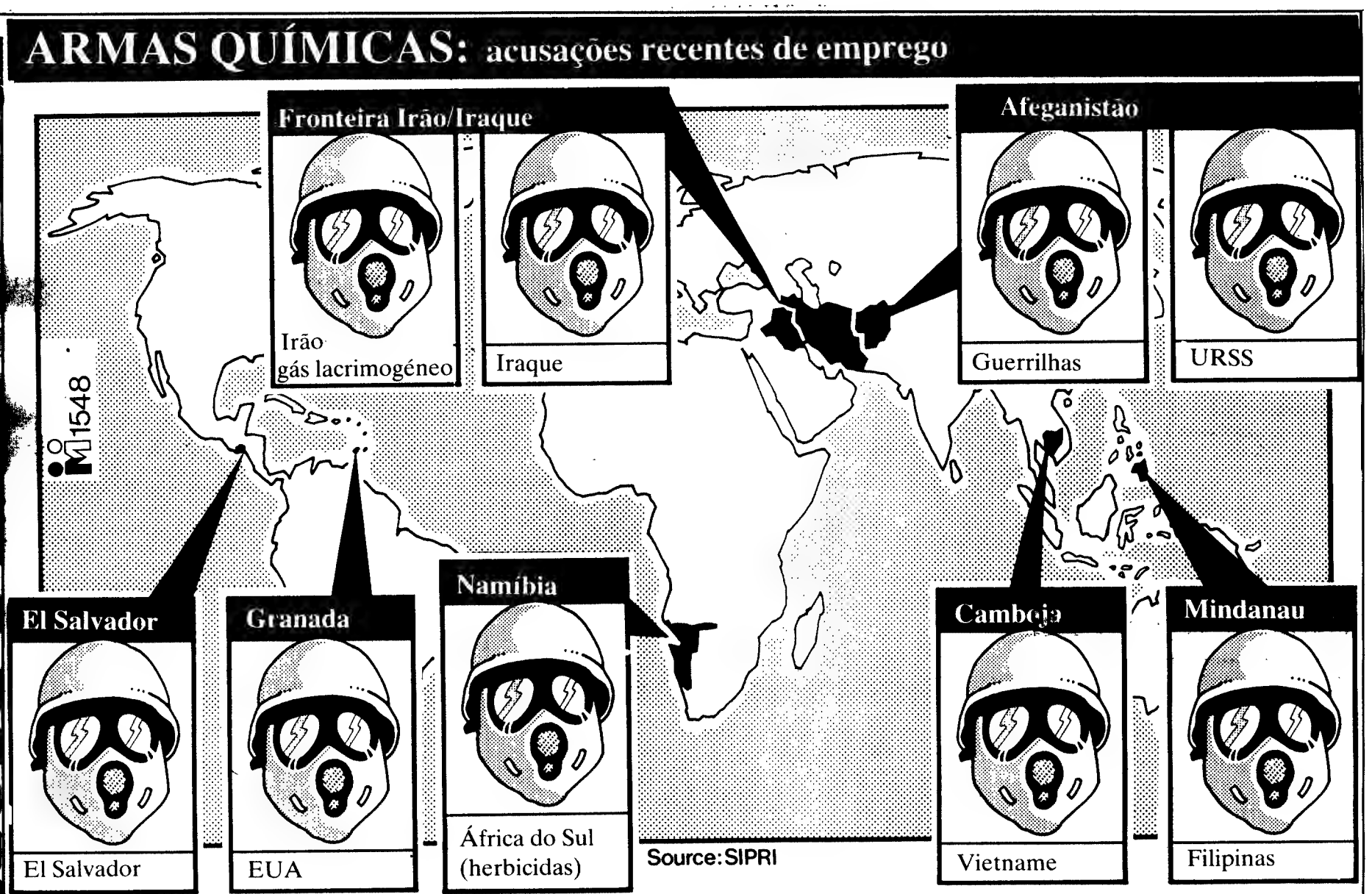
COTAÇÕES — CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	55$90	61$90
ALEMANHA FED (marco)	64$00	65$20
ÁUSTRIA (xelim)	9$00	9$20
BÉLGICA (franco)	2$971	3$171
BRASIL (cruzeiro)	$007	$017
CANADÁ (dólar – notas de 1 e 2)	111$25	113$75
(notas de 5 a 1000)	111$75	114$25
DINAMARCA (coroa)	17$40	17$80
ESPANHA (peseta)	$994	1$114
EUA (dólar – notas de 1 e 2)	156$30	159$80
(notas de 5 a 1000)	156$80	160$30
FINLÂNDIA (marka)	28$75	29$35
FRANÇA (franco)	20$85	21$55
HOLANDA (florim)	56$85	57$95
IRLÂNDA (libra)	195$30	199$30
ITÁLIA (lira)	$085	$095
JAPÃO (iene)	$749	$784
NORUEGA (coroa)	20$60	21$10
REINO UNIDO (libra)	219$90	224$40
SUÉCIA (coroa)	20$50	21$00
SUÍÇA (franco)	75$40	76$90
VENEZUELA (bolívar)	8$60	9$60

Observações:

1 – No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 – Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.



Armas químicas: soou o alerta

Enquanto as superpotências negoceiam a redução dos arsenais nucleares, um pacifista este-alemão lança o alerta para a ameaça que constitui a existência de cada vez mais armamento químico.

Wayne Brittenden
Serviço "Gemini News"/"DL"

Os arsenais de armas químicas estão em expansão e fazendo aumentar os riscos de uma guerra nuclear. O aviso partiu do dr. Ralf Trapp, pacifista e perito este-alemão em armamento químico, actualmente a trabalhar no Instituto Internacional de Pesquisas para a Paz, (IIPP), em Estocolmo, uma instituição financiada pelo governo sueco.

Enquanto a «escalagem» de uma guerra convencional para uma guerra nuclear representa um passo enorme, os receios da destruição em massa provocados pelas modernas armas químicas poderiam levar a que, em caso de conflito, uma das partes não hesitasse em optar pelo nuclear.

«Há o perigo», diz o dr. Trapp, «das armas químicas levarem a ultrapassar uma guerra nuclear limitada, fazendo com que o conflito se generalize rapidamente».

Um ataque na Europa central com armas químicas, provocaria a morte de um soldado por cada 20 vítimas civis, calculam os especialistas. Os cálculos do IIPP apontam para um grande número de baixas, civis, em caso de utilização de armamento químico.

Diz Trapp: «As tropas podem ser protegidas em grande medida, com máscaras de gás, fatos protectores e aparelhagem de descontaminação. Mas atingir um grau semelhante de protecção entre os civis é praticamente impossível. Mesmo que máscaras de gás fossem distribuídas por populações inteiras, os gases modernos não penetram no organismo apenas pelas vias respiratórias e pelos olhos, mas também através da pele. Mesmo os fatos especiais só fornecem protecção por tempo limitado».

Embora todas as pessoas compreendam que as armas químicas são de tipo diferente das nucleares, poucos estão ao corrente do seu real potencial de destruição. No entanto, se a ameaça nuclear não fosse uma constante dos nossos dias, então seria bom que o movimento pacifista concentrasse as suas atenções nas armas químicas.

Num memorando escrito em 1919, o então secretário de Estado britânico do Ministério da Guerra, Winston Churchill, escreveu: «Não percebo os pruridos sobre o uso de gás. Sou totalmente a favor da utilização de gases venenosos contra tribos incivilizadas».

A despeito do entusiasmo de Churchill, as experiências horríveis da Primeira Grande Guerra Mundial conduziram a que a Inglaterra assinasse, em 1925, a Convenção de Genebra, que proibio a utilização de armas químicas, mas nada estabeleceu quanto ao seu armazenamento. Actualmente são muitos os países que aumentam os seus arsenais, embora só os Estados Unidos tivessem tido a coragem de o admitir publicamente.

A existência de armas químicas tem sido defendida com os mesmos argumentos utilizados para justificar a dissuasão nuclear. E a despeito das proibições, as armas químicas foram diversas vezes usadas depois da assinatura da Convenção de Genebra: pelos italianos na Abissínia, no início dos anos 30, pelos norte-americanos no Vietname, pelos soviéticos no Afeganistão e, mais recentemente, na guerra do Golfo.

Para os países do Terceiro Mundo as armas químicas parecem ser particularmente atraentes, existindo um perigo real de que a elas venham a recorrer. Porquê? Diz o dr. Trapp: «Não necessitam de tecnologias complexas e é muito baixo o grau de protecção contra os seus efeitos».

Trapp manifesta especial receio no que respeita às armas químicas binárias, desenvolvidas pelos Estados Unidos, que têm um reduzido índice de toxicidade em situação normal, mas se tornam letais quando combinadas na cena de batalha. São precisamente estas armas que oferecem poucos riscos no transporte para locais distantes, designadamente na exportação. Para além disso, muitos dos produtos utilizados no seu fabrico têm utilização normal como herbicidas e pesticidas, tornando quase impossível um controlo internacional eficaz.

É de esperar que leve anos até se conseguir um acordo sobre a eliminação dos arsenais químicos, mas o dr. Trapp frisa que, apesar de tudo, as perspectivas são mais animadoras do que no caso dos arsenais nucleares. Na sua opinião, há cada vez mais Estados preocupados com elas, o que deixa antever que, em boa medida sob pressão da opinião pública, os governos acabem por negociar.

24 HORAS

Novo governo boliviano

O presidente boliviano, Paz Estenssoro, nomeou três homens de negócios e outros oito novos ministros para governar o país, algumas horas antes do início de uma greve geral convocada em protesto da política económica. A central operária boliviana marcou para hoje uma greve de 24 horas para protestar contra o congelamento dos salários e outras medidas económicas de austeridade impostas pelo presidente da Bolívia.

Julgamento de Winnie Mandela

Winnie Mandela, mulher do dirigente nacionalista negro encarcerado Nelson Mandela, compareceu ontem de novo num tribunal de Joanesburgo. Acusada de ter entrado ilegalmente no distrito judicial de Joanesburgo, desafiando uma restrição governamental de entrar no subúrbio negro do Soweto, onde possui uma casa, Winnie Mandela não foi sequer instada a responder, tendo o juiz Chris Eksteen adiado o julgamento para 19 de Fevereiro.

Shultz receberá Savimbi

O secretário norte-americano de Estado, George Shultz, receberá em breve o líder da guerrilha angolana 'UNITA', Jonas Savimbi, informou o porta-voz da Secretaria de Estado, Bernard Kalb. O informador declinou dar pormenores sobre a entrevista, que terá carácter privado, já que Jonas Savimbi efectua uma visita particular aos Estados Unidos.

Oposição chilena

O Partido Socialista chileno anunciou oficialmente a sua retirada «temporária» da Aliança Democrática, coligação na oposição. A aliança, que congregava além dos socialistas, cristãos-democratas, radicais, direitistas republicanos e sociais-democratas, é uma coligação que representa os chamados «partidos da oposição democrática», contra o regime militar de Augusto Pinochet.

Espanhóis sequestrados

O governo espanhol só tomará em consideração a libertação dos dois libaneses xiitas presos em Espanha, depois da libertação dos três funcionários espanhóis sequestrados no Líbano — anunciou um porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros, em Madrid. Os funcionários espanhóis foram sequestrados na sexta-feira, em Beirute, por familiares dos dois libaneses presos em Espanha.

Encontro Thatcher/Peres

O primeiro-ministro israelita, Shimon Peres, discutiu em Londres com o seu homólogo britânico, Margaret Thatcher, as novas vias de solução do conflito no Médio Oriente, informaram fontes oficiais. Shimon Peres afirmou aos repórteres, após um encontro de uma hora, que tinham sido examinadas novas ideias para quebrar o impasse no processo de paz do Médio Oriente.

Eleições na Irlanda do Norte

As câmaras de voto onde hoje se escolherão os representantes da Irlanda do Norte no Parlamento britânico estão guardadas por elementos da Polícia armada e forças do exército. As eleições, em 15 das 17 circunscrições foram marcadas por se terem demitido os deputados protestantes, depois do recente acordo sobre a Irlanda do Norte estabelecido entre Londres e Dublin.

Incêndio num hotel

Pelo menos 44 pessoas morreram, entre as quais 25 estrangeiros, e mais de 80 sofreram ferimentos em consequência do mais grave incêndio registado num hotel de Nova Deli às primeiras horas de hoje, disseram as autoridades. O hotel «Sidharth Continental», com 137 quartos, estava repleto com cerca de 180 clientes, mais o pessoal de serviço, quando o incêndio deflagrou cerca das 1 e 30 locais. Os bombeiros necessitaram de cinco horas e meia para controlar o sinistro.

Situação no Iémene do Sul

Rebeldes parecem ganhar terreno num conflito que já matou 10 mil

As forças rebeldes estão a ganhar terreno na guerra civil do Iémen do Sul, que até agora levou à morte cerca de 10 000 pessoas numa semana, estando centenas de estrangeiros ainda retidos na capital do país, Aden.

Nesta cidade continuam a ouvir-se tiros de tanques e artilharia pesada e ambas as facções marxistas em disputa reivindicam a vitória, mas fontes diplomáticas são da opinião de que a continuação de luta intensa é sinal de que nenhum dos lados alcançou ainda uma supremacia definitiva num conflito que se iniciou no passado dia 13.

Já foram transferidos de Aden cerca de 3000 estrangeiros, mas centenas de outros esperam ainda uma oportunidade para abandonar a cidade, que segundo informações recentes apresenta grandes marcas de destruição e tem as ruas juncadas de cadáveres, carros incendiados, camiões e autocarros destruídos.

Refugiados que chegaram a Djibouti dizem que já não há abastecimento de água e de electricidade à cidade e que o aeroporto foi destruído logo nos primeiros dias de luta. Descrevem Aden como uma «cidade fantasma».

Existem informações de que os rebeldes estão a ganhar terreno tanto no interior do país como em Aden, mas pensa-se que as tropas fiéis ao ex-presidente Mohammed Nasser se estão a concentrar na cratera de um vulcão extinto junto a Aden e que é considerado um local quase inexpugnável — o que na opinião de fontes diplomáticas pode prolongar a luta quase indefinidamente.

Por outro lado surgem informações de que algumas tribos da região Norte do país, montanhosa, começaram já a participar na guerra civil, o que provocará um alastrar do conflito.

Alguns dos dirigentes tribais estão a apoiar Ali Mohammed Nasser, o presidente antes do início das hostilidades, enquanto outros apoiam o líder dos rebeldes e ex-presidente Abdul-Fattah Ismail.

Surgiram indicações de que Mohammed Nasser pretende mover as suas forças para a região de Abyan, a 125 quilómetros a Norte de Aden, onde tem o apoio de chefes tribais numa região marcada por grandes montanhas e fundos vales.

A Rádio de Aden está na mãos dos rebeldes, que repetidamente proclama vitória mas os apoiantes de Mohammed estão a emitir de uma estação montada a Norte da capital numa zona que controlam e dizem que a maioria das Forças Armadas permanece fiel ao presidente.

Aparentemente, a guerra civil foi desencadeada por uma troca de tiros numa reunião do Politburo em exercício quando a 13 de Janeiro Ali Mohammed tentou eliminar os marxistas mais rígidos e duros que se opunham à sua política de aproximação com o Ocidente, a Arábia Saudita e Omã.

O Iémen do Sul, um ex-protectorado britânico, é um dos países mais pobres do Mundo, com uma população de dois milhões de pessoas e é um dos mais seguros aliados da União Soviética na região.

É opinião de fontes diplomáticas de que qualquer que seja o desfecho deste conflito, a União Soviética manterá o seu domínio poítico no país e as suas bases militares.

Especialistas no Médio Oriente dizem que o Iémen do Sul é um ponto estratégico da maior importância para Moscovo devido ao receio da URSS de que os Estados Unidos aumentem a sua presença militar no oceano Índico e na região do Golfo.

Bloqueio da RAS mantém-se

Golpe de Estado restitui poder ao rei do Lesotho

O Conselho Militar que na segunda-feira tomou o poder no Lesotho restituiu os poderes legislativos e executivos ao rei Moshoeshoe II, cujo papel era apenas simbólico sob o governo deposto do ex-primeiro-ministro Leabua Jonathan.

De acordo com a primeira directiva do Conselho Militar, difundida pela rádio estatal do Lesoto, Moshoeshoe II, de 47 anos, recupera o estatuto de chefe de Estado e poderá nomear um Conselho de Ministros para o «assistir na administração geral do Lesotho».

Por outro lado, o rei executará os seus poderes em conformidade com o Conselho Militar, que actuará como órgão consultivo do monarca.

Desconhece-se ainda a composição do Conselho Militar, presidido pelo general Justin Lekhanya, que comandou o golpe de Estado de segunda-feira.

Moshoeshoe e Jonathan divergiram politicamente desde que a Grã-Bretanha concedeu a independência ao Lesotho, em 1966.

Em 1970, o ex-primeiro-ministro cancelou as eleições gerais e destituiu o rei de todos os poderes políticos, exilando-o durante três meses depois de declarar o estado de excepção.

Entretanto, foi dissolvida a brigada juvenil do Partido Nacional da Basutolândia, de Jonathan.

Este, segundo fontes de Maseru, continua sob prisão domiciliária juntamente com os membros do seu governo.

Ao contrário do que se previa, após duas rondas de conversações com representantes do Lesotho, a Africa do Sul mantém as severas restrições impostas desde o dia 1 ao tráfego fronteiriço com o pequeno reino encravado no seu território.

Os víveres frescos continuam a escassear em Maseru, embora dois comboios com provisões tenham conseguido entrar no Lesotho desde o golpe de Estado.

Entretanto, a rádio sul-africana disse claramente que Pretória está a pressionar o novo governo do Lesotho a agir contra membros do Congresso Nacional Africano (ANC).

Num comentário que reflecte o ponto de vista do governo sul-africano, a rádio congratulou-se com o facto de os militares que derrubaram o governo de Leabua Jonathan terem manifestado o desejo de incrementar relações com Pretória.

Líbia nega existência de campos de palestinianos

O dirigente líbio, Moamar Khadafy, rejeitou novamente a existência na Líbia de campos de treino de guerrilheiros palestinianos.

Numa entrevista ao diário austríaco «Kurier», que é hoje publicada, Khadafy negou que o grupo de Abou Nidal, líder da facção extremista palestiniana, mantém campos de treino na Líbia, acrescentando que estes campos foram antigamente utilizados por grupos apoiados por Yasser Arafat, o líder da Organização de Libertação da Palestina.

«Após o corte de relações com Arafat, este encerrou os campos e deixou a Líbia», afirmou Khadafy, que referiu que estes campos actualmente «encontram-se vazios».

O dirigente líbio sublinhou que a única solução para o conflito no Médio Oriente seria o regresso de todos os judeus não nascidos na Palestina ao seu país de origem.

Khadafy negou novamente qualquer envolvimento líbio nos atentados dos aeroportos internacionais de Viena e Roma.

Fracasso

Entretanto, o subsecretário norte-americano de Estado, John Whitehead, manifestou o seu desapontamento por se terem malogrado as suas tentativas para levar os países europeus a aplicar sanções económicas contra a Líbia, tal como os Estados Unidos.

«Não obtive o que realmente me trouxe à Europa», admitiu Whitehead em conferência de Imprensa dada ontem em Paris, depois de conferenciar com o presidente francês, François Mitterrand, e vários altos funcionários.

O enviado especial da Administração Reagan acrescentou que as conversações que manteve com as autoridades da Grã-Bretanha , Itália, Turquia, Grécia, Alemanha Federal, França e Bélgica «foram amistosas mas não surtiram os resultados esperados por Washington».

Conversações

Israel

EUA

Ao contrário do que se esperava, o primeiro-ministro israelita Shimon Peres e o enviado norte-americano Richard Murphy marcaram para hoje nova reunião sobre o desbloqueamento das conversações de paz no Médio Oriente.

A reunião de hoje, que deve ter começado ao meio-dia, segundo uma fonte israelita que preferiu manter o anonimato, ia «falar de coisas concretas e acertar pormenores».

As reuniões centram-se nas duas questões principais que parecem estar a bloquear o processo de negociações para a paz no Médio Oriente: a composição da delegação jordano-palestiniana e a estrutura de uma conferência internacional.

As duas delegações concordaram em não fornecer informações sobre as conversações.

Em Leiria: Portugal, 1 - Finlândia, 1

Exame de instrução primária passa jogadores e chumba locutor

Neves de Sousa

Quem não tem cão, caça com gato. Nada mais certo e isso voltou a acontecer ontem, na noite frescota que rodeou o Estádio Municipal de Leiria, mais de dez mil pagantes vendo evoluir (sobre um tapete de relva que Futre considerou **«em péssimo estado»**) a selecção possível de reunir por José Torres para o teste primário com a Finlândia, etapa primeira da arrancada para o México, onde teremos de exibir as melhores unidades filtradas após exames cuidadosos, ponderados, serenos e sem curare na ponta da lança.

Esta noite, cumpriu-se exame de instrução primária: o candidato roçou a mediania, não deu ensejo para 20 valores (longe disso) mas ganhou, para si e para já, honras de um diplomazinho: de honestidade, de brio, de companheirismo e de entrega à luta. Vá lá que já se andou alguma coisa para a frente, ainda que um tosco aglomerado de finlandeses, embora dotados de excelente porte físico e muita abnegação, não signifiquem, no mapa mundano mais que um simples e inexpressivo pontinho esmaecido. Não seria obrigatório vencer mas, meus caros, perder nada ilustraria, sobretudo em termos de percurso a ganhar moral e confiança.

Eurico, Carlos Manuel, ainda Chalana, talvez Zé Beto, com toda a certeza Fernando Mendes e Sousa, quem sabe se Jordão ou Manuel Fernandes, Álvaro e Quim, Oliveira e Samuel, logicamente que igualmente André: por isto ou aquilo, mais por problemas erguidos por lesões que por vista grossa do seleccionador, colocaram o público leiriense perante uma formação de recurso, entusiasta e aguerrida mas a léguas-luz do «onze» que temos obrigação de fazer desfilar em palcos mexicanos com as cinco quinas ao peito e a montra preparada para expor os próximos multimilionários das «canchas». Quem não aproveitar esta boleia, certo e sabido que, para todo o sempre poderá arrepelar-se de ter passado ao lado de uma oportunidade única de brilho em cada carreira.

E da recolha de bem saborosos proventos. Porque a fase final de um «Mundial» é traço que, indelevelmente, une os predestinados à fortuna fabulosa que logo rodeia os «astros» mais ovacionados, envoltos na cobiça das latitudes com melhor conta bancária. Os jogadores das 24 equipas que conquistaram passaporte para o «sombrero» e a «tequilla» sabem isso perfeitamente: por isso, os 14 que evoluíram à sombra do castelo que, nos idos de 1137, Afonso Henriques enfiou na ponta da espada, se esfarraparam como se, em lugar de feijões, estivessem equacionadas quase tantas notas de conto como as que, em jornadas uefeiras, andam saltitanto nos olhos dos nossos melhores intérpretes.

•

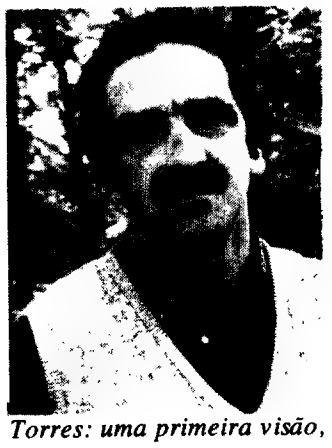
Finlandia, equipa sem cotação acima da mediocricidade e pouco em fuga ao anonimato total, serviu de inicial pedra de toque aos primeiros alunos de Torres: diga-se desde já que os convidados funcionaram como óptimos parceiros de ensaio, desenvolvendo um futebol de luta em cada centímetro de relva, cheio de peculiar força que é característica nórdica e chancela de quem possui cabedal físico para dar e vender.

Daí que, ao «pressing» de abertura, que foi cartão de visita impulsionado pelo desconcertante Paulo Futre, as visitas tenham ripostado com muita tenacidade e uma indómita vontade de, logo na primeira fatia da melancia, não engolirem pevides. A bola chegou a embater no poste canhoto da baliza de Huttunen, o número um do Haka que, pelo tempo adiante, se revelaria quase intransponível, muito elástico e sempre atento a todas as contingências. De tal modo que, dando tremenda confiança ao seu «team», possibilitou a conquista do troféu que talvez poucos esperassem: um golo por Hjem, na recolha de um pontapé de canto que foi endossado para o poste mais próximo da bandeirinha e ali recebeu óptimo toque de cabeça, face a defesas siderados ou a olharem para as estrelas.

Foi um balde de água fria que, durante dez minutos, arrefeceu a multidão, fazendo-a esfregar os olhos para não acreditar que, mesmo em duelo particular, era possível a finlandeses registarem o primeiro tento perante hostes lusitanas. Junto a Bento, toda a nossa gente ensarilhara armas, partira para a pesca, quando o camisola onze veio das nuvens despejar o brinde. Culpa (mais que evidente) de golpes de vista afinados para outro tipo de tiro de morteiro, outra dimensão para a aterragem do jacto.

•

Só que, passado o atordoamento, Gomes disparou um



Torres: uma primeira visão, um pequeno esclarecimento

petardo que (queria que voltassem a ver) merecia ser golo de estandarte ao alto: o felino Huttunen é que, como pantera, deu uma sapatada para a cabeceira quando todo o conclave tirava as mãos da algibeira para aplaudir o golo. Porém, logo de imediato prosseguiram desentendimentos defensivos que provocavam, na nossa cortina de «backs», discussões que não devem ser públicas ou, pelo menos, feitas de molde a que cada comparsa de uma situação ingrata atire todas as culpas sobre o colega que está mais à mão de semear: um pormenor que Torres terá de fazer entrar nos cérebros dos seus comandos, para evitar que voltem a acontecer, nos jogos a sério que vão bater à porta, situações idênticas às que obrigaram o juiz espanhol a mostrar o **ictericia** a Bento e Venâncio, protestantes por convicção ou capricho que, procurando junto do aerópago despejar incompetência sobre o homem do apito, apenas logram mais irritar o único sujeito que, aconteça o que suceder, nunca rectificaria uma decisão, que o mesmo seria ficar ao alcance de qualquer roda cilíndrica.

•

Estávamos, no entanto, ainda saindo do quarto de hora que sucedeu ao abrir de cortina: Portugal baqueando no «placard», o meio-campo das cinco quinas valendo o que podia fazer Jaime Pacheco, Diamantino como que desterrado na ponta direita, Adão muito laborioso mas igualmente bastante confuso nas entregas e Futre (danadinho por apagar a fama de qualquer concorrência) a pegar na bola e a tentar enfiá-la pelo buraco da agulha. Consoante o calendário rolava, mais se notaria esta ideia do **menino de oiro:** a tal modo que, da bancada, houve vontade de lhe entregar uma esferinha, só para que o traquina fosse brincar para o seu quintal, já que em cada raide mais se afirmava de um pessoalismo quase irritante.

•

E, porque também os finlandeses cresciam a ponto de mostrar habilidades que moravam escondidas, aguardou-se com alguma impaciência pela volta da medalha: certamente que o intervalo iria permitir a José Torres modificar processos e inocular um espírito mais propício a amenda no caminho de quantos vestiam de verde-rubro.

Realmente, o bloco veio mais ligado, mais determinado a jogar rectilineamente e sem rodriguinhos, embora Futre continuasse (vedeta de cartaz a sempre querer mostrar genialidade) a meter a sua «bucha» no texto. Mas, não se passava disso: couro enrolado, jogadas lateralizadas ou (então) morrendo nas mãos seguras do último bastonário da ordem finlandesa. Era preciso, para alívio do cerco ao convento, afastar os conquistadores que vinham dos gelos: foi o que sucedeu com o óptimo apelo a Veloso e a Jaime que, de uma assentada, permitiram que o flanco direito apoiasse a frontaria e ficasse menos permeável à serpente alheia ,e nessa ala, surgisse um extremo quase de raiz, possibilitando a Diamantino, mais no centro do palco, efectuar uma incursão bonita até dizer acabou que, em tabelinha com Fernando Gomes, resultaria no fuzilamento final pelo diamante benfiquista, a dar o nulo que (vamos lá) sempre fica para a história como nota melhorzinha que um desaire perante pacatos amantes do sol e da água fresca.

Até ao lavar dos cestos ainda se assistiu à rendição de Adão por Nunes: mas, se as saídas de João Pinto e Rui Águas foram logo esquecidas pelo bom trabalho de Veloso e Jaime, pouco se ficou conhecendo da vantagem do reservista da Luz no recebimento do testemunho vimaranense, se bem que o ex-setubalense ainda tivesse ensejo de carrilar perigo por entre o exército contrário, que também ia refrescando as hostes para manter viva a chama e o clarão.

•

Não se pode ser drástico ou desmotivador para a legião lusíada. Há ainda muito tempo para reflectir, examinar, tirar ilações e repensar escolhas e processos, de mais que (felizmente) contamos com ampla meia dúzia de valores de craveira muito superior à de alguns examinandos que estiveram na escola de Leiria.

Todavia, é de integra justiça aplaudir (para vinte valores) o labor e talento de Morato, a alegria e inteligência de Diamantino, a classe e visão de Jaime Pacheco, a aplicação e afã de Inácio, mais o sentido de luta que Fernando Gomes e Rui Águas conferiram a uma lança que era obrigado a procurar, entre floresta de corpanzis, nesga de espaço para avistar as malhas.

Depois, rendem-se homenagens a Veloso e Jaime, enquanto se aconselha a Venâncio a discutir mais com o espelho (lá em casa) que com os sujeitos que vestem de negro e têm na mão a faca e o queijo: sobretudo quando começa a ser pesado o carregamento de cartões-brinde com que o óptimo central sportinguista pode começar a forrar uma parede do lar.

•

Manuel Bento esteve um pouco intranquilo e também não precisava de carregar tanto a sorte até ver o rectângulo cor de sol, por exagero na apresentação de razão muito discutível. João Pinto, que esteve perto da perfeição no tempo inicial, resvalou depois para um período que (realmente) aconselhava prontamente a troca por artista folgado e mais veloz. Inácio procurou fazer esquecer Fernando Mendes: e aqui jogam-se cristas, com prós e contras a definirem cada opçõ. Adão foi útil até onde os pulmões e as pernas corresponderam ao esforço de brilho que tentava a todo transe. E, como dos demais que ficaram na peneira já se falou mais que o suficiente, feche-se este livro ao som de um telefonema vindo de bom camarada, excelente amigo e grande profissional da Imprensa que, em convalescença de uma pneumonia, foi obrigado a ver no leito o desfile de imagens televisitas entremeadas com as asneiras que Luís Alberto Ferreira ouviu e hoje transportou com indignação até aos nossos ouvidos:

— Vê tu que o enviado especial do Lumiar, a certa altura do jogo, anunciou com ar tremendista o falecimento de «Arsénio, antigo jogador do Benfica e da CUF», para daí a pouco, sem o mínimo de desculpas para a família do visado, emendar o nome do defunto para Luís Xavier que, por acaso, nem sequer vestiu a camisola da CUF e esteve distanciado de Arsénio para aí vinte anos. Depois, o mesmo cavalheiro com microfone ao dispor, saiu-se com nova asneira: «Espanha venceu Marrocos, por 1-0». Ora toda a gente sabe que, dado o contencioso existente entre os dois países não é possível realizar qualquer encontro particular entre formações desportivas dos dois países mediterrânicos. Para cúmulo (bastava estar mínimamente informado) o adepto do futebol sabia, de sobejo, que Rosa Santos estava a arbitrar um jogo entre a Espanha e a URSS, que terminou por 2-0. Ora, como é possível, perante um tão grande autidório, a RTP (onde trabalhei tanto tempo) estar agora entregue a funcionários sem capacidade para a mais elementar função informativa?

Não tenho nada com isso, caríssimo Luís Alberto Ferreira. Mas, talvez o novo Governo, certamente um próximo e atento Presidente da República, vamos lá mesmo que o recém-empossado conselho de gerência da única TV a que vamos tendo direito saiba tomar a única posição que se impõe. Por nós, registamos mais um lamento vindo de profissional da Comunicação esclarecido e consciente que, tão benévolo que foi, nem sequer chegou a recordar aquela triste cena, no último «Domingo Desportivo» de um parceiro, sentado perante a objectiva, fazer estranhos gestos para a «régie» como se fora encantador de serpentes ou desejasse avaramente que o focassem a toda a dimensão do écrã, para os vindouros saberem como vai o sector desportivo de uma loja atamancada com remendos. Ponto final: e viva a selecção, que felizmente, está em muito melhores mãos. E o futebol ajuda (até) à promoção da mediocridade.

Jogo no Estádio Municipal de Leiria.

Arbitragem magnífica do espanhol Pes Perez, que foi acompanhado por Mazouha Freire e Gomez Ramipez. As turmas:

PORTUGAL: Bento; João Pinto (Veloso, 62 minutos), Venâncio, Morato e Inácio; Adão (Nunes, 80), Jaime Pacheco, Diamantino e Futre; Rui Águas (Jaime, 62) e Gomes.

FINLÂNDIA: Huttunen; Lahtinen, Ikalainen (cap.), Pekonen e Nieminen; Uimonen (Petaja, 8 m), Turunen, Tornvall (Valvee, 75 m) e Hjelm; (Renes, 70 m); Lius (Kousa, 85 m) e Lipponen.

Cartão amarelo para Bento (78 m) e Venâncio (80 m).

Golos: Hjelm (14 minutos) e Diamantino (72).

Ciclismo: mosquitos por cordas

Ao que se consta (e confirma) as relações entre dirigentes do ciclismo não parecem fincadas em preceitos de boa harmonia e entendimento. Primeiramente foi a demissão do vice-presidenmte federativo António Chambel e seguidamente ocorre uma determinação da direcção liderada por Francisco Nunes a suspender alguns dirigentes associativos incluindo Paulino Domingos que exerce o cargo de presidente do Conselho Técnico.

Diz-se que o objectivo daquelas decisões consiste no afastamento daqueles elementos para que não integrem a lista para os futuros corpos gerentes, que se diz vir a ser presidida por Henrique Castro.

Uma verdade parece inquestionável: no ciclismo as coisas não vão nada bem...

"Keeper" coze orelha

No decurso do encontro Portimonense-Torralta a contar para o «distrital» de reservas, o «keeper» Guimarães (Torralta) foi vítima de uma grave lesão e depois de assistido veio a ser suturado com onze pontos na orelha direita. O acidente foi casual e o Portimonense (que alinhou com a maioria dos seus titulares) venceu por 3-2.

Milão: a crise continua

A justiça italiana decidiu intervir na grave situação que o Milão atravessa e abriu um processo para investigar possíveis irregularidades financeiras e eventuais condutas puníveis por lei.

Abre-se assim um novo capítulo na dramática história da equipa de Milão, despoletada com a demissão do presidente Giussy Farina, e a descoberta de dívidas que levaram o clube à beira da ruptura financeira.

Quando se esperava que fosse a Federação de Futebol a levar o assunto a tribunal depois de concluído um inquérito levado a cabo pela sua comissão, surgiu a notícia de que a magistratura italiana dispõe de um relatório completo sobre o caso Milão-Farina desde há cinco dias. Aparentemente, a decisão dos juízes deveu-se a uma informação surgida na Imprensa segundo a qual o Milão não pagou impostos estimados em 2,3 milhões de dólares (mais de 350 000 contos).

Kempes salva o Hércules

O futebolista argentino Mário Kempes, afirmou que o seu novo contrato com um clube austríaco lhe resolveu o problema económico para o resto da sua vida desportiva.

Mário Alberto Kempes, ex-internacional argentino, deu uma conferência de Imprensa em Alicante, onde se despediu do Hércules, onde tem alinhado, e revelou dados sobre o seu contrato com o Wiener Sport Club.

O clube austríaco ofereceu-lhe cerca de 250 000 dólares (40 000 contos) dos quais cederá cerca de 15 000 contos ao Hércules, por conta do que deveria receber deste clube espanhol por contrato e prémios de jogo durante o resto da sua permanência em Espanha.

Futebol

Juniores: o adeus ao "Europeu"

Perante uma assistência de 25 mil espectadores, a nossa selecção de juniores (categoria «A») jogou ontem com a Itália, em Messina (Sicília) e ao perder por 2-0 ficou afastada a hipótese de poder estar presente na fase final do Campeonato da Europa.

Os nossos jovens futebolistas terão realizado um exibição de excelente nível espectacular e, só por força de uma arbitragem deplorável do jugoslavo Sostaric, ao «inventar» uma grande penalidade de que resultaria o golo inaugural dos italianos, fez quebrar o ímpeto e a força psicológica dos nossos representantes escolhidos por José Augusto — que aqui recordamos ter dirigido pela 98.º vez uma selecção nacional — os quais se tivessem vencido o jogo de ontem poderiam ainda esperar a presença na fase final dependendo, no entanto, dos resultados dos encontros Malta - Áustria e Itália - Áustria a realizar, respectivamente, nos dias 24 e 30 de Abril.

No final do encontro, o seleccionador José Augusto manifestava o seu descontentamento face à arbitragem parcial e «caseira», mas não deixa de salientar a excelente exibição dos seus comandados.

De salientar que os nosso juniores venceram Malta (2-0 e 6-0) e derrotaram a Áustria (3-0) perdendo os restantes três encontros e classificando-se na 3.ª posição. Malta perdeu os cinco encontros realizados sem marcar qualquer golo e italianos e austríacos estão já apurados para a fase final.

O encontro foi dirigido pelo árbitro jugoslavo Sostaric e as equipas alinharam:

ITÁLIA: Limonta; Ferrara, Maldini, Zanutta e Pozzoni (Manzo, 53); Zanoncelli, Baiano (Mandelli, 70), Piacentini e Impallomeni; Carrara e Lerda.

PORTUGAL: Carlos Alberto; Zé Carlos, Festas, Vítor Chow e Cabral; Paulito, Pires (Sérgio Barros, 46), Nelinho e Nelson (Gastão, 60); Zé Nando e António Maria.

Taça de Portugal: Marítimo - Chaves realiza-se amanhã

Os 32 «sobreviventes» vão disputar no próximo sábado a 4.ª eliminatória (1/16 final) da Taça de Portugal. Todos os encontros se realizam às 15 horas exceptuando o Marítimo - Chaves que terá lugar pelas 21 horas da amanhã, no Funchal. Eis o «programa» futebolístico para sábado;

Vieira - Peniche, Torriense -Lixa, Belenenses - Vitória de Setúbal, Lusitânia - Paços de Ferreira, Guimarães - Amarante, Benfica - Vialonga, Futebol Clube do Porto - Estoril, Vianense - Braga, Sporting -União de Coimbra, Penafiel -Almeirim, Académica - Almada, União - Paredes, Varzim - Farense, Valdevez - Barreirense e Rio Ave - Portimonense.

Entretanto, o sorteio para a eliminatória seguinte será efectuado no Hotel Fénix, pelas 18.30 horas da próxima quarta-feira e os jogos serão realizados no dia 12 de Fevereiro (desempates no dia 26).

Outra vez o sr. Langenhove!

Afigura-se-nos haver alguma desatenção dos responsáveis do sector de arbitragem da UEFA (tal como da FIFA) já que depois da vergonhosa actuação do belga Van Langenhove quando em Barcelona «derrotou» o FC Porto não se compreende a sua nomeação para dirigir o Dukla-Benfica. Vamos aguardar e oxalá aquele cidadão belga confirme categoria e desminta o resto...

Entretanto, estão nomeados outros árbitros para as competições europeias, entre os quais alguns portugueses (que a UEFA começa a distinguir e a FIFA a ignorar): **Taça das Taças:** Benfica-Dukla (Kirechen, da RDA); **Taça UEFA:** Sporting-Colónia (Courtney — Inglaterra), Colónia-Sporting (Casarin — Itália) e Waregen-Hajduk (Rosa Santos). **Europeu de Juniores:** Espanha-Jugoslávia (Carlos Valente) e **Campeonato Feminino:** Espanha-Hungria (Mário Luís).

Indisciplina e violência

Agressões a soco aos árbitros, injúrias e invasões de campo fazem parte do rol de incidentes — 16 no total — registados no último fim-de-semana pela GNR nos campos de futebol do País.

De entre outros casos destaca-se do relatório da GNR a agressão a murro de que foi vítima o juiz da partida entre o São Pedro da Cova e o Sport Clube de Gondomar, cujo carro pessoal foi também apedrejado no final do prélio.

Por seu lado o árbitro do encontro Vila Chá-Desportivo Vilar (zona do Porto) deu o mesmo por terminado aos 38 minutos da segunda parte por se ter verificado a invasão do campo por parte dos espectadores, motivada por agressões em série entre os jogadores.

No encontro Lixa-Marco a GNR procedeu à identificação de um espectador por injúrias aquela corporação e de um dirigente desportivo por agressão a um dos juízes de linha.

Por outro lado no final do desafio entre os juvenis do Repeses (Viseu) e do Boavista, alguns adeptos da equipa visitada, não satisfeitos com a actuação do árbitro, tentaram invadir as cabinas, no que foram impedidos pela força da GNR presente no local.

Por último registe-se a pedrada que atingiu um dos fiscais de linha do jogo Fermentelos - Anadia (Aveiro), lançada por um espectador que os agentes da GNR não lograram identificar.

Ruben Garcia em Cabinda

O argentino Ruben Garcia é o novo técnico da equipa do Futebol Clube de Cabinda, anunciou José Manuel, chefe do departamento de futebol daquele clube angolano.

Ruben Garcia desde alguns anos mantém contactos com o futebol angolano, quer a nível de clubes quer de selecções nacionais, fez uma excelente carreira no Primeiro de Maio de Benguela, campeão nacional, equipa com a qual venceu a primeira edição da Taça de Angola, em 1982. Garcia substitui o jovem treinador angolano José Luís, sob cujo comando técnico o Futebol Clube de Cabinda ascendeu este ano, pela primeira vez na sua história, ao escalão maior do futebol nacional, e será igualmente o primeiro representante daquela província no campeonato nacional da primeira divisão.

V. Setúbal - Guiné-Bissau: empate no Bonfim

O Vitória de Setúbal e a selecção de futebol da Guiné-Bissau empataram a dois golos em jogo particular de futebl disputado no Estádio do Bonfim.

Os golos dos sadinos foram marcados por Celso Maciel e os tentos guineenses foram apontados por Simão Lopes e por Vicente, do Vitória, na própria baliza.

Assim vai o totobola

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 4/86 DE 26 JANEIRO 86

Jornal da Lixa, 121 122 11X 11X1; No Estúdio e no Estádio, X21 1X1 12X X211; Jornal de Amarante, 121 111 11X 1121; Penalti, 12X 122 112 2211; Notícias de Guimarães, 12X 1XX 122 1X21; Defesa de Espinho, 122 11X 122 X221; A Comarca de Arganil, 12X 111 1X2 1XX1; Guia do Apostador, 12X X1X 1X2 1X11; Rádio Sports, 122 111 XX1 X221; Voz do Ave, 12X X11 1X2 1111; Gazeta de Felgueiras, 12X 1XX 1X1 111X; Ecos de Cacia, 121 X2X 12X 1X21; Horizonte, 121 1XX 112 1111; Correio de Coimbra, X22 X11 112 1XX1; Rádio Altitude, 121 111 111 X121; Notícias de Gouveia, 122 1X2 1X2 112X; Litoral, 12X 22X 11X 1X2X; Notícias de Felgueiras, X2X XXX 1X2 1X21; Jornal de Felgueiras, 12X 12X 1XX 1121; Diário de Lisboa, 12X 1X2 1XX 11XX; A Voz das Beiras, 12X 112 122 X1X2; Clube da Manhã, 122 1X2 X2X 212X; Manhã, Manhã, 12X X2X 112 1X21; Secção Desportiva, 122 X22 11X 1221; Tempo de Desporto, X2X 1X2 1X1 1X21; Reconquista, 12X X21 122 1111; Eu Sei Tudo, X2X X22 1XX 1X11; O Mensageiro, 12X 11X 112 1121; Maria da Fonte, 122 111 11X 1221; Jornal de Santo Tirso, 121 1X1 11X 1X2X; Gazeta das Caldas, 12X 1XX 11X 1X21; Jornal de Sintra, X21 1X2 122 1121; O Algarve, 1XX X22 1X2 11XX; Folha do Domingo, 121 12X 1X1 X221; A Defesa, 122 X2X 11X 1221; Linhas de Elvas, 221 2X1 1X2 1211; Jornal da Beira, 122 X21 11X 11X1; A Voz do Domingo, 12X 122 111 1111; Fim de Semana Desportivo, 12X 111 112 1X11; Jornal do Fundão, 12X X2X 1XX X1X1; O Diário, 122 212 112 XX21; Correio do Vouga, 122 111 111 21X1; Voz de Lamego, 121 X12 122 121X; Panorama Desportivo, 12X X21 1X2 1XX1; Pôr do Sol, X22 X21 1X2 X2X1; Rádio Totobola, 12X X22 1X2 1X11; Pôr do Sol, X22 1XX 112 1X11; Rádio Guarda, XX2 111 2X2 X111; Notícias de Chaves, 122 XXX 1X2 XXX1; RR/Desporto, 12X 121 1X2 1211; Diário do Desporto, X22 XXX 12X XX11; Bola Branca, 12X 121 1XX 1X11; A Arte de Bem Madrugar, 1X1 X1X 12X 11X1; Diário de Coimbra, 1XX 1X1 11X 1X11; Dribling, 12X XXX 1X1 XX11; Jornal 1X2, 12X 1XX 12X X221; Comércio de Leixões, 121 1XX 1XX 21X1; De Tudo Um Pouco, 12X 1XX 1X1 X1X1; Jornal de Gaia, XX1 X2X 1XX 2X11; Jornal da Graça, 12X 12X 111 XX1X; Jornal de Notícias, 121 11X 1XX 1XX1; O Primeiro de Janeiro, 122 122 11X 122X; Quadrante Norte, 121 111 11X X2X1; Repórter do Dia, 12X 1X1 11X 1121; Resenha Desportiva, 12X 1XX 1X2 1X21; Alvo Desportivo, 12X XXX 1XX X1X1; Rádio Alvo, 1X1 1X1 1X1 11X1; Alvo, 12X 111 112 1111; Alvo Suplemento, X2X X2X 12X X121; A Voz dos Ridículos, 121 222 111 2221; Rádio Placard, 122 12X 112 1XX1; Estúdio 64, 121 111 1X2 X121 e O Jogo, 12X 1XX 1X2 1221.

	RESUMO 1	X	2	BOLAS (*) 1	X	2
1. Belenenses-Setúbal	60	12	1	9	2	1
2. Vianense-Braga	0	6	67	1	1	11
3. Rio Ave-Portimonense	19	36	18	3	6	3
4. Varzim-Farense	45	24	4	7	4	1
5. Vieira-Peniche	21	26	26	4	4	4
6. Valdevez-Barreirense	25	31	17	4	5	3
7. Barcelona-A. Bilbau	70	2	1	10	1	1
8. Hércules-Sevilha	28	32	13	5	5	2
9. Valhadolid-A. Madrid	12	29	32	2	5	5
10. Celta-Santander	47	20	6	8	3	1
11. B. Dortmund-Colónia	29	27	17	5	5	2
12. Leverkusen-Hamburgo	23	20	30	4	3	5
13. Bochum-Mannheim	62	10	1	10	1	1

(*) – Nos termos do Art.º 14.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A «chave» lógica será:
12X 1 X ou 2 X 1X2 1121

Bibliografia desportiva

«Futebol em revista»

O n.º 16 da 4.ª série de «Futebol em revista», editado pela Federação da modalidade, inclui (como é habitual) larga matéria de autores estrangeiros mas, também, textos do presidente federativo, Silva Resende («Mensagem») e do jornalista Aurélio Márcio («A vitória que abalou o mundo») o que já reflecte uma melhor valorização de portugueses num sector da bibliografia desportiva carecido de concorrência.

Assuntos de interesse estão na revista dirigida por César Grácio, secretário-geral do organismo que rege o futebol português: «Pedagogia desportiva», «Medicina desportiva», «Metodologia do treino» e «Arbitragem desportiva»

«Eles e elas»

Os parabéns a Maria da Luz Bragança: a revista que dirige «Eles e Elas») ganha força e projecção, chegando agora aos mais diferentes públicos, mercê da distribuição da Interpress, do esmero gráfico com que é apresentada (tarefa saliente do Gabinete 1) e de um conteúdo rico em matérias que cativam o leitor. Nos números mais recentes e no tocante a temas desportivos, muita relevância para reportagens sobre automobilismo no Estoril e Salão Automóvel de Frankfurt, mais a história de Marinho (o ex-futebolista que está agora como um dos adjuntos do seleccionador nacional José Torres).

Rali Monte Carlo

Mudança de pneus provoca mudança de comando

• *Salonen sucede a Toivonen*

O campeão mundial Timo Salonen (Finlândia), ao volante de um Peugeot, assumiu o comando do Rali de Monte Carlo, tendo agora um avanço de 33 segundos sobre o seu compatriota Henri Toivonen, em Lancia.

Salonen arrebatou a liderança da prova a Toivonen na 23.ª classificativa quando o piloto da Lancia perdeu tempo precioso na mudança de pneus.

Classificação: 1.º Timo Salonen (Finlândia) Peugeot, seis horas, 55 minutos e 22 segundos; 2.º Henri Toivonen (Finlândia) Lancia, a 33 segundos; 3.º Massimo Biasion (Itália) Lancia, a 1.52 minutos; 4.º Hannu Mikkola (Finlândia) Audi, 3.54; 5.º Walter Rorhol (RFA) Audi, a 7.51; 6.º Juha Kankunnen (Finlândia) Peugeot, a 21.33; 7.º Bruno Saby (França) Peugeot, a 24.45; 8.º Salvador Servia (Espanha) Lancia, a 36.01; 9.º Alain Oreille (França) Renault, a 51.58; 10.º Eriksson (Suécia) VW, a 54.16.

Salonen é o novo líder do «melhor rali» do Mundo

Paris-Dakar termina sem festa

A dupla francesa René Metge/Dominique Lenoyne, em Porsche 959 confirmou o favoritismo do Rali Paris-Dakar, vencendo a prova marcada nesta sua edição pela morte do seu organizador Thierry Sabine.

Na categoria de motos a vitória foi para o francês Cyril Neveu em Honda. A marca nipónica dominou por completo neste sector, ocupando as três primeiras posições. Refera-se que cerca de 100 dos 487 concorrentes que iniciaram a prova a 1 de Janeiro conseguiram completar os 12 700 quilómetros do rali.

Milhares de pessoas receberam na capital senegalesa os resistentes do rali, que ao contrário do habitual, não tiveram desta vez o tradicional ar festivo que Sabine tinha sempre nesta ocasião.

Sabine, faleceu juntamente com mais três passageiros do helicóptero que embateu violentamente numa duna no deserto do Mali.

Classificação final:

Motos: 1.º Cyril Neveu (França / Honda-Rothmans) 72h 49.18; 2.º Gilles Lalay (França / Honda-Rothmans) a 11.01; 3.º Andrea Balestrieri (Ita/Honda) a 2h 14.50; 4.º Thierry Charbonnier (Fra. /Yamaha- Gauloises) a 3h 02.44; 5.º Alessandro de Petri (Ita./Honda) a 3h 33.09; 6.º Eddy Orioli (Ita./Honda) a 3h 56.40; 7.º Andrea Marinoni (Ita./Yamaha) a 4h 14.51; 8.º Eddy Hau (RFA/BMW--Malboro) a 4h 46.54; 9.º Franco Picco (Ita./Yamaha) a 7h 20.43; 10.º Carlos Mas (Esp./Yamaha) a 9h 03.41.

Automóveis: 1.º René Metge-Dominique Lamoyne (França/Porsche) 41h 26.45; 2.º Jacques Ickx - Brasseur (Bel.-/Fra./Porsche) a 1h 45.57; 3.º Rege - Mwdret (Fra.-/Mitsubishi) a 4h 59.19; 4.º Martigue - Giroux (Fin./Lada) a 7h 33.02; 5.º Kussmaul - Unger (RFA./Porsche) a 7h 38.39; 6.º Cowan - Syer (Gbr./Mitsubishi) a 7h 40.33; 7.º Zaniroli - Dasilva (Fra./Mitsubishi) a 14h 37.49; 8.º Gabreau - Pipat (Fra./Range Pastis 51) a 14h 48.45; 9.º Bouhcet - Villepigue (Fra./Toyota) a 17h 10.13; 10.º Gierst - Bouvy (Bel./Range) a 19h 42.57.

Andebol

Muito bem, Portugal!

João Gonçalves, com cinco tentos, foi o melhor marcador da selecção portuguesa que perdeu frente à Roménia por 21-19 na jornada inaugural do torneio internacional de Andebol de Serdika, Bulgária.

A turma das quinas, orientada por Manuel Manita, deu forte réplica aos romenos, tendo chegado ao intervalo a perder pela margem mínima de um golo (8-7).

Portugal, que se prepara para o mundial do grupo «C» em Lisboa, realizou uma boa exibição, sobretudo a defender, com destaque para a actuação do guarda-redes Carlos Silva. «O resultado foi excelente» —disse Manuel Manita, salientando que a Roménia é uma das grandes «potências» na modalidade, possuindo jogadores de grande envergadura física.

A equipa portuguesa defronta a selecção júnior da Bulgária na segunda jornada marcada para hoje.

Portugal alinhou com: Carlos Silva (Santa Bárbara); João Gonçalves (5), Mário Santos (2), Marques, Pires (3), António Morais (2), Jorge Rodrigues (3), Luís Miguel, Mário Gentil (1), José Cabaço (1) e Luís Lopes (2).

Outros resultados: RDA-Polónia: 21-14 e Bulgária «A»--Bulgária «J»: 25-18. Esta tarde além do nosso jogo com os juniores da Bulgária jogarão Bulgária «A»-Polónia e RDA--Roménia.

João Gonçalves: cinco golos

—Microscópio—

Vamos nadar em Barcelona

Representações de Portugal, Itália e Cuba confirmaram já a sua participação no torneio Cidade de Barcelona, de natação, a realizar a 15 e 16 de Fevereiro, a prova tem este ano a presença de algumas das equipas mais fortes da Europa (como a da República Federal da Alemanha) e, pela 1.ª vez, tem o apoio económico da Federação Espanhola de Natação. Para a maioria das selecções, o torneio vai servir como treino para o campeonato do Mundo.

«Sindepescas» organiza corrida de aniversário

O Sindepescas vai realizar, no dia 16 de Fevereiro, uma prova de Atletismo na distância de 9000 metros e no percurso entre o Cais da Ribeira e Algés, junto ao edifício do I.N.I.P.

Ténis: Taça da Europa Portugal averba derrota

Portugal perdeu por 3-0 com a Bulgária, na primeira jornada da Taça da Europa de Ténis por equipas (antiga Taça Rei da Suécia), disputada na cidade norueguesa de Bergen.

Resultados da primeira jornada:

Primeira Divisão (jogos em Londres): Suíça-Itália, 3-0: **Segunda Divisão** (Helsínquia): Irlanda-Bélgica, 3-0 e Áustria--União Soviética, 2-1. **Terceira Divisão** (Bordéus): Espanha--Mónaco, 3-0 e **Quarta Divisão** (Bergen): Polónia-Chipre, 3-0; Bulgária-Portugal, 3-0.

Na sua agenda

Esta noite: FP Boxe em assembleia

Com vista à eleição dos futuros corpos gerentes, vai realizar-se esta noite (primeira convocatória marcada para as 21 horas) a assembleia geral da Federação Portuguesa de Boxe que decorrerá na sede daquele organismo.

PLANORMA - PLANEAMENTO, ARQUITECTURA, NORMALIZAÇÃO, LIMITADA

MA./A-69

Certifico narrativamente, para efeitos de publicação, que por escritura de 15 de Janeiro corrente, lavrada de fls. 90v.º a 92v.º do livro de notas para escrituras diversas n.º 177-D, do 12.º Cartório Notarial de Lisboa, a cargo da notária lic. Lídia Rodrigues Maia Devesa, os únicos sócios entre quem ficou a existir a sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, com a denominação em epígrafe e sede em Lisboa, José Manuel Charters Monteiro Conceição e Maria Fernanda Gonçalves Charters Monteiro, alteraram parcialmente o respectivo pacto social, substituindo a redacção do seu artigo quarto pela seguinte:

QUARTO

A gerência e administração da sociedade, bem como a sua representação em juízo e fora dele, activa e passivamente, ficam a cargo do sócio José Manuel Charters Monteiro Conceição, desde já nomeado gerente, com dispensa de caução e com ou sem remuneração, conforme for deliberado em assembleia geral, sendo suficiente a sua assinatura para obrigar validamente a sociedade em todos os seus actos e contratos.

Está conforme – Lisboa e Décimo Segundo Cartório Notarial, aos dezasseis de Janeiro de mil novecentos e oitenta e seis.

O ESCRITURÁRIO SUPERIOR
(Maria Antonieta Carneiro da Silva Sucena)

«D.L.» – 23/1/1986

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA

ANÚNCIO

PROCESSO N.º 70/83
C.I.T.

FAZ SABER, que pelo 5.º Juízo – 2.ª Secção, do Tribunal do Trabalho de Lisboa, sito na Avenida Casal Ribeiro, 48-2.º em Lisboa, correm seus termos uns autos de Contrato Individual de Trabalho, registados sob o n.º 70/83, em que são partes, como autor, FERNANDO JOAQUIM PACHECO SOUSA, residente em Abas da Raposeira, n.º 25 – Trafaria – Almada e como ré a UNIAÇO – Industrias e Representações, Ld.ª, com última sede conhecida na Rua de Santa Marta, n.º 62-3.º em Lisboa e actualmente em parte incerta, fica esta última notificada, para comparecer neste Tribunal, no dia 24 do mês de Junho de 1986, pelas 14.30 horas, a fim de se proceder a audiência de discussão e julgamento nos autos acima indicados, bem como de que deverá apresentar as suas testemunhas na audiência de julgamento e de que a sua comparência é obrigatória.

Lisboa, 15 de Janeiro de 1986
O JUIZ DE DIREITO
Álvaro de Azevedo Soares

A ESCRITURÁRIA
(assinatura ilegível)

«D.L.» – 23/1/86 – 1.ª Pub.

Rosa Santos com "nota alta" no Espanha-União Soviética

A Espanha venceu a União Soviética por 2-0, em jogo de preparação para o Mundial de Futebol México-86, realizado em Las Palmas, com golos da autoria de Julio Salinas (25 minutos) e Eloy (85).

A selecção espanhola foi a que exerceu maior domínio ao longo dos 90 minutos do jogo, arbitrado pelo juiz português **ROSA SANTOS**, que mostrou um cartão amarelo ao soviético Morozov, por carga a Chendo.

Os dianteiros espanhóis criaram mesmo oportunidades de golo que justificavam um resultado mais volumoso, embora a URSS também tenha estado à beira de marcar sobretudo depois do 1-0 e até ao fim da primeira metade.

As duas equipas apresentaram as seguintes formações:

ESPANHA: Zubizarreta; Tomas (Chendo, aos 46), Goicoechea, Maceda e Julio Alberto; Victor, Michel, Francisco (Setien, aos 46 minutos) e Caldere; Julio Salinas (Senor, aos 64) e Butragueno (Eloy, 77).

URSS: Dasaev; Morosov, Chivadze, Demianenko e Bubnov; Bessonov, Gotsmanov (Litovchenko, 77), Cherenkov (Kuznetsov, 60) e Zavarov (Zigmantovich, 50); Dimitriev (Kondratiev, 56) e Blokhin.

Brasil irá «jogar bonito»

A principal arma da selecção brasileira no Mundial do México vai ser o futebol-arte, ou «jogo bonito», a especialidade dos futebolistas do país — afirmou Telé Santana.

O treinador da selecção «canarinha» revelou que 70 por cento dos futebolistas que vai convocar estiveram presentes no Mundial de Espanha, em 1982, entre eles Edinho, Júnior, Cerezo, Zico, Leandro e Sócrates.

Sobre a preparação, a iniciar-se em 17 de Fevereiro, Telé Santana disse que os jogadores vão ser submetidos a intenso trabalho físico de «astronautas», além dos jogos com selecções estrangeiras, entre elas a Alemanha Federal, Hungria e Inglaterra, tanto em estádios brasileiros como estrangeiros. O técnico brasileiro referiu também que vai reunir nos próximos dias com os mais importantes treinadores do país, conhecer a sua opinião sobre os jogadores que devem integrar a selecção.

Espanha gastará noventa milhões

O orçamento da selecção espanhola para a primeira fase do Mundial do México é de 90 milhões de pesetas (cerca de 90 000 contos) – anunciou José Luís Roca.

O presidente da Federação Espanhola de Futebol acrescentou que o orçamento cobre o período compreendido entre 5 de Maio, data da partida para o México da delegação espanhola e 12 de Junho, dia em que termina a primeira fase do México-86.

A verba inclui os gastos de deslocação e estadia de futebolistas e técnicos e ainda as despesas com viagens das mulheres de alguns jogadores.

Teatro Laboratório de Faro

O Teatro Laboratório de Faro, vai estrear no próximo dia 3 de Fevereiro em Faro o «Auto da Índia» de Gil Vicente, com encenação de Isabel Pereira e João Soromenho, cenografia de Eduardo Coutinho e interpretação de Rosa Estêvão, Isabel Pereira, João Soromenho, Artur Mendes da Silva e Alexandre Parracho.

Esta conhecida farsa vicentina em torno do adultério é tratada pelo Teatro Laboratório de Faro de forma a privilegiar os elementos caracterizadores da conjuntura sociocultural onde a acção tem lugar.

O espectáculo foi concedido para a itinerância, prevendo-se que venha a percorrer todo o Algarve e ainda algumas localidades do Alentejo. Os destinatários do «Auto da Índia» são (para além do já habitual público do T.L.F.) os alunos dos estabelecimentos do ensino secundário.

Escultura em Évora

O Centro Cultural de Évora criou recentemente, no âmbito das suas actividades o Departamento de Escultura e Pedra cuja direcção artística se encontra confiada ao escultor João Cutileiro.

O Departamento, que iniciará brevemente a montagem das respectivas oficinas, em colaboração com a Câmara Municipal de Évora, além de exposições e certames de vária ordem desenvolverá uma larga actividade formativa organizando estágios e cursos de diverso grau, orientados por Cutileiro e outros artistas da sua equipe.

O Departamento de Escultura e Pedra do Centro Cultural de Évora inicia a sua acção com uma exposição de trabalhos que deverão ser entregues até 31 do corrente mês de Janeiro no Teatro Garcia de Resende, em Évora ou na Sociedade Nacional de Belas-Artes, Rua Barata Salgueiro N.º 36, em Lisboa.

O júri de qualificação e, se necessário, também de selecção, é constituído pelo escultor João Cutileiro, pela dr.ª Maria Alice Chicó, dos Serviços Culturais da Câmara Municipal e pelo dr. Mário Barradas, director do Centro.

O prémio a atribuir consiste na entrega de 50.000$00 em materiais e ferramentas e na possibilidade, se o autor premiado o desejar, de seguir um estágio de três meses nas oficinas de Cutileiro, em Évora.

A'exposição a que foi dado o título genérico de «Novos Escultores» não se destina preferencialmente a iniciados ou principiantes mas a todos os artistas, independentemente da idade, que considerem estimulante a experiência de participação que lhes é proposta.

As célebres meninas de João Cutileiro

João Cutileiro trabalha a pedra

Actor soviético critica sistema de produção:

O actor de cinema soviético Nikolai Kriushkov criticou o sistema de produção cinematográfica do seu país em entrevista ao semanário cultural «Literaturnaya Gazeta».

Kriushkov, 75 anos, insurge-se contra os filmes medíocres em excesso e prognostica: tendo em conta o modo de trabalhar dos responsáveis pelo cinema e a situação na produção cinematográfica, nenhum remédio pode vir em socorro da Sétima Arte na União Soviética.

Há, na opinião do actor, uma só solução e essa consiste numa intervenção de tipo cirúrgico contra os autores de maus filmes e contra quem os encoraja.

Kriushkov denuncia ainda as cunhas e onepotismo, práticas correntes — assinala — entre os trabalhadores do sector cinematográfico, os quais levam os filhos para a profissão.

Apelando para um maior civismo nesta matéria, o actor preconiza, por outro lado, a reforma do sistema de ensino nos institutos superiores de cinema da União Soviética.

Rão Kyao está a preparar espectáculo para o Coliseu

«O coco é quase redondo» e deu tema para uma faixa de Rão Kyao no seu último álbum «Oasis». Também o Coliseu é circular e foi o local escolhido para dois espectáculos, nos dias 31 de Janeiro e 1 de Fevereiro, em que a flauta será vedeta e um corpo de artistas completará a iniciativa. É o caso de Manuel de Almeida, a guitarra portuguesa de António Chainho e 16 dançarinos da Companhia de Dança de Lisboa, mais Jorge Machado e a sua orquestra.

No fundo, do que se trata é da primeira iniciativa da «Ai, Música», que promete momentos de qualidade. Para tanto, Rão Kyao já programou a apresentação de alguns trabalhos inéditos, sempre com a flauta de bambu a inspirar o espectáculo. Mas, deve atender-se a uma declaração de Rui Horta, o coreógrafo «de serviço», que se refere à obra do músico como sendo «muito coreografável». «Atinge tão facilmente o contemplativo com a festa» — diz, ele, que nunca foi ao Coliseu «porque recusei sempre». Só que, «desta vez estou fascinado».

Claro que o motivo de toda esta mexida é o facto de «Oasis», editado no final do ano passado, já ser disco de prata. Mas, porque também vão dar temas para estes dois espectáculos no Coliseu, não pode esquecer-se que «Fado Bailado», de 1983, e «Estrada da Luz», de 1984, rapidamente tinham chegado à posição de discos de platina.

CINEFILME

ANDREI RUBLIOV

a obra-prima de ANDREI TARKOVSKI

A Rússia eterna:
mística e crueldade
dor e fé
paixão e deslumbramento

3 SESSÕES – 14.30, 18,15 e 21.30 h

EM EXIBIÇÃO

CINEMA NºGOLA

NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 13 ANOS

a nova vedeta italiana

Laura Morante

num filme diferente e original de
NANNI MORETTI

nos bastidores do cinema nem tudo são

SONHOS DE OURO

SOGNI D'ORO

ESTREIA AMANHÃ

M/12 ANOS

quarteto

ÀS 14.30

FILMES OCIDENTE

COMUNA - TEATRO DE PESQUISA

HOJE AS 21.30H TEL 726 08 18 5º MES

AMADIS

MAIORES 12

3 ULT ÚLTIMOS DIAS SÓ ATÉ DOMINGO EMANAS

VEJA TEATRO A PREÇOS REDUZIDOS

PATROCINIO DA F. GULBENKIAN 3.ª/4.ª e 5.ª feira PREÇO ÚNICO 150$00

de novo o CAFE-Teatro SABADOS AS 24 H

«PÓ DE PALCO»

PRAÇA DE ESPANHA • APOIOS O SETE • D.POPULAR • R.COMERCIALSUB SEC

Com teatro e feijoada

Guilherme Cossoul comemora centésimo aniversário

Elsa Andrade

Quando se faz teatro amador, nunca se é só artista. Faz-se um pouco de tudo: prega-se um prego, faz-se relações públicas e até se cozinha. Serve isto para explicar o que se passou no último sábado na Sociedade de Instrução Guilherme Cossoul que, integrado nas comemorações do seu 100.º aniversário, serviu uma feijoada à brasileira após mais uma apresentação da peça «O Rei da Vela».

No passado dia 9 de Setembro, a Sociedade de Instrução Guilherme Cossoul, instalada na Av. D. Carlos I, em Lisboa, comemorou 100 anos. A partir daí, e para festejar o acontecimento, uma série de iniciativas têm sido levada a efeito, com especial destaque para o teatro.

A peça escolhida foi «O Rei da Vela», do brasileiro Oswald de Andrade, autor pouco conhecido entre nós, mas que exerceu influência decisiva na modernização das artes e das letras brasileiras operadas por altura dos anos 20/30.

A escolha desta peça prendeu-se com a ideia principal que, segundo Hermínio Fernandes, o encenador, «é levar até ao palco autores de língua portuguesa. Para além disso, esta peça fala de um período da vida do Brasil em que as características são muito parecidas com as nossas: as contradições internas dos grupos sociais que apoia, a ruptura económica. No entanto tivemos a preocupação para que não houvesse transposições simplistas para a vida portuguesa.

A peça, habitualmente representada às sextas e sábados à noite, teve no último sábado uma apresentação especial durante a tarde, seguindo-se depois um convívio com brasileiros que estão a viver em Portugal, como é o caso de Dina Sfat, que representou a mesma peça no Brasil, integrando o elenco do Teatro Oficina de S. Paulo e sob a direcção do encenador José Celso Correa Martinez.

Depois da peça, os actores vestiram-se rapidamente para passarem ao bar, onde serviram ao público uma feijoada à brasileira, onde não faltou a farinha de mandioca. Manuela Costa, uma das actrizes, apregoava os bolos: «estão óptimos, fui eu que fiz.»

Conservatório da Esperança

A Sociedade de Instrução Guilherme Cossoul foi fundada em 9 de Setembro de 1885 por 47 músicos, que em homenagem ao maestro Guilherme Cosoul criaram uma sociedade de instrução musical, virada para o estudo da música, e existe um hino «da casa» que remonta a essa época.

Meia dúzia de anos depois, o professor José Jorge da Silva fundou o primeiro grupo dramático e, a partir daí, a ideia nunca mais morreua e o noem da «Guilhas», como é conhecida a sociedade, tem sido sempre associado ao teatro.

Na década de 50/60, o teatro na Guilhas conheceu o seu período áureo. Chamavam-lhe nessa altura o «Conservatório da Esperança» e foi onde a companhia de Amélia Rey Colaço, e Rubles Monteiro foram buscar actores. De lá levaram nomes bem conhecidos do nosso teatro, como Jacinto Ramos, Varela Silva, Henrique Viana, Raul Solnado, Glicinia quartim e Gilberto Gonçalves. Foi também lá que Carlos Avilez, actualmente encenador do Teatro Experimental de Cascais teve a sua primeira experiência como encenador, na peça «A Castro», e o Grupo de Campolide, nos seus primeiros tempos de profissionalização ensaiava.

Mas foi também da Guilherme Cossoul que saíram nomes hoje conhecidos no domínio das artes plásticas. É o caso de Lima de Freitas, João Vieira e Rogério Ribeiro.

Uma cena da peça «O Rei da Vela»

Mas depois deste período áureo, a actividade morreu um pouco, apesar de várias tentativas de relançamento, até que há três anos «a coisa pegou».

Dificuldades económicas

A Guilherme Cossoul vai sobrevivendo, mas com grandes dificuldades. As únicas fontes de receitas que tem são a colectização de 400 sócios inscritos que pagam 20$00 por mês e o dinheiro conseguido através do serviço de bar.

«Este tipo de colectividade mantém-se pelo interesse das pessoas, pois não se pode contar com subsídios estatais. O nosso capital é o trabalho generoso de sócios e amigos e assim é muito difícil subsistir-se», afirma o encenador do grupo de teatro da Guilhas.

Subsídios têm sido sempre pedidos, mas nem sempre aparecem e quando chegam são insuficientes. Foi o caso de um subsídio da Câmara Municipal de Lisboa, que deu 100 contos para obras que não chegaram nem para pôr soalho novo. Recentemente foi-lhe atribuído um outro, também pela CML., de 20 contos para a montagem da peça («e que só chegou para pagar a feijoada»).

Quanto à falta de apoio por parte das entidades responsáveis, a direcção da Guilherme Cossoul comenta: «lamentamos. Mas não somos idealistas e se a cultura neste País é sempre relegada para segundo plano, mais ainda o é o teatro amador, que tem uma acção mais directa junto das pessoas. O poder não quer perder o monopólio das consciências, que domina através da televisão».

Augusto Costa salienta ainda a «necessidade imperiosa de apoios oficiais, que é a pedra basilar de tudo. Se não conseguirmos rapidamente algum dinheiro para pôr isto a funcionar chegamos a um ponto de ruptura, pois já chove nos camarins e a instalação eléctrica está muito velha e a precisar urgentemente de reparações. Estamos sujeitos a que um dia deflagre aqui um incêndio».

Projectos

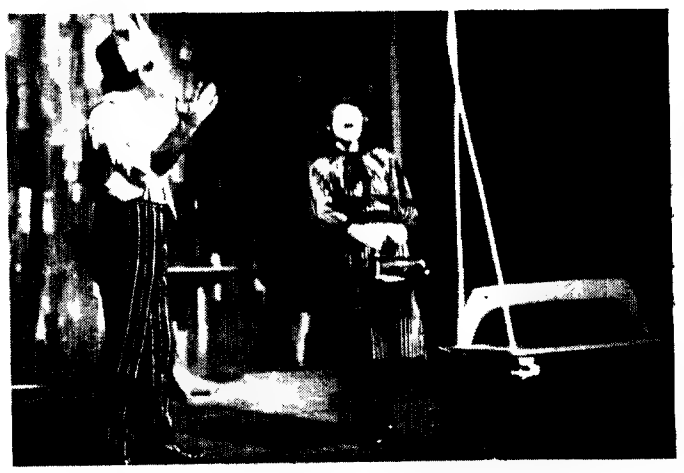
Apesar do teatro ser o ponto forte da Guilherme Cossoul, outras actividades se desenvolvem na sociedade. Até há pouco tempo existia uma secção de pesca fortíssima, mas «passou-se» para um clube da Amadora.

Mas para além disso organizam-se ainda sessões de fados e aos sábados ou domingos à tarde projecta-se cinema infantil.

A adesão das pessoas da zona é boa, mas há a salientar que os espectáculos não são pagos («quem quiser dá alguma coisa ou não dá mesmo nada»), e as iniciativas estão abertas à participação de toda a gente interessada.

Para comntinuar a comemoração do 100.º aniversário, a Guilhas pensa levar a peça actualmente em cena, «O Rei da Vela» para fora de Lisboa, e vai tentar ainda fazer uma grande festa numa sala da capital.

Outro projecto é a criação de uma classe de dança jazz para crianças, mas que só é possível se houver dinheiro para mandar arranjar o velho piano. «No fundo, o que nós pretendemos ao comemorarmos os 100 anos é dar uma nova vida à velhinha».



ROTEIRO CULTURAL

Uma pintura de Graham Walker, patente na Junta de Turismo do Estoril

Exposições

• Até ao dia 2 do próximo mês está patente ao público, na Junta de Turismo da Costa do Estoril, uma exposição de pintura do artista plástico **Graham Walker**. No catálogo da exposição, diz Robert Lyle a respeito do pintor: «Graham Walker é um pintor de paisagens, mas embora as suas pinturas tenham uma óbvia relação com o mundo exterior, elas são, de facto, paisagens interiores; elas representam um mundo de experiência e crescimento subjectivo. Para nós que somos quem olha — não é preciso pensarmos muito no que esteja acontecendo; basta olhar... Então, iremos sentir como se estivéssemos a ver e a sentir uma paisagem do mundo natural, na qual, de qualquer modo, sempre projectamos os nossos pensamentos e sentimentos, nesse processo de sermos 'um com o mundo'».

• Na Galeria Almada Negreiros (Av. da República, 16, em Lisboa) inaugura-se esta tarde, pelas 18 horas, a exposição «**Buenos Aires, Seus Escritores, Artistas e Arquitectos**». Perspectiva urbanística, sociológica e cultural sobre a capital da Argentina, esta exposição conta com o apoio da Embaixada da República da Argentina em Lisboa. Através de uma trajectória arquitectónica, desde a sua fundação até à actualidade, observam-se as principais transformações que marcaram a imagem de Buenos Aires como uma cidade moderna.

• Geralmente considerada a mais europeia das urbes latino-americanas, é da confluência de estilos, tradições e estéticas diferenciadas que a vitalidade da capital Argentina mais sobressai, através das propostas inovadoras da geração de arquitectos da chamada escola de Buenos Aires.

• «Paisagens das Terras do Monte e da Pele» é o tema de exposição que **Carlos Nogueira** tem patente ao público desde o dia 21 na Galeria Diferença, na R. Filipe Néri, em Lisboa.

Música

• **Rui Veloso** e a sua banda dão esta noite, a partir das 21.45 horas, um espectáculo no Teatro Académico de Gil Vicente, em Coimbra.

• No Hot Clube de Portugal, à Praça da Alegria, tem lugar esta noite, em dois «set's» pelas 22.30 e 0.30 horas, um **espectáculo de jazz** por Jorge Reis (sax alto), Eddie Goltz (guitarra), David Gausden (contrabaixo) e Carlos Vieira (bateria).

• Para quem gosta de **música electrónica**, realiza-se esta noite, na Discoteca Coconuts, em Cascais, um espectáculo pelo músico Tó Neto, coreografado pelo grupo Artefacto, da Comuna.

• No Café-Teatro da Comuna, como vem sendo hábito todas as sextas-feiras, realiza-se amanhã a partir das 23.30 horas, um espectáculo de música ao vivo, desta vez com o grupo «**Camisa Amarela**», Luís (viola), Cláudia (voz e percussão), Márcio (voz e cavaquinho) e Rui (percussão) interpretam temas da música brasileira.

Cinema

• Integrado no ciclo de homenagem ao realizador argentino **Leopoldo Torre Nilsson** que a Cinemateca está a levar a efeito nas suas instalações, na Barata Salgueiro, em Lisboa, é hoje projectado pelas 21.30 horas o filme «La Mano en la Trampa», realizado em 1960.

• No Instituto Alemão de Lisboa é exibido pelas 18.30 horas o filme «Winterspelt», realizado em 1978 por **Eberhard Fechner**, segundo o romance homónimo de Alfred Andersch.

• O curso «**O Cinema Neo-Realista Italiano**», organizado pelo Centro de Estudos Judiciários prossegue esta tarde pelas 18.30 horas nas instalações do Instituto Português de Cinema, onde Luís de Pina comenta o filme «Ladrões de Bicicletas», de V. de Sica.

CINEMA

Uma cena do filme «Movimento em Falso», realizado por Wim Wenders, com Anna Schygulla, Nastassja Kinski e Rüdiger Vogler. Em exibição no Cinema Quarteto.

Alfas Triplex
— T. 806496

Alfa 1
REGRESSO AO FUTURO
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa 2
A FLORESTA ESMERALDA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 3
COTTON CLUB
(maiores 16 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h

Alfa Club
T. 763319
A CHORUS LINE
(maiores 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Shopping Center de Lisboa

Amoreiras 1
REGRESSO AO FUTURO
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 2
BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES
(para todos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 23.30 h

Amoreiras 3
SILVERADO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Apolo 70
COTTON CLUB
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 4.00 h

Avila
— T. 539930
JUSTICEIRO SOLITÁRIO
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.10 e 21.45 h

Avis
— T. 547163
AMÉRICA VIOLENTA
(maiores 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna
— T. 776098
O MISTÉRIO DE UM RAPTO
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Caleidoscopio
— T. 795093
BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES
(para todos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Capitolio
— T. 372358
O MUNDO PORNO DE DUAS IRMÃS
(Int. 18 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil
T. 530194
O QUE PROMETO... NÃO FAÇO!
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Cinebloco
— T. 556824
AMERICAN GIGOLO
(Não acons. men. 18 anos)
14.30, 16.45 e 19.00 h
OS AMANTES DE MARIA
(maiores 16 anos) 21.30 h
OS CAVALOS DE VALDEZ
(int. 13 anos)
24.00 h

Cine Camões
T. 324194
O GRANDE ATAQUE DO DRAGÃO
(não acons. men. 13 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Cinemateca
Homenagem a Leopoldo Torre Nilsson
LA MANO EN LA TRAMPA
(maiores 12 anos)
(legendado em inglês)
21.30 h

Cine 222
— T. 579460
LARANJA MECÂNICA
(int. 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
ENCONTRO FATAL
(n/acons 18 anos)
24.00 h

Cine Portela
— T. 2524761

Estudio Anusha
SEM DEIXAR RASTO
(maiores 12 anos)
16.00 e 21.45 h

Estudio Sheza
O CÓDIGO DO SILÊNCIO
(maiores 12 anos)
15.30 e 21.30 h

City Cine
— T. 549999
ROSA PÚRPURA DO CAIRO
(int. 6 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
FIRE FOX
(int. men. 13 anos)
23.45 h

Condes
— T. 322523
COMANDO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Eden
— T. 320768
OS GIGANTES DE ROMA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio
— T. 555134
A LENDA DA FLORESTA
(M. 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estudio ACS
— T. 887255
ATALHOS
(maiores 13 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estudio 444
— T. 768078
«NÓS TRÊS – MOZART EM ITÁLIA»
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Fonte Nova
— T. 7145109

Sala 1
JAMES BOND 007 — ALVO EM MOVIMENTO
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

Sala 2
TYGRA – O FOGO E O GELO **(maiores 6 anos)**
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Sala 3
THOR, O CONQUISTADOR
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Forum Picoas
— T. 541037
"CARMEN"
de Carlos Saura
(maiores 12 anos)
19.00 e 21.30 h

Gemini
— T. 734009
REGRESSO AO FUTURO
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Hollywood
— T. 802859

Sala 1
COMANDO
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.45 h

Sala 2
COCOON — A AVENTURA DOS CORAIS PERDIDOS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 18.45, 21.30 e 24.00 h

Império
— T. 555134
OS ESPECIALISTAS
(maiores 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas
— T. 631162

Sala 1
COMANDO
(maiores 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Sala 2
A HONRA DOS PADRINHOS
(maiores 16 anos)
15.30, 18.45 e 21.45 h

Londres
— T. 801313
A HONRA DOS PADRINHOS
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Mundial
— T. 538743
DAS ARDENAS AO INFERNO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Nimas
— T. 574362
COTTON CLUB
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Odeon
— T. 326283
A JUSTIÇA DO DRAGÃO
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Olimpia
T. 325309
AS FÉRIAS SEXUAIS EM ST.ª TROPEZ
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
Filme pornográfico

Pathé
— 821933
DR. JENKEIL GOSTA DELAS QUENTES
(maiores 13 anos)
14.00, 16.30 e 21.30 h
O HOMEM DA PISTOLA DE OURO
(maiores 13 anos) 24.00 h

Politeama
T. 326305
OS ESPECIALISTAS
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto
T. 771378

Sala 1
COTTON CLUB
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
O SARGENTO NEGRO
(maiores 18 anos) 24.00 h

Sala 2
A CASA E O MUNDO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
O DIA DA VIOLENCIA
(maiores 13 anos) 24.00 h

Sala 3
NOME: CARMEN
(maiores 16 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.30 e 23.30 h
A MULHER EM CHAMAS
(maiores 18 anos)
00.45 h

Sala 4
MOVIMENTO EM FALSO
(maiores 12 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h
O INQUILINO
(maiores 18 anos)
23.30 h

N'Cola
ANDREI RUBLIOV
(não acons. men. 13 anos)
14.30, 18.15 e 21.30 h

Restelo
T. 610375
GLORIOSOS MALUCOS DA ACADEMIA DO VOLANTE
(maiores 12 anos)
15.30 e 21.30 h

Cinema Rex
UTU, O ÚLTIMO GUERREIRO
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45 h
JE VOUS SALUE MARIE
(m. 16 anos)
19 e 21.30 h

Roma
T. 889192
RAMBO — A VINGANÇA DO HERÓI
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Roxy
T. 548560
O SEGREDO DA CAVERNA FANTASMA
(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge
T. 579144

Sala 1
REGRESSO AO FUTURO
(maiores 6 anos)
15.30, 18.30 e 21.15 h

Sala 2
COCOON — A AVENTURA DOS CORAIS PERDIDOS
(maiores 6 anos)
14.00, 16.45, 19.00 e 21.45 h

Sala 3
CHORUS LINE
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

7.ª Arte
— T. 730715
SILVERADO
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Star
— T. 804210
DIVÓRCIO EM HOLLYWOOD
(maiores 12 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Terminal
— T. 371573
OS GOONIES
(maiores 6 anos)
13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Tivoli
— T. 570595
O MISTÉRIO DE UM RAPTO
(m. 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim
T. 706666
A TESTEMUNHA
(maiores 12 anos)
15.00, 17.30 e 21.45 h

Xenon
T. 368480
O DESPERTAR DA ADOLESCÊNCIA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Zodiaco
— T. 570151
OS BÓLIDES DA MORTE
(int. 13 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h
O CONTRABANDISTA
(int. men. 13 anos)
24.00 h

Linha de Sintra

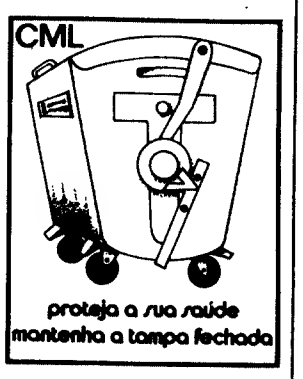
AMADORA — Cinestúdio — «Cocoon – A Aventura dos Corais Perdidos», às 15.30, 18.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)
AMADORA — Cineteatro Lido — «O Último Guerreiro do Espaço», às 15.30 e 21.30 (maiores 12 anos)
AMADORA — Babilónia — «Mad Max – Alem da Copula do Trovão», às 15.15, 18.15 e 21.30 h (maiores 12 anos)
CACÉM — Cinestúdio Flores — «A Atracção do Perigo», às 15.00 e 21.30 h (maiores 12 anos)
MEM MARTINS — Cine Teatro Chaby«Descanso»

Linha de Cascais

CASINO ESTORIL – «A Floresta Esmeralda», às 17 e 21.15 h (m. 12 anos)
ALGÉS — Cinema 2000 «Ladroes de Automoveis» as 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

Outra Banda

ALMADA — Academia — «Por favor não matem o artista», às 15.30 e 21.30 h (não acons. men. 13 anos)
ALMADA — Incrível — «Direitos de mãe», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)
PAVILHÃO JARDIM (Trafaria) — «Perseguição alucinante», às 21.30 h (maiores 13 anos)



NÃO FUME EM RECINTOS FECHADOS

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE — ALCÂNTARA: Nogueira, R. de Alcântara, 5-A-B (T. 637563); **BAIRRO ALTO: Pinharanda**, R. da Rosa, 94-96 (T. 321534); **CAMPO DE OURIQUE: Porfírio**, R. Francisco Metrass, 59-B (T. 663349); **CHELAS - COLÉGIO VALSASSINA: Santos Silva**, zona n.º 2, Chelas, bloco III, lote 226, loja 22 (T. 851265); **CHILE: Bastos**, R. Morais Soares, 91-D (T. 844350); **CONDE REDONDO: Salus**, R. Luciano Cordeiro, 73 (T. 542239); **ENCARNAÇÃO: Ascenso**, P. do Norte, 11-A (T. 311216); **FRENTE À FEIRA POPULAR - AVENIDA DA REPÚBLICA: Alcântara**, Av. da República, 74-A (T. 771379); **PRAÇA DE LONDRES: Imperial**, Av. Guerra Junqueiro, 30-B (T. 886860); **SÃO DOMINGOS DE BENFICA: Sousa**, E. de Benfica, 429-436 (T. 780027 / 789985); **SÃO SEBASTIÃO: L. S. São Sebastião da Pedreira, 1-3 (T. 548642); TELHEIRAS -QUINTA DE SÃO VICENTE: Quejas**, R. Prof. Francisco Gentil, Edifício E-1, loja 21 (T. 7584144); **COLINA DO SOL -BRANDOA - AMADORA: Vidal Reis**, Urbanização Alfornelos, célula G, lote 35 (T. 996540); **ODIVELAS: Leitão**, R. Guilherme Gomes Fernandes, 62 (T. 9810051); **PONTINHA — Cruz Correia**, E. de Santo Elói, 41-A (T. 992453).

REFORÇO — ALVALADE -AVENIDA DO BRASIL: Marbel, Av. de Roma, 631-A (T. 776235); **ANJOS - CHILE: Castro**, Av. Almirante Reis, 76-A (T. 821973); **BENFICA -BAIRRO DAS PEDRALVAS: Gouveia**, R. Augusto Costa (Costinha), lote 4, loA, Dt.ª (T. 707500); **CAMINHOS DE FERRO: Vilalobos Santos**, R. da Cruz de Santa Apolonia, 90-92 (T. 847019); **CASTELO: Bastos Andrade**, C. de Santo André, 107 (T. 860450); **LAPA: Neves**, R. da Bela Vista à Lapa, 37 (T. 661251); **PICHELEIRA: Marluz**, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **REGO: G. Silva**, R. Francisco Tomás da Costa, 3-A-C (T. 771873); **RIO SECO: Biotifar**, R. D. João de Castro, 27-B (T. 638824); **ROMA -Teatro Maria Matos: São João de Deus**, R. Pedro Ivo, 1-A-B (T. 885140); **SALDANHA: Cardeira**, Av. Duque de Ávila, 32-C (T. 543495); **BURACA - AMADORA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda — ALMADA: Central, R. de Olivença, 11-B (T. 2750504). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Avelar da Silva**, R. Dr. Alberto Araújo, 19-A (T. 2750337). Permanente; **COSTA DE CAPARICA: Carlos**, Av. do Mar, 34-A (T. 2401060). Até às 19 horas; **MONTE DE CAPARICA: Guerreiro**, lote 31, IJ, Moinho (T. 2950727). Até às 19 horas; **LARANJEIRO: Tovar Chaves**, R. Dr. António Elvas, 104-D, Feijó (T. 2296119). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Lopes**, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028). Até às 19 horas; **LAVRADIO: Parreira**, R. D. Silva Cristino, 15-A, r/c (T. 2042016). Até às 19 horas; **BARREIRO: Mascarenhas Neto**, R. D. Francisca Azambuja (T. 2074446). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Teixeira**, B. de Moçambique, 84-B (T. 2040946). Até às 19 horas; **CORROIOS: Abreu Cardoso**, B. Cidade de Setúbal, 1-B (T. 2291192). Até às 19 horas; **AMORA: Matos Lopes**, R. 1.º de Maio, lote 401 (T. 2216355). Até às 22 horas; **SEIXAL: Soromenho**, R. Paiva Coelho, 38 (T. 2213560). Até às 22 horas; **MONTIJO: Moderna**, R. Bulhão Pato, 60 (T. 2310156). Até às 22 horas; **MOITA: União Moitense**, Av. dr. Teófilo Braga (T. 239025). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Portugal**, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 2040250). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Nunes**, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 234137). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Fuzeta**. Permanente; **Saião**, Av. da Portela, 55 (T. 22709). Permanente; **Normal do Sul**, P. do Bocage, 137 (T. 2216). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGÉS Miramar, R. Ernesto Silva, 83 (T. 2112048). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Melo**, R. D. Diogo Couto, lote 182 (T. 4191697). Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS: Pargana**, Av. Eng. Bonneville Franco (T. 2435147). Permanente; **OEIRAS: Oeiras**, L. Henrique de Paiva Couceiro (T. 2430485). Até às 22 horas; **CARCAVELOS: Vilar**, Av. Maria da Conceição, lote B (T. 2470777). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PAREDE: Aisir**, Av. Gago Coutinho (T. 2472948). Permanente; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE: Imani**, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **ALTO DO ESTORIL: Marques dos Santos**, R. Ferreira J. A., 15 (T. 260116). Até às 22 horas; **CASCAIS: Marginal**, Av. Marginal (T. 280078). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: Dias e Brito, Av. Marquês de Pombal, 45-A (T. 4940118). Permanente; **Carmele**, R. Elias Garcia, lote 28 (T. 4933303). Até às 22 horas; **DAMAIA: D. João V**, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (T. 970461). Até às 22 horas; **QUELUZ: Simões**, Av. Elias Garcia, 51 (T. 950123). Até às 22 horas; **CAMARATE: Flores**, Av. das Forçau Armadas, Vivenda Mor, Catujal (T. 2510850). Até às 19 horas; **CACÉM: Central**, R. Elias Garcia, 55 (T. 9240034). Permanente; **MEM MARTINS: Química**, E. de Mem Martins, 285 (T. 9210012). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RIO DE MOURO: Riomouro**, Av. Óscar Monteiro Torres, 6 (T. 9260194). Até às 22 horas; **COLARES: Abreja** (T. 9290088); **SÃO PEDRO DE SINTRA: Valentim** (T. 9230456). Permanente.

Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Banha, Av. de Moscavide, 22-A (T. 2518518). Permanente; **SACAVÉM: Lourenço**, Av. Almirante Reis, 31 (T. 2518151). Até às 22 horas; **LOURES: Saraiva**, Av. da República, 86 (T. 9830027). Até às 22 horas.

TEATROS

ABC

Parque Mayer — Tel. 36 67 45

De terça a sábado, à 21.45; sábados, domingos e feriados, às 16.00

«**ARSÉNICO E RENDAS VELHAS**». Original de Joseph Kesulrind. Versão portuguesa de César de Oliveira, Gaspar Fiuza e Carlos César. Intérpretes: Maria Helena Matos, Carlos Quinas, Camacho Costa e Luísa Barbosa.

Teatro Aberto

P. de Espanha — Tel. 770969

Quintas, sextas e sábados, às 21.45; aos domingos às 16.00

«**TU E EU**», de Friecrichtk Zwaecher. Tradução de Vera San-Payo Lemos, José Fanha e João Lourenço. Cenografia de Ângelo Sousa. Música de Pedro Osório.

Comuna

P. de Espanha — Tel. 72 08 18

De terça a sábado, às 21.30; domingos às 17.00

«**AMADIS**», de Abel Neves. Encenação de João Mota. Interpretação: Abel Neves, Alfredo Brissos, Ameno Gonçalves, Amélia Varejão, Amélia Videira, André Nuno, António Melo, Carlos Paulo, Cecília Sousa, Isabel Medina, João Mota, Jorge Loureiro, José Pedro Gomes, Maria Marília, Marques Arede e Paulo Ferreira.

Café Teatro: «PÓ DE PALCO», aos sábados, às 24.00. Espectáculo de Café Teatro. Com Amélia Videira, Carmen Marques, Carlos Paulo, José P. Gomes e Marques Arede (versão renovada).

Teatro Nacional D. Maria II

Rossio — Tel. 37 22 46

Sala Experimental

De terça a sabado, às 21.45; sabados e domingos, às 16.30

«**A CAÇA AO SNARK**». Encenação de Teresa Garcia Fernando, pelo Grupo «Dou-te Tudo e Mais Não Posso».

Salão das Furnas

R. Raul Carapinha (a Sete Rios) — Tel. 76 66 152

Terças, quintas e sextas, às 13.30

«**BOLA DE SABÃO**». Pelo Grupo Papa Léguas.

Teatro Ibérico

R. de Xabregas, 54 — Tel. 382531

De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 17.00

«**BODAS DE SANGUE**», de Lorca. Encenação de Blanco Gil.

Maria Matos

4.ªs, 5.ªs, 6.ªs e sábados e feriados às 21.30; sábados e domingos, às 16.00

«**HEDDA GABLER**». Encenação de Carlos Quevedo e interpretado por Graça Lobo, Rogério Paulo, Henrique Viana, Virgílio Castelo, Carmen Santos, Maria Cristina e Madalena Sotto.

Grupo de Teatro Maizum

R. Poiais de S. Bento, 75
(Casa dos Tabuenses) Tel. 60 18 66

De 4.ª-feira a sábado, às 21.45

TUTANKAMON E A SUA RAINHA, de Adolfo Gutkin. Encenação de Adolfo Gutkin e cenografia de Ana Vieira. Intérpretes: Silvina Pereira e Carlos Paula Vasconcelos.

Teatro Maria Vitória

Parque Mayer — Tel. 37 17 40

De terça a sábado, às 20.30 e 22.45, domingos às 16.00.

A nova fase da revista «**NÃO BATAM MAIS NO ZEZINHO**», original de Henrique Santana. Francisco Nicholson e Mario Zambujal. Interpretado por Eugenio Salvador, Ivone Silva, Henrique Santana, Linda Silva, Carlos Cunha e Maria Armanda

Teatro do Século

R. do Século, 41

Sextas, às 21.30; domingos, às 17.00

«**EMBALAGEM PERDIDA**», de Vera Feyder. Dramaturgia e encenação de Ricardo Marquez. Cenografia de Mário Jorge. Intérpretes: Lucindo Loureiro e Cucha Carvalheiro.

TIL

R. Leão de Oliveira, 1 — Tel. 63 99 74

Sábados, domingos e feriados, às 16.00

«**GALILEU, CONTADOR DE HISTÓRIAS**». Encenação de Kim Cachopo.

Teatro Variedades

Parque Mayer — Tel. 32 60 37

De terça-a domingo, às 21.45; sábado e domingo, às 16.00

«**UM CORONEL EM 2 ACTOS**». Adaptação de Francisco Nicholson. Direcção e encenação de Varela Silva. Cenários de Octávio Clérigo. Interpretado por Camilo de Oliveira, Alina Vaz, António Feio, Paulo Marcelo, Dulce Guimarães e Francisco Nicholson (artista convidado).

Teatro Villaret

Av. Fontes P. de Melo — Tel. 53 85 86

De terça a domingo, às 21.30; domingos, às 16.00

«**POUCO BARULHO**», de Michael Frayn. Encenação e direcção de Varela Silva. Com Nicolau Breyner, Manuela Maria, Morais e Castro, Guida Maria, Victor de Sousa, Rosa do Canto, Isabel Maria, Jorge Nery e Henrique Santos.

Porto — Campo Alegre

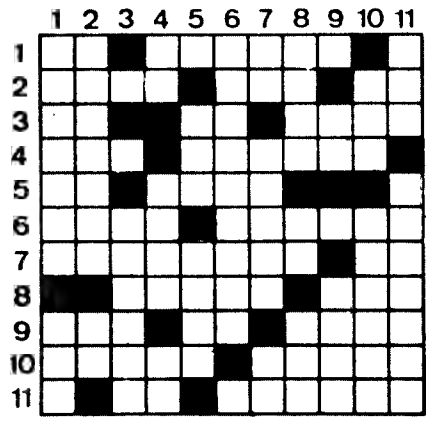
R. Camões, 312, 2.º-A — Tel. 38 21 31

A «Seiva-Trupe» apresenta todas as noitas às 21.45; domingos ás 16.00

«**OS AMOROSOS DA FOZ**» de Camilo Castelo Branco. Encenação de Norberto Barroca, cenografia de Manuel Passos e música de Paulino Garcia.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 15 639



HORIZONTAIS:

1 Artigo definido. Defuntos.
2 Um dos doze profetas menores. Pronome pessoal. Em a.
3 Preposição. Prefixo que designa afastamento. Rio da Alemanha.
4 Chefe etíope. Cultivador
5 Irídio (s.q) Charneca
6 Árvore de cuja madeira se fazem azagaias. Montão.
7 Verdelhão (pássaro). Grande ribeira da Ásia Russa.
8 Antiquado. Ice..
9 Tempo do verbo ir. Preposição e artigo. Introduzi.
10 Estimais. Voltar.
11 Moderato (inv). Recupera.

VERTICAIS:

1 Antipatia. Vazio
2 Adicionaram. Antes do meio-dia.
3 Conjunção. Ave de rapina.
4 Milhitro. Oportunidade. Prefixo de negação.
5 Fedor. Pronome pessoal (pl).
6 Refugo.
7 Tálio (s.q). Líquido para banhos medicinais. Lê.
8 Rio dos Estados Unidos. Duas Vogais desiguais. Mitologia.
9 Serviço nacional. Elemento que entra em algumas palavras com a significação de ar.
10 Recusa. Retrocedem.
11 Igual. Peregrina.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

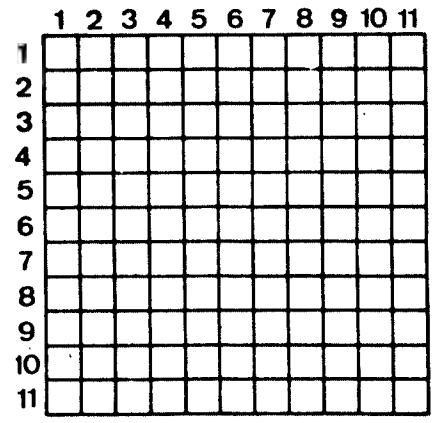
SOLUÇAO DO PROBLEMA

N.º 15 638

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Almas. Pram.	1 Aqui. Lamaco
2 QUEM. Maça.	2 Lu. Sinas.
3 Pós. Sir.	3 Meu. Cp. Mil.
4 Iú. Ce. Aa. Id.	4 Am. Ctar. Mac
5 Cirrose.	5 Pérgula
6 Pag. Abas.	6 Dó. Falun.
7 As Rufas.	7 São. Ás. Rs.
8 Mim. Lãs. Asa.	8 Im. Asas. Cre.
9 Animal. Crer.	9 Aas. Be. Aran
10 CALA. Urra.	10 MCII. Asse.
11 Os. CONSENTE.	11 Ardes. Arme.

PROVÉRBIO: Quem cala consente.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 479



HORIZONTAIS:

1 Deusa das flores e dos jardins. Milho torrado que se reduz a pó temperado com azeite de cheiro e mel de abelhas.
2 Conjunção. Esmurrar.
3 Freguesia do concelho de Oliveira do Bairro. Nome de mulher.
4 Invulgares. Irmão de Moisés.
5 Sigla de Instituto de Selecção e Orientação Profissional, órgão da Fundação Getúlio Vargas. Reis.
6 Rio de França e da Alemanha. Preposição.
7 Remam para trás. Direcções.
8 Tenho forças, coragem para. Magnete natural.
9 Anel. Transpira. Criminoso.
10 Pátria de Abraão. Antiga unidade monetária da Alemanha.
11 Silhueta (fig). Três mil e um em romano.

VERTICAIS:

1 Ilha do Arquipélago dos Açores. Naipe das cartas de jogar.
2 Seguia. Vou em auxílio de.
3 Califa que mandou incendiar a Biblioteca de Alexandria. Alegria.
4 Batráquio. Dás oiro a. Rubídio (s.q).
5 Guarnecêssemos de asas.
6 Larvadas feridas dos animais.
7 Fugiriam ao perigo.
8 Olé. Rio da Sibéria.
9 Transportaram as costas.
10 Ofereceràs.
11 Cidade da Argélia. Tomei sobre mim.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 14 478

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Assa. Noras.	1 Asaras. Isis.
2 Soera. Mas.	2 Socar. Orara.
3 AC. Ruminara.	3 Se. Ala.
4 Ramo. Aparar.	4 Arrombariam.
5 Ab. Moçar. Sr.	5 Au. Assa.
6 Az. Irás.	6 Macias. Sr.
7 Ola. Ao. Rif.	7 Opíparo. Cem.
8 Iraras. Ralo.	8 Nara. Ramo.
9 Sá. Si. Casos.	9 Amar. Sras.
10 Ir. Assem.	10 Saras. Ilo
11 Sá Marmotas.	11 Sarrafos.

Radio

Antena Um

16.00: A gaita dos sete foles; **17.15**: Música portuguesa; **17.30**: Campanha eleitoral; **19.00**: Informação e música; **20.00**: Música portugues; **20.15**: No estúdio e no estádio; **20.30**: A viver também se aprende; **21.00**: Movimento; **21.30**: Imaginário; **23.30**: Último jornal; **24.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

Programa 2

16.00: Música do século XX; **16.25**: «Suite Francesa», n.º 6, em mi maior, de Bach; **16.45**: Árias de óperas; **17.00**: Integrais; **17.30**: Campanha eleitoral; **19.00**: Música; **20.40**: Música orquestral; **21.00**: Música portuguesa; **21.30**: Música sinfónica; **23.10**: Música de câmara; **23.45**: Solos instrumentais; **00.25**: Canções, de Franz Schubert; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Onda Média

15.00: Ré maior; **18.00**: Quiosque; **18.30**: Transmissão do terço; **19.30**: Quando o telefone toca; **20.00**: Conversa de amigos; **21.00**: Encontro; **22.00**: Clube dos coleccionadores; **22.30**: Diário do desporto; **23.00**: Uma casa portuguesa; **23.55**: Meditando.

Onda Média Regional

15.00: As boas tardes da Renascença; **18.00**: Noticiário regional; **18.30**: Ligação à rede nacional.

Voz de Lisboa

15.00: As boas tardes da Renascença; **18.00**: Jornal da região de Lisboa; **18.30**: Transmissão do terço; **19.30**: Sete colinas; **20.00**: Ligação à rede nacional. Noticiários a todas as horas.

FM-Estéreo

19.30: Transmissão do terço; **20.00**: Serra de estrelas; **22.00**: Oceano Pacífico; **23.55**: Boa noite.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Tarde à portuguesa; **17.00**: Rápidodas cinco; **19.00**: Azul e branco; **20.00**: Conta corrente; **21.00**: Musical; **21.30**: Quando o telefone toca; **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Religiosos; **22.30**: Tempo de desporto; **23.00**: Vigésima quarta hora; **02.00**: No calor da noite. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; **16.00**: Som da frente; **17.00**: Pé-de-vento; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Em órbita; **20.00**: Nova geração; **21.00**: Jazzofone; **22.00**: Nunca mais é sábado; **00.00**: Morrison Hotel; **01.00**: No calor da noite. Noticiários de hora a hora.

TELEVISÃO

RTP 1

18.00 — Tempo dos Mais Novos
A emissão de hoje é preenchida com o 43.º e último episódio da série «As Aventuras de Marco Polo».

18.35 — Notícias

18.50 — Curso de Inglês
«Follow Me»

19.20 — Desporto

19.55 — O Livro Grande de Petete
«O Plástico»

20.00 — Telejornal

20.27 — Boletim Meteorológico

20.30 — Campanha Eleitoral para a Presidência da República
Período reservado aos candidatos Lourdes Pintasilgo e Salgado Zenha.

21.05 — Louco Amor
Guilherme convida Muriel a regressar ao seu trabalho na revista «Stampa». Carlinha procura Márcio para lhe contar que ama Lipe e que em breve estarão noivos.

Renata volta, furiosa, da exposição e conta a Agenor que toda a gente a desprezou.

Isa declara a Alfredo que se quer separar dele definitivamente.

Entretanto, Lipe pede Carlinha em casamento, e simultaneamente, Luciana tem uma crise de histerismo quando Gisela lhe confirma este facto.

Nanda diz, delicadamente, a Patrícia que talvez seja bom para ela começar a procurar outro lugar para morar.

21.55 — Actual
Um programa preenchido com entrevistas aos jovens com participarão nas candidaturas presidenciais.

22.50 — Crime, Disse Ela
(19.º episódio): O xerife Amos Tupper dá uma boleia no seu carro a Jessica Fletcher quando ela tem

«As Aventuras de Marco Polo»: hoje o último episódio

de ir fazer um discurso em Maine, Portland. Mas, inesperadamente, o seu carro tem uma avaria, na sequência de uma grande tempestade que se faz sentir e eles não têm outra solução senão apanhar um autocarro. O que não lhes podia passar pela cabeça é que nesse autocarro se encontra um assassino... Produção de Robert F. O'Neill; realização de Walter Grauman. Intérpretes: Ângela Lansbury, Tom Bosley, Terrence Knox, Linda Blair e David Wayne.

23.45 — Último Jornal

RTP 2

19.30 — Desenhos Animados
«O Robin dos Bosques do Espaço»

20.00 — Conheça Melhor
«Canadá, Hoje»: imagens que relatam a realidade económica, social e política do Canadá.

«Crime, disse Ela»: mais um episódio da série policial na RTP-1

20.30 — Homens de Boa Vontade
(2.º episódio): No início do ano de 1900 os dois amigos, Jerphanion e Jallez discutem sobre os novos rumos que hão-de dar às suas vidas para romperem um pouco com a rotina. Enquanto o primeiro ainda está indeciso em aderir à Maçonaria, o segundo, pelo menos, decidiu-se a reconquistar o amor de Juliette Verand. Quanto a Quinette, homem inteligente e estranho, na sequência de um assassínio na sua rua, vai ele também dar livre curso ao seu próprio maquiavelismo...

21.30 — Encontros Com...
Nella Maissa: A pianista Nella Maissa interpreta, ao piano, as seguintes obras de Domingos Bom Tempo:

Sonata Op. 1 e Fantasia e Variações Op. 21 sobre uma ária de Mozart «Soyez Sensible».

Entrevistador: Francisco Sousa Neves

22.30 — Jornal da Noite

«Homens de Boa Vontade»: 2.º episódio na RTP-2

AMANHÃ

RTP 1

12.00 — Notícias
12.05 — Espaço 12/13
12.45 — Notícias
13.00 — Origens
13.35 — Ciclo Preparatório TV
18.00 — Tempo dos Mais Novos
18.35 — Notícias
18.45 — A Forma das Coisas
19.55 — O Livro Grande de Petete
20.00 — Telejornal
20.27 — Boletim Meteorológico
20.30 — Campanha Eleitoral para a Presidência da República
21.55 — Comunicação do Presidente da Comissão Nacional de Eleições
22.00 — Louco Amor
22.40 — Wallenberg
23.30 — Sarilhos Com Elas
00.00 — Último Jornal

RTP 2

19.30 — Desenhos Animados
20.00 — Enquanto é Tempo
20.30 — Espaço Jazz
21.30 — Directo/2
22.30 — Jornal da Noite

CLÍNICA DE TELEVISÃO A CORES SOS CTC
A MELHOR ASSISTÊNCIA AO SEU TELEVISOR E VÍDEO
GARANTIMOS RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
ESTAÇÃO DE SERVIÇO PERMANENTE
T. 88 27 86 - 89 98 26
Av. S. João de Deus 13 B • R. de Macau 8-1.º LISBOA

EMELO INFORMÁTICA
SPECTRUM 48 K
FABRICO INGLÊS
20 900$00
OFERTA MANUAL PORTUGUÊS
JOSÉ DE MELO & SILVA, LDA.
Escritório: R. Bernardim Ribeiro, 15 – cave/dt.º
Loja Zodíaco: R. Conde Redondo, 5 Loja C
Loja Melo: R. Gonçalves Crespo, 18-C (Clube Vídeo)
Tel. Zodíaco: 54 99 04 – Tel. Melo: 52 56 69 – 1100 LISBOA
Demonstrações 3.as e 5.as das 18 às 20 horas

GRUNDIG a segurança de um grande nome
seleccionou para si...
RTP 1 — 22.45 — Crime, Disse Ela
RTP 2 — 21.40 — Encontro Com...
Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO
Rua Bento Jesus Caraça, 17 – Cruz Quebrada – Telef. 4197570

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
01.31 **3,60 m**	07.15 **1,60 m**
13.56 **3,50 m**	19.24 **1,50 m**
Dia 24	
02.13 **3,70 m**	07.55 **1,40 m**
14.37 **3,60 m**	20.02 **1,40 m**

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS:

BRAGANÇA	8º
VIANA DO CASTELO	12º
VILA REAL	9º
PORTO	13º
COIMBRA	10º
CABO CARVOEIRO	14º
CASTELO BRANCO	9º
PORTALEGRE	7º
LISBOA	12º
ÉVORA	9º
BEJA	8º
FARO	9º
SAGRES	13º
PONTA DELGADA	12º
FUNCHAL	15º

Segundo a Rádio Alto Douro

Taxista desaparecido em Amarante terá sido visto em Vila Real

O taxista Carlos Rui Ferreira da Silva, de 21 anos, que, na madrugada de anteontem, desaparecera perto de Mesão Frio, onde conduzira um grupo de clientes apanhados numa «boite» de Amarante, terá sido visto ao fim desta manhã em Vila Real, apresentando ferimentos ligeiros no rosto e no resto do corpo, provodados pelo despiste do carro que conduzia, propriedade do seu pai. A informação foi dada por uma voz feminina para a Rádio Alto Douro, na Régua.

O carro fora encontado na terça-feira de manhã, numa ribanceira próximo de Amarante, apresentando no seu interior vestígios de sangue. Carlos Rui disse que após o acidente, entrara em pânico, com medo de represálias por parte do pai, pois nos últimos meses já tivera outros despistes em serviço.

O pai do jovem, António Pinheiro da Silva, industrial com fortuna pessoal, dissera às autoridades que suspeitava que o filho tinha sido raptado por indivíduos que lhe iriam posteriormente pedir dinheiro pelo seu resgate.

Ao meio da manhã de hoje, a Rádio Comercial, citando o seu correspondente na Régua, referira que a mãe de Carlos Rui tinha sido contactada, via telefone, por um indivíduo que a informara de que o seu filho «estava bem e de que ia seguir para França».

"Rádio Oceano" transmite de bordo de traineira

A cooperativa aveirense de radiodifusão «Rádio Oceano» vai voltar a emitir regularmente na frequência de 105.6 MHZ/FM após alguns meses de silêncio, «de grande utilidade para reflectir sobre a experiência adquirida», segundo responsáveis.

De acordo com elementos da «Rádio Oceano», são seus objectivos a defesa dos principais valores da região aveirense, a intervenção directa no processo de regionalização, a dinamização de actividades existentes na sua área de implantação e o intercâmbio de rádios locais, nacionais ou estrangeiros.

Com personalidade jurídica desde Outubro do ano passado, a cooperativa envolve cerca de três dezenas de pessoas, tendo como sócios fundadores as cooperativas «Grande Plano», Cultural de Gafanha, lacticcop e Agrícola de Vagos, entre outros.

As emissões desta rádio livre começaram em 1980, numa altura em que não existia ainda uma lei regulamentadora dos serviços locais de radiodifusão, o que levou os seus impulsionadores a manter o anonimato, afirmando que emitiam «de bordo de uma traineira situada algures no oceano», o que veio a dar o nome que a cooperativa agora tem — «Rádio Oceano».

Debate em diversas línguas sobre o CCT dos jornalistas

Por iniciativa do Sindicato dos Jornalistas e da Associação dos Correspondentes Estrangeiros em Portugal, efectua-se amanhã, sexta-feira, dia 24, pelas 8 e 30, no Hotel Fénix, um pequeno-almoço de convívio destinado a todos os jornalistas estrangeiros encarregados da cobertura das eleições presidenciais.

O objectivo é divulgar as dificuldades dos jornalistas portugueses em negociar o CTT devido à posição da principal entidade patronal (AID).

Serão também comunicadas aos jornalistas estrangeiros as formas de luta aprovadas pela classe.

Para este pequeno-almoço poliglota estão também convidados os elementos da Comissão Nacional de Greve (órgãos gerentes do SJ, delegados sindicais e Conselhos de Redacção).

/D/E/C/A/R/A/S/

VITORINO NEMÉSIO continua presente na vida cultural portuguesa. A Bertrand Editora publicou mais um volume do romancista de «Mau Tempo no Canal». Diz-nos, na breve introdução, David Mourão-Ferreira que este volume, intitulado «Quase que os vi Viver», reúne páginas que o próprio Vitorino Nemésio escolheu. São «ensaios de natureza biográfico-crítica» sobre Gil Vicente, Bocage, Garrett, Júlio Dinis, Gomes Leal, Cesário Verde, Moniz Barreto, Eugénio de Castro, e um elogio académico de Júlio Dantas a quem Nemésio sucedeu na cadeira n.º 23 de Academia das Ciências de Lisboa. Elogio estatutário, não se esqueça.

SILVA PEREIRA dirigirá a Orquestra Sinfónica de Bayonne em concertos a realizar nos dias 8, 9 e 10 de Fevereiro em Hendaya, Bayonne e Dax, respectivamente. Do programa dos concertos faz parte a obra «Três Esboços Sinfónicos», do compositor português Joly Braga Santos. O convite feito a Silva Pereira para dirigir esta série de concertos decorre de um programa de intercâmbio musical acordado entre o próprio maestro e Daniel Dechico, director da Orquestra Sinfónica de Bayonne.

YELENA BONNER, a mulher do dissidente soviético Andrei Sakharov, foi readmitida no hospital com febre e dores no peito em consequência de uma cirurgia ao coração, declarou um porta-voz do Hospital Geral de Massachusetts. Segundo uma fonte hospitalar foi-lhe diagnosticada uma pericardite, causadora das dores no peito, afecção bastante comum após cirurgias do coração.

RAISA GORBACHOV encabeça a lista das mais bem vestidas do mundo divulgada pelo estilista norte-americano «Mr. Blackwell», estando em segundo lugar a primeira dama norte-americana, Nancy Reagan. O estilista recordou que a mulher de Gorbachov, que inclui nas «fabulosas da moda independente», causou surpresa na Cimeira de Genebra devido ao seu elegante aspecto. «A União Soviética — disse Blackwell — florescerá outra vez, voltará a amar novamente a elegância e vai querer ser a mais bela.» Quanto às mais mal vestidas, o estilista classificou em primeiro lugar a princesa Stephanie de Mónaco, seguida da actriz Joan Collins e da cantora Madonna.

MANOEL DE OLIVEIRA: O documentário «Simpósio Internacional de Escultura em Pedra, Porto 1985», realizado por este cineasta, será exibido terça-feira na Cinemateca, revelou à Anop uma fonte ligada à produção. Este trabalho documental do realizador de «Amor de Perdição» tem uma hora de duração e, como indicou à Anop a mesma fonte, «não se destina ao circuito comercial» mas à exibição na RTP, possivelmente em Março, e em cadeias de Televisão estrangeiras.

ALBERT CAMUS é o autor da peça «Calígula», que a «Comuna» levará à cena em finais de Fevereiro. «Amadis», em cartaz há seis meses no «casarão cor-de-rosa», sede do grupo, terá a sua centésima representação amanhã e no domingo será apresentada pela última vez. Escrita por Abel Neves, encenada por João Mota e interpretada por todo o elenco da Comuna, «Amadis» foi a peça com que o grupo inaugurou a sua nova sala de espectáculos na Praça de Espanha. «Calígula» é uma das mais conhecidas peças de teatro do romancista de «A Peste» e «O Estrangeiro», Prémio Nobel da Literatura em 1957, morto num acidente de viação em 1960, com 47 anos.

Em Portimão

Bomba carnavalesca provoca pânico

A deflagração de uma pequena bomba carnavalesca seguida de incêndio à entrada de um supermercado, na terça-feira ao fim da tarde, causou pânico na principal artéria da cidade de Portimão.

A bomba foi arremessada por um jovem estudante da escola preparatória de Portimão, com onze anos de idade, para o interior de um supermercado situado na Av. 25 de Abril nesta cidade algarvia.

Seguiu-se um incêndio num dos expositores do estabelecimento, cujo proprietário teve tempo ainda para mover para a rua o referido expositor em chamas, evitando assim um sinistro de proporções imprevistas.

As matérias que se encontravam no expositor eram altamente inflamáveis e quando arderam provocaram uma densa nuvem de fumo que cobriu grande parte da artéria que liga os estabelecimentos escolares ao centro da cidade, e numa altura que coincidiu com a saída das aulas.

O fogo foi extinto por vários populares e ainda pelos bombeiros voluntários de Portimão.

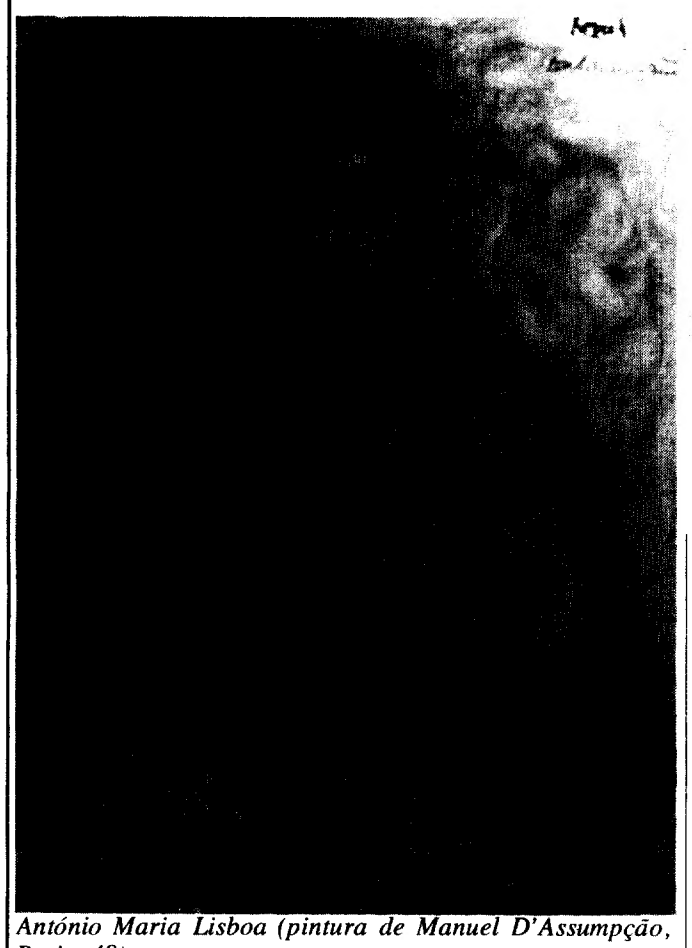
Não houve vítimas a lamentar, mas os prejuízos ascendem a cerca de uma centena de contos.

O jovem autor, inconsciente do sinistro, dada a sua pouca idade, compareceu voluntariamente no local do incêndio, tendo referenciado o nome do estabelecimento que vendeu a bomba carnavalesca, como a loja 23 do centro comercial «Cedi-Praia», situado próximo do supermercado onde ocorreu o incêndio.

Acusada de ter morto o marido

A viúva de um funcionário da Câmara Municipal de Vila Real foi ontem detida pela Polícia Judiciária, como sendo a presumível autora da morte do marido, ocorrida em «circunstâncias estranhas» em 20 de Janeiro de 1985. O óbito de Manuel Augusto Ribeiro Nogueira, de 38 anos, foi confirmado nesse dia no hospital daquela cidade, sem autópsia, tendo o funeral tido lugar 24 horas depois. Na sequência de uma participação feita em Agosto, a Polícia Judiciária de Chaves decidiu exumar o cadáver e proceder à respectiva autópsia. A investigação realizada levou então à descoberta de «elementos comprometedores» para a viúva do funcionário.

Diário de Lisboa
LER ESCREVER
Suplemento literário
N.º 237 • 23 de Janeiro de 1986



António Maria Lisboa (pintura de Manuel D'Assumpção, Paris, 48)

Os Deuses da Nossa Infância

É um menino, de bronze, e chamar-se-á RAA
O que traduzido para português quer dizer: é um menino nascido em 1 de Agosto às 8 horas tem 25 anos (...)
e chama-se António Maria Lisboa.
FIM DO PRIMEIRO DIA
Seus pais são SAGIR e IGASI. (A.M.L.)

A lenda de azuis estrelas traz branda RAA: agora mais do que nunca na mão-cheia da eternidade; poalhada de mercúrio.

RAA esconde detrás da identidade cósmica, o saber que uma Terra viva bem fecundada e brilhante, transmite pela Via Líquida (sangue; linfa; etc.). A rotura da Máscara permite uma visão caótica e complexa nos círculos presentes a uma Ordem; que urge desmistificar, para que assim se complete o trajecto homem — universo e vice-versa. Não que a Mitologia exija tal aventura à qualidade de Andrógino; mas para que haja uma maior fusão no Astro efémero com o coração atento ao Sono e às outras serpentes que aí habitam em Ovos de bronze. Todo o nascimento faz-se pela época de bronze e o autor vai assumir o Sol e trajar a ascendência em Sagir e Igasi.

A infância é frágil como a unha do infinito — o trajecto descende apenas de ritos mágicos e encantações trágicas que detêm, deliram o poeta na sua fenda da Noite — O sol por nascimento é oposto à Noite. O círculo de Nadir funde-se à crescente memória esotérica que vai permitir o poeta assumir uma personna-idade.

A.M.L. no seu tratamento com o mundo Sente o Encanto e flui leve nos raios infinitos da Noite: que cumpre nele mais tarde a Morte e fica a sua magia; isto é, o destino em tocar o fundo do lago.

Há na sua memória marcos fixos donde podem encontrar em Signos Sábios toda a Orientação de uma nave na Estratosfera e cruzar o Ar como dançarino de estrelas feitas em pó azul. Todo o perfume de amante fantástico pode brilhar ao longe e rasgar um «estilete de luz» àquele que segue atento o movimento dos astros de luas envoltas — O seu cavalo morre ao penetrar o Tempo — o grifo guardião é implacável e toda a Metamorfose deixa as suas garras douradas no peito do andrógino — Mas aí ó que felicidade — Isthar cobre com cores suabilíssimas todo o corpo feito de escamas e bebe o leque Oriente em forma de Fusão — a pirâmide é um segredo de camadas seculares que abre uma flor ao Viandante de tesouros lendários; de todos existe Um que é mortal: o túmulo — E aí vai-se encontrar o jovem com o Silêncio na mais bela estrela; imortal esta: com uma Face Apenas — Até à exaustão vai desafiar o andrógino a morte.

Até lá, no entanto, fica o resíduo do Infinito a ser decorado em mágicas estrelas pela luz límpida do Sonho que vai existir na mente desperta do Poeta que tentado pelos mistérios sente a deusa Isis penetrar o seu leque aberto e no fundo do fogo comunga com o Universo.

O sonho pela Idade fica nas estrelas suaves que habitantes do Espaço Etéreo vêm percorrendo nas azuis cabeleiras dos cometas; os astros poéticos em perpétuos brilhos que filtram a passagem do Homem ao Caos nas suas cores que pertencem à primeira gestação e que na tradição helena explodiram na face de prata de Cronos.

A título de exemplo, o sonho esotérico do Poeta pode manifestar-se da seguinte maneira:

A figura do triângulo passa da pirâmide nas suas múltiplas posições e infidáveis direcções nas duas divindades Osíris e Ísis. O pássaro de costas banhadas pelas águas do Nilo é o Selo — assumido pelo Próprio mágico!

Na figura circular da cabala há uma omissão plena (excepto quando o Poeta afirma: A civilização Egípcia é para a Metaciência a PRAIA e a ATLÂNTIDA o «objecto desejado»!) que nem uma pretensa ocultação pode explicar. Qualquer possibilidade do Artista em converter os elementos mágicos no seu olhar ou vice-versa foi decifrada: para numa longa percepção assumir o mito espaço-tempo exterior à quantidade de Deus que nessa altura é um elefante de ouro que ostenta a cicatriz do neófito.

As outras figuras passam a fazer-se uso em ritos mortuários: a Via galáctica é de umbigo a Terra — o Sol Mitra — Raiada de brilho a asa da lua vem tocar o seio de Sagir; donde existem os outros dois lendários pontos de loucura a raiar a lucidez: Amor e Liberdade através da Casa E Mãe — traduzindo-se em perfeita geometria pelo olhar do Chacal (morto à entrada do deserto) e pelo manto de seda a rasgar-se nos cornos de Ouro que a Cabra Azul Estilhaça — para o Nascimento de outras Estrelas ou seja o mundo a cumprir-se.

Continua na pág. 2

ANTÓNIO MARIA LISBOA

O andrógino de manto desbotado

L. Miranda

BREVÍSSIMA explicação: dada a estranha beleza e level neve luar da obra de A.M.L., existe uma profusão de Raios Mágicos a Sentir e Imaginar. Assim expressa-se aqui apenas Um, que não sendo o núcleo traz em si os germes do Infinito.

Uma vez por todas não escrevo para os que não sabem ler! (A.M.L.)

Diário de Lisboa LER ESCREVER

O andrógino de manto desbotado

Continuação da pág. 1

Assim a luz é líquida. As formas da teia construída pelo homem, tornam-se em algo de simples como o Interior do Universo. Chegado a este limite do Véu, o andrógino liberta-se do manto que assinala a sua passagem, mas que apenas é um resíduo do Eterno Anel — que noutras paragens entretanto o Poeta busca defronte da água, com o corpo reflectido na estrela cósmica, o espírito da vibração.

OPERAÇÃO DO SOL

A minha obra não é mais que (...) um começo de iniciação (A.M.L.)

O acto poético é fechado e não aberto, é hermético (A.M.L.)

Vai-se jazer o pensamento em grupo de constelações nascidas da fusão do primeiro e do segundo e do terceiro — brilhante Serpente Bicéfala que habita o sono do Universo. Essa antiga e futura Mortalha vem de ciclos a ciclos nos seus anéis azuis atravessar a sombra do homem e seguir o Movimento em selos dourados! Crava-se o coração e o Sol Nasce — ali pelas ondas do oceano — o lendário cavaleiro com a sua face de bronze termina a sua idade; a máscara rasgada; o vento cobre a face: os limites de ouro iluminam-se em Sol: Aqui a Morte já foi — Ó terra de quartzo: onde estão os meus sonhos senão na tua luz; agora fria com o meu manto golpeado com a minha coroa rente à cimitarra da Noite que se prepara para me cortar a Garganta! Uma fina luz tinge-me ainda de azul o meu corpo e o meu espírito antepassado morreu numa pedra que uma estrela pousou no fundo do lago como uma criança que olhou o Sol — RAA já estava morto antes de ser! O Futuro o disse! as tatuagens órficas da poesia detiveram o fluxo! Quando a maçã me tocou já o Eco de Cristal me fendia o Universo e grandes deusas e cores azuis e rosas subiam o meu pensamento! Agora o túmulo abraça-me e beija-me até ao fim da Morte — O Gelo fascinante metamorfoseava-se em Líquido Sol; depois flor e assim eterno.

Quando A Noite eclodiu a dança sagrada iniciou-se! Ali na margem do rio Eufrates uma pétala azul era um monte de cinza branca! Um esquife d'esmeraldas tinha inscrito na face do Sol um corpo d'andrógino: os símbolos luares estavam fechados na mão esquerda e SAGIR bela e infinita princesa do ventre sorria enquanto uma lágrima do loto nascia-lhe no lago que ela usava nos olhos sem fim.

O corpo foi deitado no rio e no Infinito Seguir! Agora que o sol tatuou a morte deste Guerreiro o limbo traz em Noite Cinquenta a memória desse Fim — o último dia tinha o elmo d'Igasi — A cinza branca reuniu as matizes de prata azul e ouro etc.

As borboletas egípcias dentro das asas que ligam a pirâmide de gargantilha de seda amarela ao príncipe da Atlântida com o Cavalo Azul deitado em Oceano que o grego também desejou tocar; ali com a mão de sete dedos.

O sol foi morto! O sol foi Terra — a vibração longa estendeu-se e partiu-se; o filho gera a Loucura com a sua serpente bicerebral.

O grifo que guarda o teu túmulo tem mais de mil anos. Foi o que um dia te cravou as garras d'ouro no peito. Foi o que um dia será chuva e depois flor e depois será tu! Aí no Anel do Sol a Riscar o Azul com mergulhos mágicos e saltos vaporosos; aí os elementos na tua alquimia a metaciência no teu epitáfio d'esfinge magra.

COR

Pedro Alvim

Tão
sentada
estás
assim vestida!

Lábio
eu chame
o teu interior

Teu nome
o avesso é
das roupas
que te vestem.

— e tu
me respondas
em súbita cor!

Solilóquio de Greco no enterro do Conde de Orgaz

A Jean-Paul Marquet

Antonio Osório

QUATROCENTOS anos depois, importa-me
digam ser a minha a arte
do desmembramento e ascensão nucleares,
levítica, alienada? Ou alguém hesite
pelos séculos entre este finado e as Meninas
de Velázquez? Quantos apaixonei por mim
ao unir terra e céu na mesma fraternidade mal-afortunada,
ao tornar aderente a divindade
como fruto que conserva parte da sua flor
e espoliar-me do quinto sigilo,
dos mortos pela palavra de Deus e por seu testemunho.

Amigos, os sinais fúnebres, Jorge Manuel,
único filho, com a insciência e garbo
de seus oito anos, e sobre o Anjo recolhendo a alma,
a Virgem, minha mulher, Jerónima,
entre Deus e todos os seus Santos.
Essa que pintei com pele de arminho
e cujo cálido rosto pervive com dureza de lioz,
igual quando a possuí e sempre
assumindo a feição da Mãe de Cristo:
fiel a ambas, fiel a nuvens, mãos aladas

E olho, miraculado, os visitantes de Toledo,
turbas passam, tártaros indiferentes
nesta capela onde sou eu quem dá
a proporção cósmica da beleza.
A eles amo por seu bafo
poluente, mas vivo, e mais aos que me querem
na dúvida de crer ou na mortificação da Graça,
que foi minha. Como desejo ao Tejo
corra com o meu verde, mais exaltado,
e que as casas toledanas mantenham
a cor entre palha e barro, burel de apóstolos,
comunicada pelo restolho na planura.

A alma é sombra, um sonho.
Assim figurei vida e morte,
sem descaminho, sem o terrível cheiro dos lobos,
ambas perdurando além de toda a mudança.

(De «O lugar do amor»/Moraes Editores)

MARIA TERESA HO

"Cri

A mãe dá de beber à filha. Esta, perante o odor («um cheiro á mesmo tempo doce e quente»), recorda o leite materno... É clara explanação do elo íntimo e sensual que liga a filha à mãe gico e poético conto («Cristina») de Maria Teresa Horta. Con der, se espelham encantatoriamente os fantasmas de certos es detenhamo-nos um pouco no conteúdo desta estória para que a sua inquie à vertigem. Ao metálico fascínio que vivi ao lê-la. À beira dum rio duas m fruem, através dos corpos, o prazer dos sentidos despertos na mútua p a natureza. Criando-se entre elas uma serena permuta onde o fantástico e sa a água fresca no côncavo das mãos pálidas da mãe. (...). Foi quando voltou de um salto e viu a cobra a deslizar.

(...) Riu aliviada, desdobrando as suas pequenas asas transparentes nu trelaçam naturalmente.

Quem são estes femininos seres?

Em primeiro lugar, matéria animada pelo físico prazer do tacto. Assim, lê-se (acerca da mãe): «Quando mergulhou no gelo da água foi um fio cortante de faca a subir-lhe pelo corpo, arredondando-se-lhe no ventre a fazer crescer um fogo bom entre as pernas». «Em segundo lugar, entes em confronto com a maquinização de uma exterioridade que, de longe, as espia. Ameaça. E a mãe tem consciência disso quando acorda do sono marcado pelo pesadelo que lhe rouba o sonhado — a harmonia simples descrita anteriormente, isto é», os momentos fotográficos que abrem o conto e este meu comentário.

Lavínia, a dormir, projecta-nos o seu amor maternal quando nos mostra o paradisíaco universo de sons, cheiros e cores que ela vê por de dentro do seu dormir (a mãe a dar de beber

col. fantás

MARIA TERESA HOR

CRISTINA

edições rolim

RTA

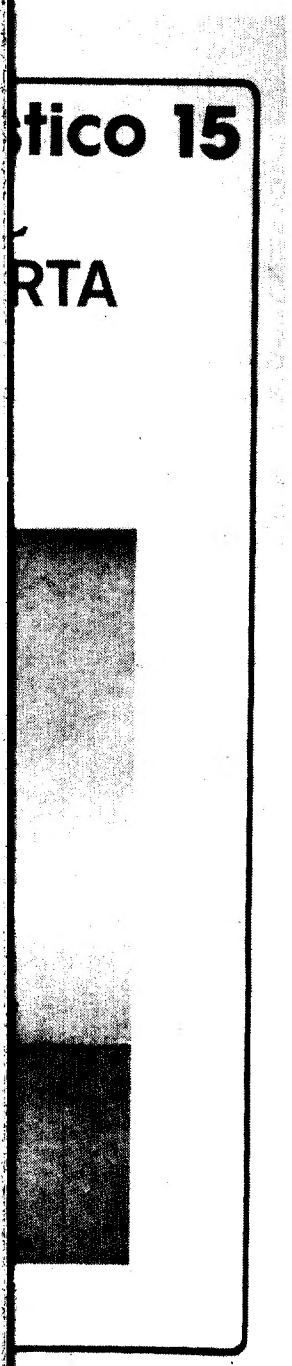
Ana Paula Portugal

istina"

ácido a ervas e a musgo ao
a partir desta descrição, a
ãe, que se desenvolve o má-
nto no qual, em meu enten-
scritos (1) da autora. Mas,
ietante beleza vos toque até
mulheres (mãe e filha) usu-
lha feita em contacto com
o poético («Bebeu sequio-
ouviu o curto silvo que se

um riso solto e alto.») se en-

ilha...), paradisíaco universo
e é interrompido pela intro-
ção do medo (a criança é
neaçada) no sono da mulher
e acorda aterrorizada.
«Quando acordava Lavínia
o se lembrava logo do que
nhara (...). Rolava de um lado
ra o outro da cama, aterrada.»
lê-se em «Cristina».
Lavínia vive obcecada pela
ha. Receia por ela. Daí os
us inquietantes sonhos/pesa-
os. Porém, a filha tem so-
os deliciosos onde erotica-



mente se liga à mãe. E só «quando acordava sabia que tudo tinha sido um sonho, que a mãe lhe proibia o corpo. Lhe dava os frutos e bagas do deserto para comer. A fazerem crescer sucos diferentes na língua». «Contudo, chegado foi o tempo de a criança se separar da mãe. De se defrontar com o perigo, pela sua progenitora, receado. De o reconhecer na companhia da serpente que nunca abandonava: «A serpente primeiro ouviu o ruído: uma espécie de zunido metálico e vidro. Quase ao mesmo tempo sentiu o sangue da criança correr mais depressa.(...). A serpente(...) descobriu o olhar cruel dos homens cercando o espaço(...) na maligna transparência da nave(...).»

Assustada, a menina regressa à mãe. «E poisou num sacão de choro, mesmo aos pés da mãe que logo a segurou nos braços e a tomou ao peito, ansiosa, cheirando, cheirando a areia seca do deserto e sumo de bagos selvagens. Os bicos dos seios apertados, entumescidos e grossos, a deixarem escapar por seu lado um odor macio. Parecido com o do vapor, o do nevoeiro desprendido dos lagos, (...).

Num jogo entre o real (Lavínia, a mulher povoada de delirantes pensamentos onde o imaginário se apresenta como a ruptura entre a lucidez e a loucura, está patente em todo o universo fantástico da sua inexistente, porque ficcionada, relação com a filha nas situações descritas quer como produto do seu sono, quer como o produto do seu atribulado psíquico) e o ficcionado (onde se nota a influência da chamada ficção científica — a nave, a serpente) se esclarece a história de uma mulher (Cristina) que permanece num hospital psiquiátrico, esquecida da sua identidade. Lavínia, agora, é Cristina...

Um livro mágico é este, digo: E mergulho nas imagens que constantemente nos oferece como se nos encontrássemos numa sala de teatro. A fazer parte activa de um corpo vivo (é-o «Cristina»), onde a figura feminina se ergue com empática e estonteante universalidade. Individualidade captada na sua essência, Lavínia ou Cristina (que importa a mudança de identidade quando o que se questiona é o estar no mundo da MULHER?), ela desperta em nós o reconhecimento. O descobrir na Outra a nossa própria existência.

Assim, não é por acaso que o fantástico da nave (ocupada por Homens que destroem a floresta) surge neste fragmentado enredo como o símbolo do masculino violador do espaço feminino. É por causa do homem que Lavínia submerge na loucura, receia por si e pela criança.

Afirmei eu que «Cristina» é um livro mágico. De um resplandescente mimetismo difusor de serenidade (o ambiente «naif» que, idealmente, é a relação da mãe e filha na natureza) e de angústia. E esta ingenuidade (de pureza primordial) é atravessada por uma espécie de escrita (2) que, contrariamente ao que acontece em certos escritores, se personaliza pela poética grafia de Maria Teresa Horta. Este livro é daqueles que agrada só pela musicalidade que dele se desprende. Ele é a imagem poética a entrar-nos pelo corpo. A penetrar-nos com a naturalidade com que nos embrenhamos num oceano gélido e límpido... E pode ser apenas isso (e já é tanto neste universo literário onde o imaginário se me apresenta como um impotente macho a rebolar pelo desespero da sua perda de virilidade) para aqueles que não forem capazes de inteligir a mensagem que nos atira. Mensagem ácida e que, contudo, nos deixa na boca o sabor dos tamarinos.

Nos força a lê-la e relê-la, cada vez mais lentamente, para que o travo que nos deixa na boca seja apreciado por todos os nossos sentidos.

E o curioso é que ao longo de «Cristina» se repetem os fantasmas e delícias (como ela descreve o espraiar da matéria entregue à comprazível busca sensual! Como ela faz da sexualidade a natural porta que nos abre cosmos resplandescentes de multicolor luminosidade!) da escrita da autora. Só que se repetem com a criatividade vivificante do fluir das estações.

É com um olhar diferente que lemos «Cristina», embora nele se espelhem os temas de outros livros da autora. O mesmo olhar que dirigimos à nascente Primavera. Como se, ao percebê-la na atmosfera, ela nos desse o prazer do reencontro da favorita estação do ano. Mas um prazer onde o retorno tem a sedução da incessante renovação de tudo o que É.

Ler «Cristina» (e nisto Maria Teresa Horta consegue ser genialmente surpreendente) é apreender essencialmente a mulher e rendermo-nos à revelação do modo de ser estético em toda a sua plenitude.

(1) «Ema» (Ed. Rolim); «Com a Mão Firme e Doce» in «Fantástico no Feminino» (Ed. Rolim) e «Transfert» **in «Feminino Plural» (Ed. Bertrand).**

(2) A ficção científica de Clifford D. Simak in «O Mundo Do Caos»/Ver o capítulo em que Lansing é lançado na floresta por uma «slot machine» (Ed. Livros Do Brasil). Ursula Le Guin. Ler «Floresta É o Nome Do Mundo» (Ed. Europa-América)/Ler também o conto de Maria Teresa Horta incluído em «Feminino Plural».

«O Ardina», guache, 1985

ANTÓNIO CARMO

Uma poética do quotidiano

«A Arte é o Homem somado à Natureza.» (Matisse)

NA forma de armadilha que é o nosso imaginário e na ilusão estendida à memória do mundo e das coisas se encontra o modo pessoal de pela curiosidade e inquietação se alterar ou entender a «realidade» que nos envolve. Mas o pintor não faz isso de ânimo leve nem no desinteresse de valores que melhor reformulam uma correcta visão do mundo. Não desejando que a arte seja simples ou repetitiva «imitação da vida», avança pelo caminho das próprias descobertas, reinventa os sinais visíveis da realidade, transpõe pela cor e traço os valores picturais da arte como símbolos flagrantes de vida. E assim essa «descoberta» se elabora como sistema relacionado de perto e por dentro com a experiência vivida, sentida e observada. A vocação do pintor para metamorfosear a realidade das coisas é (ainda) o lado oculto de exprimir toda a soma de problemas, consolidar uma arte que seja claramente **significante,** se desdobre no subentendido plano de o «real» ser mais «imaginário» e se aproximar da absoluta realidade.

Ora, na estreita relação que desvendamos entre o real e o imaginário, só nos resta contemplar esse mundo poetizado de gentes e paisagens e um quotidiano reinventado em imagens suavizadas nas manchas e cores extremamente vivas e quentes que se oferecem ao comprazimento do olhar. Na elementar e imediata captação da vida, na simplicidade formal que se observa nos seus quadros, na linearidade das formas e cores que denunciam e protestam, cativam e emocionam, a pintura de António Carmo revela-se assim como atitude depurada e acentuadamente decorativa de fixar os seus próprios «modelos»: é por aí que a vida e o mundo se retratam nos desenhos, óleos e guaches, em desafio e inquietação de um outro olhar posto sobre a «realidade» valorizada ou redescoberta nos sinais objectivos de ser uma **poética** do quotidiano.

Revelando-se como actualidade e permanência «ilustrativa» da vida e das suas sombras, das gentes e dos seus ofícios, dos símbolos e mitos que assumem outra força quando se não associam à referência directa de lugares ou motivos de pintura, a arte de António Carmo impõe-se hoje como forma pessoalíssima de ser uma expressão nitidamente **naif** de entender a vida e as pessoas no sentido mais expressivo e visível, como se observa na série de 21 guaches em exposição na «Galeria S. Mamede», em Novembro passado, em Lisboa. Mesmo na insistência dos seus «modelos» ou na intenção de captar esse quotidiano, o que nos sobra, no cromatismo delicado e quente de azuis e verdes, ocres e brancos, é ainda esse propósito de **poetizar** o nosso «imaginário» pela força de uma arte humanizada em valores e formas de nítida afirmação como pintura.

Serafim Ferreira

Nota por escrito

ALGUNS escritores — particularmente escritores para crianças — dão-me conta, com entusiasmo, das suas andanças por esse país, de escola em escola, ao encontro dos seus leitores. Na maioria dos casos, vão por iniciativa dos professores mas já tem acontecido que são as próprias turmas (com abaixo-assinado e tudo...) que tudo tratam e resolvem.

Mesmo neste último exemplo, claro, quase tudo se deve à maneira como os educadores dinamizam o amor pelos livros de qualidade, o gosto pela leitura, enfim, essa imensa riqueza que jamais se perderá. De livros sei que são lidos na aula e aí apreciados nos seus múltiplos problemas literários ou sociais.

Esses professores estão cumprindo a missão primeira de que devem ser investidos: fazer amar a nossa língua, levar as crianças a usá-la bem, com eficácia e com beleza.

Muitos de nós se lembram horrorizados dos negregados tempos em que as aulas de Português se resumiam a uma espécie de lição de anatomia. Do empinanço das conjunções até aos assaltos morfológicos terroristas, valia tudo. Para o futuro, palha ficava muita, trigo ficava muito pouco.

Mas ah!, infelizmente o furor burocrático não desapareceu de todo. Apenas, em certos casos, mudou de terreno. Agora, dá-lhe pró inteligente, para o generativo, para o universitário. Com esquemas e tudo. Labiríntico. O significante e o significado andam por ali em tremendas lutas de sintagmas que devoram as pobres crianças com a sofreguidão do lobo na Menina do Capuchinho Vermelho.

Os alunos ficarão certamente a conhecer os nomes das peças do motor, mas desconfio que não usarão esse motor para as grandes e maravilhosas viagens à emoção, à realidade social, à inteligência.

Não se condena o abandono completo das armas qualificadas para a análise e aprofundamento da obra escrita. Condene-se o seu abuso e lamente-se o que se encontra na origem do processo: tratar-se-á, em geral, de professores que não gostam de ler, que não lêem — e que por isso transmitem, não o amor, mas a manga de alpaca, com o álibi de um programa sobrecarregado.

Termino como principiei: com o louvor de tantos professores que ensinam com os olhos voltados para o lado donde o Sol nasce. Em verdade, em verdade vos digo que por aí a nossa Pátria soberanamente caminha.

M.C.

Diário de Lisboa LER ESCREVER

Lido e a Ler

"Casa: o seu desenho" de Fernando Guimarães

Luís Miranda Rocha

SE acaso se nos pusesse aqui a questão de dizermos qual terá sido, em nossa opinião, o melhor (o mais importante, o mais significativo, o mais representativo) livro de poesia publicado no ano de 1985, diríamos, talvez, que foi **Casa: o seu Desenho,** de Fernando Guimarães (Imprensa Nacional-Casa da Moeda).

Não cabe aqui falar do livro com um mínimo de detenção. Todavia, e embora com ligeireza, será sempre possível dizer, a propósito, duas ou três coisas mais ou menos pertinentes.

Não é hábito Fernando Guimarães ser, como poeta, nome muito falado — pela crítica, desde logo. Tanto se deve, por certo, à discrição que lhe tem caracterizado os aparecimentos, e, por conseguinte, a presença entre as referências nominais que mais ocorrem quando se trata da poesia portuguesa de hoje.

Fernando Guimarães vem dos anos 50, e nessa década publicou os seus dois primeiros livros: **A Face Junto ao Vento** (56) e **Os Habitantes do Amor** (59). Ressurge doze anos depois, em 71, com **As Mãos Inteiras.** Em 75, os **Três Poemas são título novo para livro que reúne os dois primeiros livros e uma sequência inédita, Como Lavrar a Terra. Mito** é um poema breve, publicado em plaquete em 78. Em 81, **Poesia** 1952-1980) reúne toda a obra poética do autor até então publicada, mais duas sequências ainda inéditas: **Nome** e **De Onde Vimos? Quem Somos? Para Onde Vamos?**

Casa: o seu Desenho, agora, que representa, em relação ao conjunto da obra reunida em livro há quatro ou cinco anos?

Antes de mais, uma intensificação — do labor verbal, metafórico, e, sobretudo, imaginístico. As dimensões do conjunto que é o livro sugerem-no desde logo. E a estrutura e a ordenação não menos. E, pode-se dizer, um macropoema, composto de micropoemas, estes na forma de sonetos, aquele, principalmente, na de sequência ou série de sonetos. O soneto não era, até aqui, muito frequente, na prática poética de Fernando Guimarães. A concentração (a condensação e o rigor construtivo) que exige — dará uma ideia da inflexão que aqui se faz.

As séries ou sequências são separadas por poemas de outro âmbito e outro fôlego discursivos, outra estrutura ou forma textual —, ou prosas reflexivas aparentemente a propósito duma série ou sequência, articulando-a com a seguinte.

Enquanto todo o livro é quase tão vasto como a totalidade da obra que o autor tinha publicado até agora.

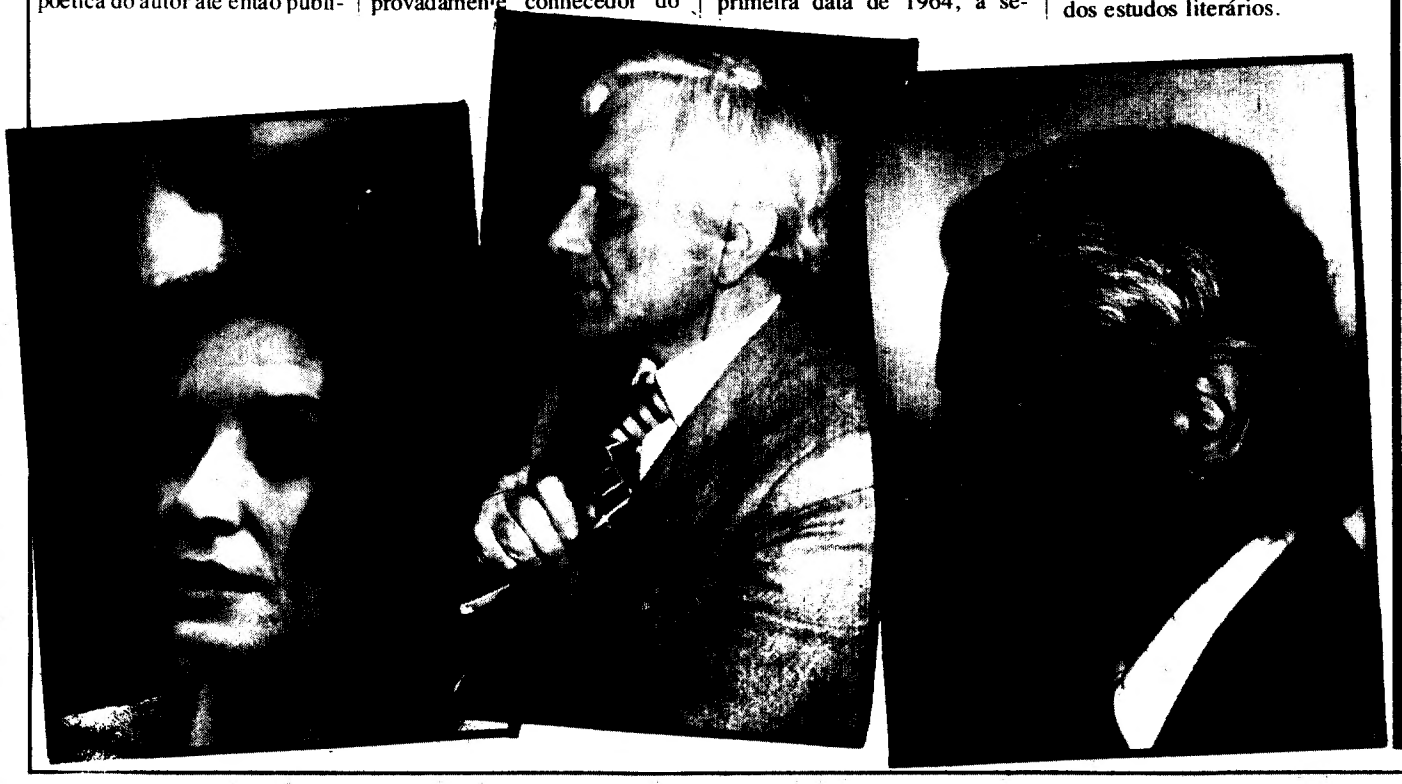
Por vezes, ter-se-á a impressão de que os mecanismos verbais funcionam aqui repetitivamente. Tal, todavia, corresponderá mais a propósito devidamente ponderado. De resto, Fernando Guimarães é um poeta provadamente conhecedor do seu ofício, consciente dos problemas da poética e capaz de os tratar resolutamente no seu próprio trabalho.

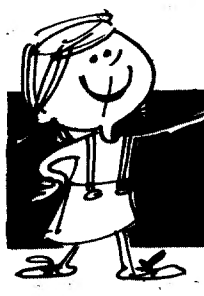
Mais não cabe aqui dizer, a não ser talvez só mais isto. É uma obra que se nos propõe com uma impressiva gravidade de tom ou inflexão. O que se prenderá com os temas mais intensamente assumidos — e os assuntos mais intensamente tematizados: o amor, a morte, o ser, a linguagem, o real, o mundo, o corpo, a vida, a cultura e, como fundo, o tempo, o espaço, a contemporaneidade, a história.

MARGARIDA CARPINTEIRO: «Ninguém morre de véspera» (Ed. Rolim, col. Fantástico). Saiu há meses e andou semanas na lista dos mais vendidos. Sucesso junto do público, digamos assim. A tendência será para reduzir a importância que isto possa ter, mas, no caso, é preciso dizer que o livro suporta uma maior exigência de leitura, apesar da pouca clareza das assumpções temáticas que nele se fazem ao nível de narrativa e da relativa debilidade da sua elaboração escritural. Pode-se passar sem ler (este livro como tantos outros), mas tomar conhecimento é pouco — e o livro (de estreia) da autora é, pelo menos, muito mais interessante do que tantas outras coisas que se nos propõem como representativas da mais recente novelística portuguesa.

ORLANDO DA COSTA: «Podem chamar-me Eurídice». Terceira edição, na Ulmeiro. A primeira data de 1964, a segunda de 1974. Em 64 já pareceria, por certo, trabalho de escrita narrativa um tanto mais sintonizado ainda com as (não muito fortes) exigências (processuais, técnicas, ou formais) do neo-realismo, e menos com certo espírito de outra modernidade que então começava a alastrar e a ganhar a prática de inúmeros escritores. Mas propôs-se sempre (o livro de Orlando da Costa) com outros motivos de interesse acima desses, e fê-los valer por razões superiormente legítimas — apoiado também, aliás, por uma extrema correcção estilística aliada a uma nítida clareza de intenções e processos. E ainda hoje se nos apresenta como das melhores (e mais dramáticas) histórias que alguma vez se escreveram dos bastidores do combate e da resistência contra o regime de Salazar. Alexandre Pinheiro Torres fez, para esta reedição, um estimulante estudo sobre o livro, a que chama «um notável romance do **underground** antifascista português». Um livro que vai ganhando uma (difícil) posteridade.

MANUEL FERREIRA: «A Aventura Crioula». Terceira edição, agora na Plátano, de um clássico da ensaística portuguesa dedicada a assuntos africanos (luso-africanos, se preferirmos). No caso, trata-se de Cabo Verde, e, embora o objecto privilegiado de atenções seja a literatura, há uma incursão constante noutras áreas da criação e da cultura — o que toma esta colectânea leitura obrigatória para uma vasta variedade de interesses, para além dos estudos literários.





ESTANTE INFANTIL

ALEXIS TOLSTOÏ

O Pássaro de Fogo

TÍTULO — O Pássaro de Fogo
AUTOR — Alexis Tolstoi
ILUSTRADOR — Elisabeth Ivanovsky
EDITOR — Editorial Verbo

A vida agitada de Alexis Tolstoi permitiu-lhe uma riquíssima experiência que depois veio a transformar em literatura. Mas se para os livrós para adultos deu a veracidade, a História e a biografia, reservou para as crianças aquela imensa capacidade de imaginar, de sonhar.

Talvez fosse tempo de traduzir alguns dos livros que lhe deram renome universal e que constituíram uma excelente «oficina» para todos aqueles escritores que em Portugal se dedicam às crianças. Esperemos com a nossa proverbial paciência **A Infância de Nikita, a Chave de ouro e as fábulas Russas.**

Saboreemos, para já, este **Pássaro de Fogo**, tão inventivo, tão gostosamente e infantilmente verdadeiro. E rendamos graças por se ter entregue a adaptação em português a um escritor como Ricardo Alberty, também dentro do ofício, e que certamente poderia apresentar estes contos no cardápio da sua bibliografia, tanto de autenticamente pessoal e criador pôs nesta versão.

Acompanham **Pássaro de Fogo** cinco outros contos de Máximo Gorki, cinco narrativas de qualidade, admiráveis de sabedoria na tradução da realidade para a invenção. Máximo Gorki não esconde a realidade, a sua dureza e crueldade, mas as marcas que ficam nas crianças não ficam a doer nem a semear pesadelos. Tais contos ficam dentro dos leitores como experiências vividas e não como lições aprendidas. E até nesse aspecto, na arte de ensinar a viver, sem regras de catecismo nem codas moralizantes do blá-blá professoral, têm muito a aprender os escritores para crianças.

Uma boa leitura infantil, a abrir o ano de 1986...

Mário Castrim